

HISTÓRIA, RESISTÊNCIA E PROJETO
EM SIMÕES LOPES NETO

Agemir Bavaresco e Luís Borges

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	2
APRESENTAÇÃO.....	3
Iª - PARTE: O NÚCLEO ÉTICO-META-FÍSICO DO <i>NEGRINHO DO PASTOREIO</i> 5 DE SIMÕES LOPES NETO - AGEMIR BAVARESCO.....	5
INTRODUÇÃO.....	6
1 - A LENDA: O NEGRINHO DO PASTOREIO	8
1.1 - <i>A estrutura da lenda</i>	10
1.2 - <i>O personagem simoniano: a construção de uma identidade plural</i>	13
1.3 - <i>Destaques literário-filosóficos da lenda</i>	16
2 - A LUTA ENTRE O ESTANCIEIRO E O NEGRINHO: UMA PARÁBOLA GAÚCHA DA LUTA ENTRE O SENHOR E O ESCRAVO DE HEGEL.....	22
2.1 - <i>Da comunidade para a sociedade estamentária</i>	23
2.2 - <i>A luta do estancieiro e o Negrinho</i>	27
2.3 - <i>O “escravo mártir” e o gaúcho simoniano</i>	32
3 - O NÚCLEO ÉTICO-META-FÍSICO DO NEGRINHO OU DO GAÚCHO	39
3.1 - <i>“A madrinha de quem não a tem” ou o horizonte metafísico de um povo</i>	40
3.2 - <i>A resistência: “estar de pé”</i>	44
3.3 - <i>O movimento da efetivação da memória popular: “descer e subir”, “achar e reunir sempre de novo”</i>	45
3.4 - <i>Do “foi por aí” ao “é por aí”</i>	46
CONCLUSÃO.....	49
BIBLIOGRAFIA.....	53
IIª - PARTE: HISTÓRIA DA PESQUISA SIMONIANA E ATUALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE SIMÕES LOPES NETO - LUÍS BORGES.....	55
LUÍS BORGES.....	55
1. SIMÕES LOPES NETO REDIVIVO.....	56
2. BREVE TRAJETÓRIA DO RESGATE.....	70
3. NOVO OLHAR SOBRE SIMÕES LOPES NETO.....	89
4. BIBLIOGRAFIA SOBRE SIMÕES LOPES NETO.....	91
4.1 - CAPÍTULOS DE LIVRO.....	91
4.2 - ENSAIOS.....	92
4.3 - JORNAIS.....	94
4.4 - LIVROS.....	97
4.5 - OBRAS DE REFERÊNCIA.....	98
4.6 - TESES.....	99
4.7 - TRECHOS DE LIVROS.....	99

APRESENTAÇÃO

Comemoramos em 2000, os cento e trinta e cinco anos de nascimento do maior escritor regionalista brasileiro. João Simões Lopes Neto, criador de tipos inesquecíveis, como Blau Nunes e Romualdo, faleceu, em Pelotas, pobre, doente e desacreditado, tido como exemplo de homem azarento e fracassado. O tempo, entretanto, havia de reparar essa injustiça. O cuidadoso compilador de *Cancioneiro Guasca* (1910) era dono de uma linguagem muito própria, com cacoetes de pontuação (as reticências) e de expressão (as interjeições) e foi capaz de alargar o sentido do que se tem reconhecido como “escritura regionalista”, mesmo daquela professada por autores ilustres, tais como Afonso Arinos ou Coelho Neto, dando-lhe uma dimensão mais rica e profunda, ultrapassando o mero descritivo ou o pitoresco.

Os contos de Simões Lopes Neto retratam sentimentos e atitudes universais, corporificadas no espécime do gaúcho, não mais aprisionado num tipo folclórico-geográfico, mas elevado a uma construção literária e filosófica, a qual conseguiu, através de uma realização estética, forjar um amplo espectro de questionamento sobre a condição humana, sua sociedade, os conflitos entre o mundo urbano e rural e toda a gama axiológica que envolve esses aspectos.

O escritor pelotense também, como já foi observado por diversos críticos de renome, causou uma verdadeira revolução na linguagem literária. Seu vocabulário tão peculiar, ao invés de obstruir a compreensão de sua obra foi capaz de reforçar o estilo e a idéia que as histórias pretendiam transmitir, sobrepujando a palavra bruta, supostamente inequívoca.

Uma década após a morte de Simões Lopes Neto, os modernistas gaúchos, sobretudo, a partir das iniciativas de Augusto Meyer, começam a reconhecer a importância de sua obra, intuída pela primeira manifestação crítica, ocorrida no artigo de Antônio de Mariz, em 1913. A partir daí, aquele a quem Carlos Reverbél, carinhosamente, chamou de “escritor municipal”, num crescente de estudos críticos e reedições, chegou à merecida posição que ocupa hoje.

A atenção voltada à figura humana e literária de João Simões Lopes Neto, já há alguns anos pesquisada com acuro, permitiu que o autor deixasse de ser objeto restrito a

especialistas para ganhar o grande público. Nesse sentido, o presente trabalho, enfeixa duas abordagens: uma dirigida ao futuro e outra, retrospectiva. O ensaio *O núcleo ético-metafísico da lenda do Negrinho do Pastoreio*, de Agemir Bavaresco, inaugura o olhar filosófico sobre a obra simoniana, abrindo um novo leque metodológico e hermenêutico. A segunda parte que compõe este livro, o ensaio *História da pesquisa simoniana e atualização bibliografia sobre Simões Lopes Neto*, de Luís Borges, aborda os caminhos e descaminhos da pesquisa sobre o “Rapsodo Bárbaro”, as polêmicas, as descobertas de textos inéditos, a luta pela preservação da casa do escritor, as obras críticas mais importantes, complementando o assunto com a mais vasta e atualizada bibliografia sobre o autor de *Contos gauchescos* e *Lendas do Sul*.

O título geral da presente obra bem expressa seus principais objetivos: na história do Negrinho do Pastoreio, tão característica da cultura rio-grandense, busca investigar, num mundo globalizado, a riqueza da diferença e, dentro da diferença, a abertura para o universal, sem cair no exagero da massificação ou do xenofobismo. Nisso reside justamente a possibilidade da resistência, para, a partir de processo de autoconhecimento e valorização de nossas raízes, a construção de um novo projeto histórico coletivo. É, ainda nessa direção, que carece a perquirição sobre o estereótipo do gaúcho, principalmente aquele que as visões mais conservadoras tem apresentado como referenciada em João Simões Lopes Neto. Será essa a única leitura possível? Para tanto, torna-se necessário um panorama claro dos percursos da pesquisa simoniana, suas contradições, temáticas e fontes.

Sem a pretensão de esgotar o tema, mas na perspectiva de contribuir para a discussão científica, inclusive trazendo novos elementos, veio a lume este livro, mais uma vez confirmando que João Simões Lopes Neto é sempre uma fonte inesgotável de prazer e conhecimento. Sua obra é mais que uma literatura, é também uma epopeia.

I^a - PARTE

O NÚCLEO ÉTICO-METAFÍSICO DO *NEGRINHO DO PASTOREIO*
DE SIMÕES LOPES NETO

AGEMIR BAVARESCO

INTRODUÇÃO

“O cachorrinho tão fiel lembrou-me a amizade da minha gente;
o meu cavalo lembrou-me a liberdade, o trabalho,
e aquele grilo cantador trouxe a esperança...”¹.

Nosso estudo é uma reflexão do núcleo ético-metafísico da obra simoniana a partir da lenda do *Negrinho do Pastoreio*. Salientamos como este núcleo forma o modo de ser gaúcho. Trata-se de pensar a constituição do gaúcho do Rio Grande do Sul, para compreender os traços que fundamentam uma filosofia identitária gaúcha.

As *Lendas do Sul* fundam-se neste olhar mítico sobre o mundo e incorporam a vivência do pampa com suas contradições e identidades compósitas, própria dos protagonistas das histórias de Simões Lopes Neto. Como se constitui o núcleo ético-metafísico do gaúcho, que pode ser verificado na lenda do *Negrinho* e nos principais escritos de Simões Lopes Neto, na medida em que ele recupera a naturalidade do falar do peão, isto é, mostra como o gaúcho representa, compreende e dá sentido ao real?

A escolha do *Negrinho do Pastoreio* justifica-se, pois ele é o “mais genuíno mito rio-grandense, com grande fidelidade à pureza da tradição oral, introduzindo, quando muito, um novo motivo, o de Nossa Senhora, madrinha dos desamparados”. E Augusto Meyer é categórico, ao afirmar que “o único mito realmente popular, com raízes profundas na tradição gaúcha, é o do *Negrinho do Pastoreio*; é também o único de pura cepa rio-grandense, livre de qualquer influência gringa”².

Este estudo considera a necessidade de refletir sobre a autonomia e a identidade local, num momento em que vivemos uma crescente inserção mundial; desafia a tomada de consciência de nossas raízes antropológicas, para atualizar nossas representações sócio-culturais; enfim, quer ser uma contribuição no debate filosófico sobre a produção de um pensar capaz de tornar-se autônomo. A construção deste conhecimento mostra a capacidade de refletir sobre os problemas regionais - particulares - inseridos no contexto dos problemas mundiais - universais - da filosofia. Refletindo sobre o problema da construção dos

¹ . NETO, João Simões Lopes. *Contos Gauchescos*. Trezentas Onças. Edição crítica de Lígia Chiappini. Rio de Janeiro: Presença, p. 38, 9-11(no decorrer do trabalho, o número após a página indica sempre a linha da citação), 1988.

² . MEYER, Augusto. Nota sobre *Lendas do Sul*. In: J. Simões Lopes Neto. *Contos gauchescos e Lendas do Sul*. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Globo, 1957, p. 272.

princípios filosóficos da obra simoneana, contribuiremos para atualizar a representação da figura do gaúcho.

J. Simões Lopes Neto é um autor pelotense que elabora um discurso regionalista, em que aparece a cosmovisão do peão, descrevendo o seu olhar ético- metafísico do mundo, ao incorporar a experiência do mesmo. O autor pela sua experiência cultural singular, representa, ao mesmo tempo, a figura do gaúcho em sua particularidade regional - paisagem, tipo e linguagem - e o insere dentro do paradigma heróico universal, que compõe as figuras legendárias de todas as nacionalidades.

Nosso pressuposto teórico é de que “todo sistema de civilização está organizado em torno de uma substância, de um lar, de um *núcleo ético-mítico* (valores fundamentais do grupo), que poderá ser descoberto graças à hermenêutica dos *mitos básicos* da comunidade, sendo, para este fim, a filosofia da religião um dos instrumentos indispensáveis”¹. Junto com o núcleo ético-mítico, que fundamenta a obra simoniana, introduzimos o paradigma hegeliano da luta senhor/escravo como chave hermenêutica da lenda do *Negrinho do Pastoreio*.

O nosso princípio teórico articula-se com o método hermenêutico, para analisar e interpretar o texto simoniano em nível semântico, reflexivo e existencial². Por isso, trataremos, inicialmente, de compreender o texto, apropriando-nos da sua estrutura, dos personagens e do discurso simoniano. Depois, estabeleceremos um paralelo entre a luta do senhor/escravo de Hegel e a luta do estancieiro/Negrinho de Simões Lopes Neto. Finalmente, desenvolveremos as principais categorias - “estar de pé”, “achar e reunir sempre de novo”, “foi por aí” - que constituem os fundamentos do núcleo ético-metafísico da lenda do *Negrinho*.

¹. RICOEUR, P. *Civilisation universelle et cultures nationales*. In: Enrique Dussel. *Filosofia da Libertação*. São Paulo: Paulus, 1995, nota 42, p. 15.

². Cf. RICOEUR, P. *O conflito das interpretações. Ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1978. p. 7.

1 - A LENDA: O NEGRINHO DO PASTOREIO ¹

“Quando de noite transito no meu gauderiar andejo,
Me paleteia o desejo de encontrar-te, duende amigo,
Pois sei que trazes contigo, Negrinho esmirrado e feio,
O Rio Grande em pastoreio no sinuelo do passado,
E que ali, no descampado que a luz da vela clareia,
O teu vulto esguio, bombeia, como Deus de rito estranho,
A gauchada de antanho que se perdeu na peleia!” ²

O texto de J. S. L. Neto é a expressão da oralidade. Ouvem-se os personagens narrando os contos e as lendas. São os diversos rostos do gaúcho que conversam, declamam poematos, contam “causos”, quadras, trovas, dizeres, poesias épicas, desafios etc. ³ Simões Lopes “identifica-se com as fontes da tradição oral”. Ele é o “intérprete das tendências e tradições do nosso homem do campo. Seu intuito era contribuir para a fixação do populário gaúcho. Sabia ouvir como ninguém, interpretar como poucos, e salvou tanta coisa, que até nisso ele, ‘anda de primeiro’” ⁴.

A lenda do *Negrinho do Pastoreio* já era conhecida e contada na credence popular, antes que Simões Lopes a recontasse em seu livro. Existiam, anteriormente, ao menos, três versões literárias publicadas da mesma lenda:

- a) A versão de Apolinário Porto Alegre: *O Crioulo do Pastoreio* de 1875.
- b) A versão uruguaia de Javier Freyre era de 1890.
- c) A versão de Alfredo Varela de 1897.

¹ . NETO, João Simões Lopes. *Contos Gauchescos. Lendas do sul. Casos do Romualdo*. Edição crítica de Lígia Chiappini. Rio de Janeiro: Presença, 1988; João Simões Lopes Neto. *Contos gauchescos e lendas do sul*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1973, p. 179-186. Nós adotaremos para o nosso estudo a versão crítica de Lígia Chiappini, porque esta possui a numeração das linhas, o que facilita encontrar as citações e permite localizar os parágrafos com precisão no texto original.

Este texto surgiu da inspiração de um Seminário sobre *Hermenêutica* ministrado por mim e pelo acadêmico Flávio Luiz Moreira de Oliveira Junior, no Instituto Superior de Teologia Paulo VI da Universidade Católica de Pelotas, de 05 a 11 de outubro de 1999. Registramos, aqui, nossos agradecimentos aos alunos que participaram do mesmo: Cláudio Amorim Vieira, Francisco Carlos Paiva Ferreira e César Augusto Soares da Costa, Mariza Rocha Leite, Luciano O. Gouveia, Rosalvo Jesus Soares.

Agradecemos, igualmente, os co-pesquisadores: Profa. Elisabete de Avila Cezar, Prof. Oscar Brisolara e o acadêmico Flávio Luiz Moreira de Oliveira Junior pelas sugestões e contribuições na redação do texto.

² . BRAUN, Jayme Caetano. *50 anos de Poesia. Antologia Poética*. Poesia: *Negrinho do Pastoreio*. Porto Alegre: Martins Livreiro: 1999, p. 35.

³ . Cf. NETO, J. S. L.. *Cancioneiro guasca*. Porto Alegre: Sulina, 1999.

⁴ . MEYER, Augusto. Prefácio. In: J. Simões Lopes Neto. *Contos gauchescos e lendas do sul*. 5ª ed., Rio de Janeiro-Porto Alegre-São Paulo: Ed. Globo, 1957, p. 15.

d) Finalmente, temos a versão de Simões Lopes Neto publicada em 1906, no *Correio Mercantil*,¹ que foi, após, inserida em 1913, nas *Lendas do Sul*².

A obra simoniana começa transcrevendo e compilando a fala do povo - Cf. *Cancioneiro guasca*. Nela temos o relato harmonioso do gaúcho que vive a paz telúrica do pampa, rompida, depois, pelo drama campesino: Os *Contos gauchescos* (1912) mostram a dramaticidade que compõe a vida do gaúcho.

O drama sempre termina com a vitória de um personagem, porque não temos o reconhecimento entre os membros da comunidade. Depois Simões Lopes escreve as *Lendas do sul* (1913), as quais podem ser consideradas os mitos fundadores do gaúcho. Elas mostram, por exemplo, o *Negrinho do Pastoreio*, em que o drama é superado pela lenda, enquanto narração do reconhecimento entre o estancieiro e o peão, em nível simbólico. A evolução literária de Simões Lopes conclui-se com os *Casos do Romualdo* (1952), os quais constituem uma espécie de comédia que ironiza a ideologização do gaúcho e questionam o *status quo* da sociedade pampeana.

A trajetória literária simoniana evolui, ele, porém, se mantém fiel ao núcleo ético-metafísico, que podemos encontrar no *Negrinho do Pastoreio*. Primeiramente, apresentamos, quase em sinopse, a estrutura da lenda em suas grandes partes e movimentos internos. A partir desta estrutura, o personagem simoniano caracteriza-se, depois, por uma identidade plural, inserida num contexto de estância. Finalmente, os destaques literário-filosóficos mapeiam os eixos fundamentais que articulam a lenda do *Negrinho*. A relação da estrutura com o personagem permite captar a perspectiva literário-filosófica simoniana sobre o gaúcho.

¹ . Cf. MEYER, Augusto. Nota sobre *Lendas do sul*. In: J. Simões Lopes Neto. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. 5ª ed., Porto Alegre: Ed. Globo, 1957, p. 263. Também pode-se encontrar uma referência da publicação da lenda na carta de Coelho Neto, datada de 1º de janeiro de 1907 e dirigida a Simões Lopes Neto onde ele afirma: “Venho agradecer-lhe a dedicatória da lenda “O *Negrinho do pastoreio* publicada no “*Correio Mercantil*” de 26 de dezembro de 1906”. Cf. Simões Lopes Neto. *op. cit.* Edição crítica de Lígia Chiappini, p. 168.

² . CHAVES, Flávio L. *Simões Lopes Neto: Regionalismo & Literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 172.

1.1 - A estrutura da lenda ¹

“Juntos iremos lembrar aquele maula estancieiro,
que ao botar num formigueiro o teu corpo de criança,
cravou bem fundo uma lança no próprio ser do rincão;
Trazer a recordação, aquela velha tropilha,
Que do topo da coxilha esparramou-se a lo léu,
Para juntar-se no céu contigo e Nossa Senhora,
e hoje cruza, noite a fora, no meio dum fogaréu!” ²

Nós podemos dividir o texto em dois grandes momentos: A perda da carreira que desencadeia a luta entre senhor/escravo e mostra, ao mesmo tempo, a violência instaurada no sistema de poder senhorial; e o *milagre novo* do Negrinho que supera o suplício pela via ética-metafísica e assim restabelece a própria liberdade ³.

No interior destes dois momentos, encontramos nove partes que são feitas pelo próprio autor com três asteriscos; considera-se também o próprio conteúdo da lenda. É importante ressaltar que “nas lendas, a presença do narrador [Blau Nunes], sempre um campeiro entre campeiros, é menos viva e direta do que nos contos. Afloram, de quando em quando, variações ou comentários de sentido subjetivo, apenas subordinados ao tom falado habitual” ⁴.

1º Momento: A Carreira

1ª) - O contexto e os personagens (p. 169, 1-26): Apresenta-se o pampa aberto e os dois personagens- o estancieiro e o Negrinho.

2ª) - A carreira (p. 169, 27-42 e p. 170, 1-37):

- A disputa acontece entre o estancieiro e o vizinho.
- A carreira tem dois objetivos opostos: O estancieiro quer para si o prêmio da vitória - as mil onças de ouro - enquanto que o vizinho pensa em doá-lo aos pobres.
- O cavalo, conduzido pelo Negrinho, chama-se baio e pertence ao estancieiro; o do vizinho é o mouro.

¹ . Para organizar a estrutura da lenda, seguimos a edição crítica de Lígia Chiappini: João Simões Lopes Neto. *op. cit.* p. 169-174.

² . BRAUN, Jayme Caetano. *Op. cit.* p. 35.

³ . Esta divisão em duas grandes partes é proposta por Flávio Loureiro Chaves. *Simões Lopes Neto: Regionalismo & Literatura*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982, p. 171.

⁴ . MEYER, Augusto. Nota sobre Lendas do Sul. J. Simões Lopes Neto. *op. cit.* p. 264.

- A sentença que declara o vencedor, é dada pelo juiz que afirma categoricamente: “Foi na lei”. Ele tem autonomia, ao tomar a decisão, pois é um velho experiente do tempo da guerra de Sepé-Tiaraju.
- O vizinho distribui o prêmio ao “pobrero” - bois, vacas de leite, potros.

2º) O momento: Ético-metafísico

3ª) - A primeira surra de relho (p. 170, 38-45 e p. 171, 1-24): Paz e hostilidade.

- O Negrinho é posto no palanque e recebe a primeira surra de relho.
- O socorro vem da madrinha, a Virgem Maria. Ele pensa nela e dorme.
- Há uma experiência de paz noturna. A noite é iluminada pelas estrelas: o Cruzeiro, as Três-Marias e a estrela-d’Alva.
- A quietude é rompida pelos guaraxains, que cortaram a tira de couro e o baio fugiu com a tropa.

4ª) - A segunda surra de relho (p. 171, 25-40 e p. 172, 1-10): A maldade do filho.

- O filho do estancieiro conta ao pai que os cavalos fugiram. A surra se repete.
- O Negrinho vai ao oratório da casa e busca uma vela. Os pingos de cera iluminaram o campo e ele conseguiu reunir a tropa.
- Ao amanhecer, o filho do estancieiro dispersou a tropa.

5ª) - A terceira surra de relho (p. 172, 11-31) : A panela do formigueiro e o sonho do estancieiro.

- A última surra provocou cortes na carne e sangramento.
- O Negrinho chamou pela Virgem, sua madrinha, e suspirou como em estado de morte.
- O Negrinho é atirado na panela do formigueiro.
- O sonho do estancieiro revela o desejo mimético num duplo sentido: a) narcisista: “Sonhou que ele era ele mesmo, mil vezes”; b) e patrimonialista: “Sonhou que tinha mil filhos, mil negrinhos, mil cavalos, mil vezes mil onças de ouro”.
- Temos a oposição entre o real e o fictício: o formigueiro onde é colocado o Negrinho é real, enquanto que o formigueiro do estancieiro é sonho.
- Temos uma oposição repetitiva: As três surras que o Negrinho recebeu, culminam numa superação da violência; três vezes o mesmo sonho do estancieiro termina numa pura ilusão.

6^a) - O Negrinho de pé, junto ao formigueiro, e o reconhecimento do estancieiro (p. 172, 32-40 e p. 173, 1-7): A luta do senhor/escravo é superada pela mediação metafísica.

- O estancieiro retorna junto ao formigueiro e encontra o Negrinho de pé.
- Ao lado do Negrinho estava a madrinha Nossa Senhora.
- O estancieiro, ao vê-la, “caiu de joelhos diante do escravo”.
- A superação da perda e do choro na serenidade de nem chorar e nem rir: Nas duas primeiras surras, o texto termina assim: “E assim o Negrinho perdeu o pastoreio. E chorou” (p.171, 24 e p. 172, 10). Aqui há uma conclusão diferente: “E assim o Negrinho pela última vez achou o pastoreio. E não chorou, e nem se riu” (p. 173, 6).

7^a) - A tradição oral dum “milagre novo” (p. 173, 8-23): De escravo torna-se mártir intercessor.

- A tradição se propaga: o fato de o Negrinho, ser devorado na panela do formigueiro vira notícia para vizinhos, posteiros, andantes, tropeiros, mascates, e carreteiros.
- O Negrinho passa a ter a função de intercessor, para encontrar as coisas perdidas.
- O Negrinho torna-se um ser invisível: “Ele conduz e pastoreia [a tropilha], sem ninguém ver” (p.173,23).

8^a) - O Negrinho repete, anualmente, o movimento de descer ao formigueiro e reunir a tropa (p. 173, 24-30): A superação da inimizade e da dispersão.

- O Negrinho visita as formigas que se tornam suas amigas. O “baio” não escapa, mas se aproxima do seu ginete que recolhe a tropa.
- O Negrinho desaparece durante 3 dias dentro de um formigueiro e depois ao nascer do terceiro dia, ele sai e reúne a tropa.

9^a) - O intercessor das coisas perdidas (p. 173, 31-36 e p. 174, 1-7): “Guardar a esperança”.

- o Negrinho passa a ser invocado como o intercessor dos objetos perdidos;

A estrutura da lenda em seus dois grandes momentos - a carreira e o ético metafísico - articula as nove partes, dando-lhe unidade. A carreira, como primeiro momento, é o eixo que situa o problema da lenda: o conflito entre um mundo senhoril e os escravos - o Negrinho - e os pobres - os vizinhos.

O momento ético-metafísico mostra a ação humana e as suas contradições na luta entre o senhor/escravo e, ao mesmo tempo, a superação das mesmas, pela passagem do

nível mítico ao simbólico-religioso. Este jogo de contradições se encarna nas próprias personagens que o autor constrói como identidade plural.

1.2 - O personagem simoniano: a construção de uma identidade plural

“Fazia-me ele [Blau Nunes] a impressão de um perene tarumã verdejante,
rijo para o machado e para o raio,
e abrigando dentro do tronco cernoso enxames de abelhas,
nos galhos ninhos de pombas...”¹.

Simões Lopes constrói a identidade dos personagens partindo do paradigma da hibridação². Os personagens não têm uma identidade exclusiva, mas uma identidade híbrida, ou seja, a dependência cultural não cria em Simões Lopes um discurso ressentido, pois ele sabe a marca inevitável do contato com outras culturas desde o tempo das colônias. A cópia é parte integrante da formação cultural. O gaúcho não se tornou “gaúcho por subtração”, mas do outro construiu a própria identidade. “Entretanto, o dado fundamental para a interpretação da obra simoniana não é a sua inclusão no regionalismo, mas o fato de que, incorporando-o, tenha conseguido dialeticamente ultrapassá-lo para expressar uma *visão do mundo*.”³

A construção da identidade cultural na literatura regional latino-americana pode ser compreendida em três momentos: a) a mestiçagem: a homogeneidade; b) a crioulização: o diferente; c) a teoria da hibridação ou a identidade compósita: do ser ao sendo⁴.

a) A mestiçagem é o ponto de vista da modernidade que se baseia na ideologia da homogeneização centralizadora, que tem como pressuposto a teoria do branqueamento. A idéia da mestiçagem aceitava a mistura de todas as etnias, desde que predominasse a cultura e a etnia branca, isto é, a identidade exclusivista: a sociedade deveria torna-se branca. Isto implica realizar a passagem do mestiço ao branco, ou seja, a mistura de etnias leva a homogeneidade que purifica o que é misturado e afirma, finalmente, só a identidade do ser branco.

¹ . NETO, Simões Lopes. Apresentação de Blau Nunes. Edição crítica de Lígia Chiappini, Rio de Janeiro: Presença, 1988, p.33, 41-43.

² . Cf. BERND, Zilá e LOPES, Cícero Galeno. *Identidades e Estéticas Compósitas*. Porto Alegre: La Salle e PPG-Letras/UFRGS, 1999.

³ . CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões Lopes Neto: Regionalismo & Literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 16.

⁴ . Cf. BERND, Zilá e LOPES, Cícero Galeno. *op. cit.*, p. 22-24.

b) A criouliização é a afirmação de uma identidade diferente que desestabiliza a visão homogênea e estática da identidade mestiça. A identidade crioula põe em movimento construções identitárias abertas ao diferente. Ela supera a identidade mestiça que é homogênea e exclusivamente branca. A teoria do criouliismo, na literatura, é a tendência nativista que afirma uma identidade diferente.

c) A teoria da hibridação ou a teoria da identidade compósita: No entender de García Canclini, a hibridação é uma das noções chaves, para compreender a história latino-americana. A tese da hibridação afirma que “a modernidade européia não eliminou as tradições autóctones; ela deu lugar a formas sincréticas, onde as matrizes indígenas, espanholas e portuguesas foram reelaboradas para constituir uma mistura”¹.

A construção de uma identidade compósita é a síntese entre a homogeneização da mestiçagem e o diferente crioulo. A ontologia subjacente é a superação da homogeneização - a identidade do ser único - e do diferente para a afirmação de uma identidade *sendo* que inclui as escrituras híbridas abertas ao pluralismo de origens culturais múltiplas.

Alguns personagens simonianos podem ser inseridos dentro da identidade compósita, por exemplo, o Negrinho ou Teiniaguá da Salamanca do Jarau etc. Eles expressam a mobilidade e a capacidade de transformação de nossa cultura. Vejamos alguns personagens da lenda do Negrinho do Pastoreio.

a) O Negrinho é um personagem compósito que representa o movimento permanente da realidade: Ele sai para recolher o gado, desaparece por três dias e depois volta, desce ao formigueiro, depois sobe: anda errante pelos campos, sempre aberto à relação com o diverso, quer seja com o estancieiro ou com todos aqueles que acendem uma vela para encontrar algo perdido.

O Negrinho é uma figura híbrida em constante metamorfose, pois ele é, ao mesmo tempo, um homem, um ser divino e um santo. Enquanto homem, ele está em contato com o patrão e com a Madrinha Virgem Maria. Depois de morto, retorna ciclicamente como um ser divino: “Todos os anos, durante três dias, o Negrinho desaparece”, porém, depois aparece e monta no baio e “vai fazer a sua recolhida”. Enfim, como um santo, é invocado,

¹ . CANCLINI, García. Stratégies du recyclage. Arts cultes et populaires en Amérique Latine. In Moser et alii , éds. *Recyclages - économies de l'appropriation culturelle*. Montréal: Balzac, 1997. In: Zilá Bernd e Cícero Galeno Lopes. op. cit. 22.

para encontrar os objetos perdidos: “O Negrinho anda sempre à procura dos objetos perdidos”, para isso basta acender um vela em seu nome.

O Negrinho é um personagem associado à questão da negritude. A lenda do Negrinho coloca o problema da escravidão e a superação da mesma em nível simbólico pela afirmação identitária religiosa: Ele é sem nome e busca sua identidade no plano religioso, tornando-se afilhado da Virgem, Nossa Senhora.

b) Em oposição ao Negrinho, está o estancieiro. Ele é um personagem que encarna o tipo avaro, egoísta e cruel. Não é um personagem com uma identidade compósita. Ele é a identidade rígida, dura e definida: o ser imóvel. O estancieiro compõe-se de uma *identidade de raiz* axial que se opõe à *identidade rizoma* do Negrinho ¹. A identidade do estancieiro é vertical e homogênea, pois ele vive só e não se conecta com ninguém: “Não dava pousada a ninguém, não emprestava um cavalo a um andante.” ² Ele é o oposto do Negrinho que tem uma identidade *rizoma*, isto é, estabelece uma rede de conexões heterogêneas. O Negrinho, enquanto *identidade rizoma*, se ramifica em qualquer direção, pois ele se conecta num feixe de inúmeras pessoas: Nossa Senhora, os vizinhos e todos os que procuram coisas perdidas. O Negrinho é uma identidade que vai ao encontro de outras raízes, intercambiando relações, a partir do princípio da alteridade, da cultura e da estética compósita. O estancieiro e seu filho regem-se pela identidade de raiz que é única e excludente, porque não considera os outros formadores da sua própria identidade.

c) Nossa Senhora é apresentada como a madrinha “de quem não a tem”. Ela é a única mulher que aparece na lenda. Coloca a questão da identidade feminina, criada através da figura compósita, começando pelo elemento religioso: mãe de Deus; popular: madrinha; e cultural: protetora. Nela se encontra a síntese e a reconciliação das contradições da lenda.

¹ . A noção de *raiz* em oposição à de *rizoma* foi introduzida por Deleuze e Guattari (1995) através da classificação botânica das raízes. Detiveram-se, então, nos principais grupos: o das raízes axiais ou pivotantes, e o das raízes fasciculadas ou rizomáticas: o primeiro grupo é representativo daquelas raízes possuidoras de um eixo principal do qual brotam pequenas radículas; esse eixo é singular em cada planta e se desenvolve verticalmente. Já as raízes fasciculadas, que passaram a ser chamadas rizomas, possuem um ponto de origem que aborta o eixo principal e do qual se ramifica um feixe de raízes, inúmeras fascículas igualmente desenvolvidas e que se dispõem em todas as direções”. Ana Boff de Godoy. *Identidade crioula: a (re)construção de um novo homem*. In: Zilá Bernd e Cícero G. Lopes. *Op. cit.* 64.

² . NETO, J. Simões Lopes. *Op. cit.* p. 169, 7.

d) Enfim, o juiz é o personagem que se insere na tradição cultural dos pais fundadores da cultura gaúcha: os índios. “O juiz era um velho do tempo da guerra de Sepé-Tiraiú, era um juiz macanudo, que já tinha visto muito mundo”¹.

O personagem simoniano é o *tipo* ou o *modelo* que representa os traços e as contradições sociais, morais, psicológicas de uma época². Por exemplo, os dois *tipos*: o Negrinho e o estancieiro apresentam os grandes problemas da época, fundindo o concreto e a norma, o elemento humano e o metafísico, o histórico e o essencial, o momento individual e o universal social. Nesse sentido, a representação típica simoniana mostra as tendências regionais da evolução social do gaúcho, porém ele realiza, ao mesmo tempo, a ultrapassagem do regionalismo, pois insere a sua obra no *tipo* universal, como veremos abaixo.

1.3 - Destaques literário-filosóficos da lenda

Simões Lopes usa uma linguagem regional, portanto particular, no entanto, aqui são inseridos os conflitos e os dramas de todo homem, portanto, universal. “O regionalismo simoniano não se esgota na representação mimética do espaço regional; inclui a condição problemática do homem, impondo os meios de sua própria expressão. Daí nascem os vários níveis do discurso literário, todos, estruturalmente, interdependentes na unidade do resultado final - o regional, o histórico, o psicológico e o mítico”³.

Considerando as três versões anteriores da lenda do *Negrinho do Pastoreio*, o que Simões Lopes Neto introduziu de original na sua versão de 1913? No entender de Augusto Meyer, o autor, introduz “no corpo da tradição as seguintes variantes, que não vejo noutras fontes: *o menino mau*, filho do estancieiro, personagem de relevo na desgraça do Negrinho; *o motivo de Nossa Senhora*, madrinha dos desvalidos; *o lance importante das carreiras*, pois o próprio herói da história é o corredor do parreheiro, e a corrida em cancha reta,

¹ . Id. p. 170, 24-26.

² . Cf. LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 30. In: Flávio Loureiro Chaves. *Simões Lopes Neto: Regionalismo & Literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p.17-18.

³ . CHAVES, Flávio Loureiro. *Op. cit.* p. 16.

essencial no caso, não se limita a servir de simples episódio, assumindo a importância de um clímax, dentro da linha da narrativa”¹.

O tema da carreira mostra a estrutura social de dominação e as relações de violência e arbítrio que se organizam a partir da estância. “Não haveria, no texto, a reflexão sobre o poder, se não houvesse esta variante, que é, precisamente, uma invenção simoniana. De fato, a variante do lance das carreiras, inventado e introduzido por Simões Lopes Neto, assume um significado importante, porque esclarece precisamente isto: ele não pretendeu repetir e não reeditou a lenda conhecida; apropriou-se da tradição e criou o texto novo e autônomo, uma narrativa inteiramente referida à sua ética humanista e à noção da liberdade individual, ambas opostas à ideologia da dominação senhorial”².

Outro elemento original de Simões Lopes é o tema da madrinha, a Virgem Maria. Este tema aparece do princípio ao fim do relato. A Virgem Maria dá à horizontalidade “naturalista” o sentido metafísico do arquétipo cristão. “A figura da Virgem acompanha o Negrinho, ajuda-o a reencontrar a tropilha, preside à ressurreição do escravo diante do estancieiro, e, finalmente, ficamos sabendo ter sido ela “quem o remiu e salvou e deu-lhe uma tropilha, que ele conduz e pastoreia, sem ninguém ver”, restaurando na plenitude a liberdade perdida. A isso o narrador denomina um *milagre novo*, situando-o como o eixo central da sua história, justamente a segunda variante, que não existia antes de sua redação e agora passa a ser um dado fundamental”³.

Vejamos algumas características literário-filosóficas que marcam a lenda. Não nos ateremos aos aspectos técnicos e formais da literatura simoniana. Para tal nós remetemos à análise exaustiva de Aurélio Buarque de Hollanda,⁴ o qual afirma que a obra de Simões Lopes é uma “pintura, e não fotografia”¹, isto é, ela é uma criação e não mera cópia ou reprodução da realidade.

a) A oposição entre o tempo cíclico e o histórico: O mito desenvolve-se num tempo cíclico, portanto repetitivo, enquanto que as narrações cristãs assumem o tempo histórico em forma de espiral, portanto de criação inovadora. No entender de Flávio L. Chaves, “não

¹ . MEYER, Augusto. *Prosa dos Pagos*. 2ª ed., Rio de Janeiro: São José, 1960, p. 112. In: Flávio L. Chaves. *op. cit.* p. 172.

² . CHAVES, Flávio L. *op. cit.* p. 172-174.

³ . Id. p. 174-175.

⁴ . Introdução: *Linguagem e estilo de Simões Lopes Neto*. In: J. S. Lopes Neto. *Contos gauchescos e Lendas do Sul*. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Ed. Globo, 1957, p. 27-113.

se poderá dizer que o texto *d'O Negrinho do Pastoreio* é uma lenda, *stricto sensu*”, porque temos, de um lado, uma perspectiva histórica, onde nasceu a lenda, isto é, a sociedade da estância. A lenda cumpre, aqui, uma função contra-ideológica em relação ao poder vigente dos estancieiros. Ela situa-se num espaço social, retrata tipos de comportamentos e analisa a realidade pampeana dentro do estilo naturalista.

De outro lado, a narrativa inicia com a expressão “naquele tempo” que caracteriza o tempo mítico. O mito articula o tempo através da repetição vida/morte e contempla a lentidão paciente do ciclo cósmico: “Veio o sol, veio o vento, veio a chuva, veio a noite”(p. 171, 1); “Caiu a serenada silenciosa e molhou os pastos, as asas dos pássaros e a casa das frutas. Passou a noite de Deus e veio a manhã e o sol encoberto” (p. 172, 27-29). Na etapa final da narrativa afirma-se: “Daí por diante, quando qualquer cristão perdia uma cousa” (p. 173, 19), ou ainda, “Desde então e ainda hoje” (p. 173, 31) ². Nós temos, portanto, na lenda/mito a oposição destes dois tempos: o da história e o do mito.

b) A oposição entre grande e pequeno e a opção simoniana pelo Negrinho: De um lado, o autor usa termos de intensidade que expressam o excesso: “muita prataria, muito cauíla, muito mau, muito” (p. 169, 5-6). Por outro lado, aparecem os diminutivos: “e para um escravo, pequeno ainda , muito bonitinho e preto como carvão e a quem todos chamavam somente - o Negrinho” (p. 169, 20-21). É importante ressaltar que Simões Lopes usa sempre a letra maiúscula para escrever o nome do *Negrinho*, ao contrário, ele usa a minúscula para escrever o nome do *estancieiro*. Isso mostra uma opção do tipo de personagem preferido pelo autor, como veremos abaixo em 2.3. “Verifica-se que o estancieiro-soldado não corresponde em nenhuma hipótese (nem no pano de fundo dos *Contos Gauchescos*, nem na acusação das *Lendas do Sul*), ao *gaúcho* ideado por Simões Lopes Neto. Este é, mais do que um tipo social, a personificação dum conjunto de valores - coragem, lealdade, confiança, amizade - atribuídos privativamente aos peões, agregados, posteiros, escravos, no contexto que a narrativa propõe” ³.

¹ . Id. p. 17.

² . Cf. CHAVES, Flávio L. *op. cit.* p. 173.

³ . CHAVES, Flávio L. *op. cit.* p. 174. “Há um claro acento popular em todos os contos, autêntico e espontâneo, que toparemos dificilmente na literatura regionalista ou com veleidades “populistas” dos nossos escritores. Talvez ninguém no Brasil tenha conseguido uma identificação tão profunda com o espírito dos seus pagos, a tal ponto que o próprio João Simões Lopes Neto, o pelotense culto e de família patricia, inteiramente se apaga na sombra de Blau, o vaqueano”. Cf. J. Simões Lopes Neto. *op. cit.* Prefácio de Augusto Meyer, p. 12.

c) Personagens universais e/ou duas éticas: O estancieiro e o Negrinho com suas características encarnam dois modos diferentes de agir, que são, ao mesmo tempo, tipos humanos universais. O Negrinho rege o seu agir pela humildade, a fé, o serviço, enquanto que o estancieiro exerce a autoridade tirânica, a crueldade, a avareza, a vingança e a falta de compaixão.

O estancieiro é retratado eticamente como o não solidário: “Não dava pousada a ninguém, não emprestava um cavalo a um andante; no inverno o fogo da sua casa não fazia brasas; as geadas e o minuano podiam entanguir gente, que a sua porta não se abria; no verão a sombra dos seus umbus só abrigava os cachorros; e ninguém de fora bebia água das suas cacimbas” (p. 169, 7-11). A brutalidade do estancieiro pode ser verificada no texto simoniano, enquanto “reflexão sobre o exercício do poder autocrático e na denúncia da dominação patrimonialista traduzida nas relações de arbítrio e violência”¹ instaladas na estância.

Contraposta à ética do estancieiro está a ética do Negrinho que, segundo Augusto Meyer, pode-se constatar na “profunda vibração de solidariedade humana que o transforma em símbolo de uma raça”. O personagem coletivo/universal, no caso o Negrinho, tem a capacidade de representar a identificação coletiva dos escravos. “Os elementos contidos no “causo” não justificariam, plenamente, o prestígio da lenda, se não resumisse o Negrinho tantos outros destinos de crianças que nunca tiveram infância, se ele não fosse o representante de todos aqueles negrinhos e negrinhas sacrificados pelo cativoiro”².

Merece um destaque a atuação do juiz que julga acima das pressões do estancieiro. O juiz, de cabeça branca, sentencia para todos ouvirem: - “Foi na lei! Perdeu o cavalo baio, ganhou o cavalo mouro. Quem perdeu, que pague” (p. 170, 28-30). Ele é o tipo ético que age, não começando pelos interesses ou conveniências, mas segundo a lei. Temos na lenda, o Negrinho e o juiz que resistem ao estancieiro, o primeiro, pela meio ético-metafísico e o segundo, pela tradição da justiça que se inspira na lei indígena.

d) As duas representações: 1) O estancieiro representa o sonho de poder: “Nessa noite o estancieiro sonhou que ele era ele mesmo, mil vezes e que tinha mil filhos e mil negrinhos, mil cavalos baios e mil vezes mil onças de ouro... e que tudo isto cabia folgado

¹ . Id. p. 174.

² . MEYER, Augusto. Nota sobre *Lendas do Sul*. J. Simões Lopes Neto. *op. cit.* p. 267-268.

dentro de um formigueiro pequeno...” (p. 172, 23-26). O mundo da estância, comandado pelos estacheiros-soldados, é regido pela noção de propriedade que se determina pela militarização do pampa - cf. o caso *d’O Anjo da Vitória* - e o predomínio do lucro com a reificação ou desmitização do espaço natural - cf. o caso *d’O Boi Velho* - através das diversas guerras e a estrutura patrimonialista de dominação ¹.

2) O Negrinho é a figura que representa a superação da contradição senhor/escravo através da figura maternal e religiosa da madrinha: “O estancieiro viu a madrinha dos que não a têm, viu a Virgem, Nossa Senhora, tão serena, pousada na terra, mas mostrando que estava no céu... Quando tal viu, o senhor caiu de joelhos diante do escravo” (p. 172, 40 e p.173, 1-3).

e) As referências à simbologia cristã (a passagem do mito à religião- cf. abaixo 2.1):

- 1) Há um paralelo entre o texto do *Negrinho* e o texto do Evangelho que narra a paixão, morte e ressurreição de Jesus (o tríduo pascal): “Todos os anos, durante três dias, o Negrinho desaparece: está metido em algum formigueiro grande, fazendo visita às formigas, suas amigas” (descida de Jesus ao sepulcro/morte); a sua tropilha esparrama-se; e um aqui, outro por lá, os seus cavalos retouçam nas manadas das estâncias. Mas, ao nascer do sol do terceiro dia, o baio relincha perto do seu ginete” (saída do túmulo/ressurreição) (p. 173, 24-28).
- 2) A figura do Negrinho é semelhante à figura do “servo sofredor” do profeta Isaías. O sofrimento, as injustiças e a dor carnal do Negrinho são superados no plano simbólico-religioso.
- 3) A mãe - a madrinha - é reverenciada como protetora e redentora na figura da Virgem Maria (cf. abaixo 3.1). Tal como Jesus Cristo, o salvador da humanidade, Maria é a que salva e redime o Negrinho: “A Virgem, Nossa Senhora, que o *remiu e salvou* [o itálico é nosso] e deu-lhe uma tropilha, que ele conduz e pastoreia, sem ninguém ver” (cf. p. 173, 22-23).

Vimos que Simões Lopes introduz em sua versão do *Negrinho do Pastoreio* três temas originais - a carreira, o menino mau e a madrinha, Virgem Maria - que são decisivos para marcar a *ethos* do gaúcho. Estes temas perpassam toda a lenda, dando-lhe consistência

¹ . Cf. CHAVES, Flávio L. *Simões Lopes Neto: Regionalismo & Literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 165.

através das diversas oposições literário-filosóficas entre o tempo cíclico e o histórico, entre o grande e o pequeno, ou seja, entre duas éticas e duas representações de mundo, que encontram uma mediação na simbologia cristã, como substrato metafísico-cultural. Enfim, cabe concluir, dizendo que a “expressão simoniana assinala um momento decisivo na tradição regionalista gaúcha e brasileira justamente porque, ao ultrapassar a documentação da realidade aparente, impõe esta *visão do mundo* que exige o contraste, o paradoxo, o símbolo e a metáfora como seus fundamentos e leva-nos à fronteira da linguagem”¹.

Situados no conjunto da lenda, a partir de sua estrutura, personagens e elementos literário-filosóficos, podemos, agora, fazer uma leitura hegelina da luta entre o estancieiro e o Negrinho.

¹ . Id. p. 233.

2 - A LUTA ENTRE O ESTANCIIEIRO E O NEGRINHO: UMA PARÁBOLA GAÚCHA DA LUTA ENTRE O SENHOR E O ESCRAVO DE HEGEL

“Hás de contar-me o que viste na tua ronda infinita,
desde a povoação jesuíta ao reduto Guaiacurú,
Quanto Sepé Tiaraju morrendo de lança em punho,
Dava um guasca testemunho da fibra continentina,
E quando, nesta campina, o velho pendão farrapo
Cruzava altaneiro e guapo como uma bênção divina!”¹

O jogo de oposições mostra, inicialmente, a passagem da comunidade para a sociedade estamentária, depois, trava-se a luta de vida e morte entre o estancieiro e o Negrinho. Finalmente, a figura do “escravo mártir” une-se à representação do gaúcho simoniano, como mediação das oposições que não são excludentes, mas apontam a superação do drama da estância gaúcha, no reconhecimento ético-metafísico como condição de possibilidade para uma efetivação do reconhecimento ético-sócio-econômico.

Pelotas, cidade natal do autor, vivia então economicamente da pecuária. A indústria do charque era o que agregava valor à carne. As fazendas eram cuidadas pelo peão que era uma mão-de-obra atrelada ao estancieiro. A lenda do *Negrinho* é um dos únicos textos em que Simões Lopes se detém mais demoradamente, para caracterizar o estancieiro. Nesta ele é posto em primeiro plano, porque o “tema é manifestamente a relação senhor/escravo”². Justifica-se, dessa maneira, nossa hipótese de estudo que apresenta a luta do estancieiro/Negrinho formatada no paralelo com a luta do senhor/escravo de Hegel.

Simões Lopes Neto descreve, com realismo, os usos e os costumes da época. Utiliza as expressões regionalistas, desenvolve temas do *ethos* cultural gaúcho e transcreve as várias lendas da tradição oral, dentre as quais o *Negrinho do Pastoreio*, que expressa de forma paradigmática a passagem da comunidade para a sociedade na formação social do Rio Grande do Sul.

¹ . BRAUN, Jayme Caetano. *Op. cit.* p. 36.

² . CHAVES, Flávio L. *op. cit.* p. 167.

2.1 - Da comunidade para a sociedade estamentária

A lenda do *Negrinho* começa descrevendo a ausência de cercas no campo: “Naquele tempo os campos ainda eram abertos, não havia entre eles nem divisas nem cercas”¹. O campo pertence à comunidade doméstica da estância e da vizinhança. No entender de Raymundo Faoro, pertencer à estância ou ser seu vizinho constitui a vida de comunidade do gaúcho². A formação social do Rio Grande do Sul começa com dois núcleos: a organização da estância, enquanto comunidade da habitação comum, ligada pelo parentesco e a vizinhança³. Há, depois, no entanto, a passagem do núcleo comunitário para o da sociedade estamentária. Aqui, as interpretações desta passagem são opostas, porém a contradição gerada pela introdução do criador de gado e do cavaleiro, bem como a militarização da fronteira determinam o movimento em direção da sociedade.

a) Na comunidade, os objetivos são os mesmos e a vontade coletiva predomina sobre a individual. Isso não quer dizer que o pampa fosse propriedade comunal, mas estava dividido por estâncias unidas pela vizinhança. A estância mantém todos os membros sob a mesma ordem aristocrática, porém sem igualá-los. As relações entre o peão e o estancieiro são, ainda na comunidade, ligadas pelo mesmo destino e pela mesma concepção de vida - uniformidade de língua, lendas, crenças, “causos” etc. O senhor busca a legitimação na autoridade da tradição; os peões são considerados “companheiros tradicionais”, sendo a sua fidelidade o ponto de apoio nas relações com o estancieiro⁴.

A comunidade funciona através de uma ideologia conservadora que é legitimada pela cultura mágica. A forma comunitária não estimula as forças inovadoras e a vontade,

¹. NETO, J. Simões Lopes. *op. cit.* Edição crítica de Lígia Chiappini. p. 169, 1-2.

². FAORO, Raymundo. *Introdução ao estudo de Simões Lopes Neto*. In: *Breve inventário de temas do sul*. Porto Alegre: UNIVATES, UFRGS/Editora da Universidade, FEE, 1998, p. 25.

³. A realidade primária que constitui os grupos humanos está condicionada, segundo Tönnies, pelo habitat comum, o parentesco, os hábitos e práticas sagradas. Outros - Oliveria Viana e Rubens de Barcellos - denominam a comunidade rural-pastoral de “clã rural” ou de “clã patriarcal”. Para Faoro o conceito clã rural e patriarcal é uma conceituação defeituosa para abarcar o fenômeno comunitário, porque este tem como centro a habitação comum, enquanto que o clã forma-se em torno da propriedade. F. Tönnies. *Communauté et société*. Paris: PUF, (s.d.), p. 16. In: Raymundo Faoro. *op. cit.*, p. 25.

⁴. WEBER, Max. *Economia y sociedad*. (s.d). Fondo de Cultura. In: Raymundo Faoro. *Op. cit.* 28.

porque fica presa à terra e ao sangue. Ela rege-se pelos impulsos de reprodução, nutrição e poder ¹.

b) Duas teses opostas: a estância uma “escola de democracia” ou a estância a oposição entre “dominadores e dominados” ².

1ª) Alcides Lima e Jorge Salis Goulart ³ afirmam que as estâncias foram o primeiro passo da democracia sul rio-grandense. Eles vêm na campanha e suas condições sociais - o trabalho, os rodeios, os companheiros de diferentes nacionalidades - as bases de instituições livres a partir dos hábitos cotidianos e os costumes sem pressões despóticas. Por isso, consideram a estância uma “escola de democracia”.

2ª) Contra essa tese, posiciona-se Augusto Meyer, porque esta “interpretação não resiste ao exame da realidade econômica e social da época” ⁴. Nelson Werneck Sodré considera também que o trabalho do pastoreio e as charqueadas mantinham uma certa igualdade, sem, porém, especificar em que nível ela acontecia, ressalta que isso não ocorria do ponto de vista econômico ⁵. Guilhermino Cesar aprofunda a crítica, desmascarando as abordagens românticas sobre a estância e mostra os problemas sociais nela existentes. Contesta “a imagem ideal de uma estância que tivesse agido entre nós, como um ninho de igualdade social, afagado por sentimentos inalteráveis de amor fraterno - “escola de democracia”. Ele pondera que, se por um lado, a estância foi um veículo de civilização, por outro lado, gerou inúmeros conflitos, deu nascimento a clãs familiares imperiosos e dividiu os homens ⁶.

Fernando Henrique Cardoso entende que o sistema social, engendrado na estância, repete o mesmo sistema de poder legado pelo antigo regime colonial em que a grande propriedade da família patriarcal é mantida pelo trabalho dos escravos e dos agregados. Cardoso periodiza a história do Rio Grande do Sul da seguinte maneira:

¹ . *Id.* FAORO, Raymundo, p. 28.

² . Cf. CHAVES, Flávio L. *op. cit.* p. 153-183.

³ . Cf. LIMA, Alcides. *História Popular do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1935, p. 104. Jorge Salis Goulart. *A Formação do Rio Grande do sul*. 3ª ed., Porto Alegre: Martins Livreiro, p. 27. In: Flávio L. Chaves. *Op. cit.* p. 157.

⁴ . MEYER, Augusto. *Prosa dos pagos*. Rio de Janeiro: São José, 1960, p. 26. In: Flávio L. Chaves, *op. cit.* p. 157.

⁵ . SODRÉ, Nelson W. *A ideologia do colonialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 220. In: Flávio L. Chaves. *Op. cit.* p. 157.

⁶ . CESAR, Guilhermino. *Fome de Terra*. Correio do Povo. Caderno de sábado, n. 446. Porto Alegre: 15 de maio 1976. In: Flávio L. Chaves. *Op. cit.* p. 157.

- a) Até 1820/30 é o período em que a atividade de criação não está organizada com o objetivo de obter o lucro. Persiste uma economia predadora, que se apropria dos dons da natureza, ao invés de produzir a riqueza pelo trabalho.
- b) A partir de 1834, a estância começa a criar gado para as charqueadas ou para a exportação. “A partir desse período, a estância passou a organizar-se como uma empresa capaz de produzir lucros”. Nasce, então, a estrutura patrimonialista da sociedade rural gaúcha dos criadores de gado e charqueadores, latifundiária e escravista, “dominada por rígidas expectativas de dominação e subordinação”¹.

Cardoso demonstra que a tese da “democracia gaúcha” é contraditória, porque ela propõe uma interpretação do passado pela idealização da igualdade racial e social. Ela explica as ações pretéritas em função dos valores da classe patrimonialista latifundiária e faz uma glorificação dos “senhores” gaúchos.

No texto de Simões Lopes Neto, é possível verificar o equívoco da tese da “democracia gaúcha”. Os *Contos Gauchescos* e as *Lendas* colocam no centro das descrições o peão que é representado pela figura de Blau Nunes. Os protagonistas da obra simoniana são a “gente anônima que ocupa a escala mais baixa desta sociedade fortemente hierarquizada na célula da estância ou na organização militar. Aí estão o negro Bonifácio, o Juca Guerra, o Picumã, o Hilarião e os posteiros miseráveis do Jogo do Osso. A narrativa concede-lhes o primeiro plano e os transforma aqui em verdadeiras personagens”¹.

c) A contradição: da comunidade para a sociedade. A obra de Simões Lopes situa-se, exatamente, na passagem da forma comunitária para a sociedade estamentária, ou ainda, a transição da magia para a religião. O modo de organização comunitário foi superado por dois fatores históricos: 1º) a introdução do criador de gado e do cavaleiro; 2º) e pela militarização da fronteira.

Quanto ao primeiro fator, sabemos que a vida mágica da comunidade em que o homem está viceralmente unido à natureza, à terra e ao sangue, incompatibiliza-se com a introdução do cavalo, porque com este aparece o senhor dominador. O aparecimento do criador de gado e do cavaleiro provocam uma transformação capital na história da cultura:

¹ . CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional*. (cap. II - A sociedade escravista: mito e realidade. P. 83-123). 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. In: Flávio L. Chaves. *Op. cit.* p. 158-159.

mudam-se as relações do homem com a natureza e os sentimentos humanos, pois o criador de gado é agora um dominador do animal. A relação com a natureza não é mais mágico-servil, mas uma relação de dominação. O homem criador de gado sabe, ao mínimo, contar e calcular. Esta nova lógica será a base para a instauração do Estado ².

A atitude mágica não desaparece imediatamente, mas há uma oposição entre mito/lenda e religião. No nível mágico, há uma indiferenciação entre o mundo subjetivo - desejos, idéias - e o mundo objetivo - a natureza. O homem, senhor e dominador, adota uma nova postura frente à realidade. Ele começa a mudá-la. Segundo M. Scheller, as religiões de fundador aparecem no momento da evolução da comunidade para a sociedade. É iniciada a formação de classes, reprime-se a cultura matriarcal animista, progride a submissão da mulher, instaura-se o patriarcalismo patrimonialista ³. Aplicando-se esta tese à lenda do *Negrinho*, constatamos que a mulher está ausente no texto. Ela apenas aparece em nível metafísico, na figura da Virgem Maria. Isto comprova que a passagem do mito para a religião eliminou a mulher no seio da sociedade. A religião aparece na lenda através do “arquetipo cristão” - cf. 2.1 - que faz parte da vida de Simões Lopes; enquanto cristão e humanista, ele conhece os conceitos de remissão e salvação ⁴.

A estância é propriedade do estancieiro. O companheirismo de patrão e peão - momento da comunidade - desaparece, porque o primeiro tem a dominação patrimonial da terra. É nesta oposição da magia-religião, comunidade-sociedade estamentária que se situa, por exemplo, a lenda *M'boi-tátá*, que é de caráter mágico-indígena; o *Negrinho do Pastoreio* apresenta, também, elementos mágico-comunitários e o conflito sociedade-religião entre o estancieiro - “dominador patrimonial” - e o *Negrinho*.

No que se refere ao segundo fator, as guerras de fronteira afastaram e dispersaram os habitantes que viviam no mesmo solo e residiam sob o mesmo teto. A militarização da campanha, o uso do cavalo e a guerra “secaram a disposição “carismática” do gaúcho e endureceram sua alma” ¹. A formação senhorial do gaúcho, endurecido pela sede de mando, afirma R. Faoro, fê-lo um solitário, prova disso são os seus jogos preferidos - jogo do osso, a carreira de cavalos, a rinha de galos - que refletem o espírito de competição individual.

¹ . CHAVES, Flávio L. op. cit. p. 160-161.

² . Cf. WEBER, Alfredo. *Historia de la cultura*. Fondo de Cultura, (s.d.). In: Raymundo Faoro. *Op. cit.* p. 29.

³ . SCHELLER, M.. *Sociologia del saber*. Argentina: Revista de Occidente, (s.d.). In: R. Faoro. *Op. cit.* p. 30.

⁴ . CHAVES, Flávio L. *Op. cit.* p. 175.

A camada senhorial formara-se ainda sob o regime colonial, com a outorga das sesmarias aos que se destacavam nas lutas das fronteiras, como os açorianos, os lagunistas, os antigos contrabandistas e os oficiais. A militarização do pampa criou um grupo social hierarquizado, em que a autoridade se baseava no arbítrio e na violência. Originou-se, assim, a camada de grandes proprietários e senhores de escravos do Rio Grande do Sul, que se tornaram independentes frente à burocracia imperial brasileira e chegaram ao apogeu da dominação.

Ora, isto introduziu uma nova forma social: “a sociedade estamentária patrimonial, com dominadores e dominados, cada qual com sua honra e destinos próprios. A comunidade, embora não desapareça de todo, confunde-se e esfumaça-se na nova estrutura social”². “A sociedade de estamento aumentou a separação entre o estancieiro e o peão. Nas estâncias há duas categorias de hóspedes: os estancieiros são recolhidos na Casa Grande e os peões vão para o galpão. O mate é tomado em duas rodas: a do galpão e a da Casa Grande”³. É esta oposição crescente entre o estancieiro e o peão que Simões Lopes mostra em sua lenda do *Negrinho do Pastoreio*.

2.2 - A luta do estancieiro e o Negrinho

Na lenda do *Negrinho do Pastoreio* apresentam-se dois personagens centrais em oposição: o estancieiro e o Negrinho.

a) O estancieiro é o grande proprietário, poderoso, rico, malvado. Ele é o protótipo de quem está voltado só para o lucro da propriedade rural e que representa o oposto das qualidades do modelo do *gaúcho* simoniano. O estancieiro “está situado como a antítese rediviva duma determinada constelação de valores que a narrativa simoniana propõe, algumas vezes, na fala de Blau e na ética elementar que orienta a sua ação, outras vezes, na enunciação direta do autor”⁴.

b) O Negrinho é o escravo, sem nome, sem origem; sua função é tratar dos cavalos do estancieiro. Ele é violentado pela dinâmica da sociedade escravocrata gaúcha dentro do trabalho das charqueadas e da estância. “As relações de violência necessárias para a

¹ . FAORO, R. *Op. cit.* p. 35.

² . Id. p. 28-29.

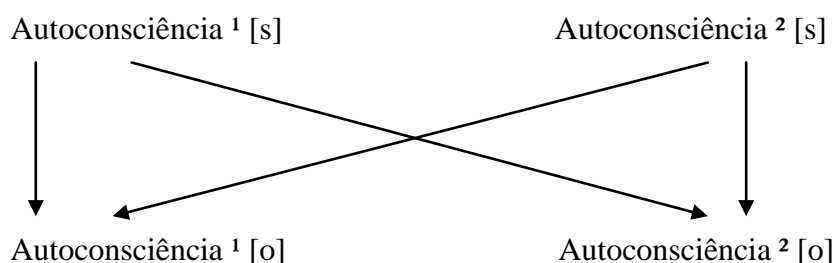
³ . Id. p. 36.

⁴ . CHAVES, Flávio L. *op. cit.* p. 168.

manutenção da escravidão e para a definição das posições de prestígio de grupos de senhores entre si afloravam a todo instante, denunciando a ausência de formas mais elaboradas de exercícios da dominação senhorial”¹. São estas relações de violência que estão presentes sob a forma mais brutal na lenda do *Negrinho do Pastoreio*.

A relação entre o estancieiro e o Negrinho pode ser conformada ao modelo hegeliano da figura do “senhor e do escravo”². A figura do senhor e do escravo hegeliana conduz a um reconhecimento bipolar entre as duas autoconsciências. O movimento lógico do reconhecimento opera-se por ambas as consciências. Trata-se da bipolaridade essencial a toda consciência que, segundo a *Ciência da Lógica*, na *Doutrina da Essência*, o movimento da reflexão dá-se em três momentos: *reflexão que se põe*, *reflexão exterior* e *reflexão determinante* que se distinguem em momento subjetivo e objetivo. Desse modo, a ação do reconhecimento de cada uma das autoconsciências obedece à seguinte lógica: Aquilo que individualmente como sujeito uma realiza na outra como objeto, ela o faz, ao mesmo tempo, nela mesma, de tal modo que há uma conjunção de um agir na própria autoconsciência e de um agir na outra.

Nós temos duas autoconsciências (Autoconsciência¹ e Autoconsciência²), e distinguimos em cada uma delas o momento da subjetividade e o da objetividade - A¹s e A¹o; A²s e A²o - conforme o esquema lógico abaixo, o qual constitui o estatuto lógico de todo o reconhecimento³:



No entanto, esse processo de reconhecimento pode passar pelo combate de vida e morte que resulta no fracasso da unilateralidade, em que apenas uma autoconsciência é autônoma, no caso, o senhor. A relação dissimétrica entre senhor/escravo encontra-se num impasse, embora o escravo pelo medo e pelo trabalho - serviço e cultura - introduza os

¹. CARDOSO, Fernando Henrique. *op.cit.* p. 156-157. In: Flávio L. Chaves. *op. cit.* p. 170.

². Cf. HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Parte I, Petrópolis: Vozes, 1992, p. 126 ss.

³. JARCZYK, G. e LABARRIÈRE, P.-J. *De Kojève à Hegel*. Paris: Albin Michel, 1996, p. 75-76.

elementos para a conquista de sua liberdade. Porém, a superação da contradição não pode ser efetivada apenas por um lado dos pólos, no caso, o escravo. Ela precisa engajar ambas autoconsciências, para alcançar o verdadeiro reconhecimento. Por isso, a contradição da figura do senhor/escravo evolui para a autoconsciência estóica e céptica que encontram já na “consciência infeliz” uma expressão da razão. A aventura do reconhecimento continua seu caminho. Os protagonistas da figura encontrarão somente, no momento da “razão”, a resolução da experiência contraditória, que gera a dissimetria entre senhor/escravo ¹.

A lenda do *Negrinho do Pastoreio* estrutura-se de modo semelhante à luta do senhor/escravo de Hegel. Nela nós encontramos a superação da contradição entre o estancieiro/Negrinho no momento metafísico. Vejamos a radiografia deste movimento de reconhecimento que ocorre na lenda gaúcha.

a) A carreira: a vitória do mouro. No primeiro embate entre os dois cavalos - o baio e o mouro - que representam dois sujeitos - o estancieiro e o vizinho - temos a vitória do cavalo mouro. O estancieiro é derrotado e não há o reconhecimento. É a vitória de um sujeito sobre a outra autoconsciência. A reconciliação passa pela sentença do juiz que, baseado na lei, atribui a vitória ao cavalo mouro. No entanto, o estancieiro não se contenta com a decisão, nem se julga reconhecido, por isso busca um bode expiatório para a sua derrota: o culpado é o Negrinho, que não soube conduzir o cavalo baio. O sistema jurídico por si só não estabelece o reconhecimento das autoconsciências. A lei apenas recompõe a ordem, não necessariamente a reconciliação das partes.

O reconhecimento que o estancieiro busca é a vitória na carreira. A lógica do reconhecimento passa pela vitória sobre o outro. Não há, na verdade, reconhecimento, quando um dos pólos da relação é submetido ou vencido.

b) As 3 surras: a vitória do estancieiro. O estancieiro impõe ao Negrinho três violentas surras que o humilham em seu corpo, porém não em sua consciência. O estancieiro vence a luta pela força. O Negrinho não pode resistir por meios físicos e nem técnicos. A diferença é muito grande. No entanto, pela sua resistência, abre o caminho do reconhecimento. Ele não quer vencer o estancieiro. Em nenhum momento manifesta ódio ou vontade de poder sobre o senhor. Sua resistência é ético-metafísica e laborial.

¹ . Id. p. 80-81.

Ele é a expressão da resistência simbólico-cultural através do núcleo ético-metáfísico, composto por valores fundamentais do modo de ser gaúcho ¹. A lenda do *Negrinho* expressa o processo de reconhecimento de duas autoconsciências que possuem a sua originalidade marcada pela experiência do pampa sul-riograndense.

A figura do senhor/escravo de Hegel expressa a lógica da cultura ocidental eurocêntrica, que tem como núcleo ético-mítico a vitória e a conquista do outro. Num primeiro momento, é também esta a lógica da lenda, porém, depois pela ação do Negrinho, chega-se ao reconhecimento. Nos dois casos existe o mesmo movimento lógico, todavia, o contexto é diferente.

c) A lógica do terceiro incluso ¹

A lógica da vitória de um sobre o outro conduziria, inevitavelmente, a um impasse: a exclusão de um dos parceiros da luta. Isto seria o fim do processo de reconhecimento que levaria a tragédia pampeana. A lógica do ocidente tem-se regido em muitos desdobramentos históricos pela lógica da vitória e não, pela do reconhecimento que implica o princípio do terceiro incluso. Vejamos como ocorre.

A lógica clássica é fundada sobre três axiomas:

1. O axioma da identidade: A é A.
2. O axioma da não-contradição: A não é não-A.
3. O axioma do terceiro excluído: Não há um terceiro termo T (T de “terceiro incluso”) que seja ao mesmo tempo A e não-A.

Na hipótese da existência de um só nível da realidade, o segundo e o terceiro axioma são evidentemente equivalentes. A maior parte das lógicas quânticas modificaram o segundo axioma da lógica clássica - o axioma da não-contradição - introduzindo a não-contradição a muitos valores de verdade, no lugar daquela dupla binária (A, não-A). Estas lógicas multivalentes, em que o estatuto é ainda controvertido quanto ao seu poder predicativo, não levaram em conta uma outra possibilidade: a modificação do terceiro axioma- o axioma do terceiro incluso.

¹ . Cf. RICOEUR, P. *Civilisation universelle et cultures nationales*. In: Enrique Dussel. *Filosofia da Libertação*. São Paulo: Paulus, 1995, nota 42, p. 15.

O mérito histórico de Lupasco é ter mostrado que a lógica do terceiro incluso é uma verdadeira lógica, formalizada, multivalente com três valores: A, não-A e T. A compreensão do axioma do terceiro incluso - há um terceiro termo T que é ao mesmo tempo A e não-A - se esclarece, quando se introduz o conceito de “nível de realidade”. Se permanecemos num só nível de realidade, toda manifestação aparece como uma luta entre dois elementos contraditórios (exemplo: onda A e corpúsculo não-A). O terceiro dinamismo, aquele do estado T, se exerce num outro nível da realidade, onde isso que aparece como desunido (onda e corpúsculo) é de fato unido (quantum), e o que aparece contraditório é percebido como não-contraditório.

É a projeção de T sobre um só e mesmo nível da realidade, que produz a aparência das duplas antagonistas, mutuamente exclusivas (A e não-A). Um só e mesmo nível da realidade apenas pode engendrar oposições antagonistas. Ele é por sua própria natureza, autodestruidor, se ele é separado completamente de todos os outros níveis da realidade. Um terceiro termo, digamos T', que está situado sobre o mesmo nível da realidade que os opostos A e não-A, não pode realizar sua conciliação. Por isso, a tensão constrói uma unidade mais ampla que os termos opostos, incluindo-os num nível mais elevado da realidade.

A lógica do terceiro incluso não estingue a lógica do terceiro excluído: ela restringe somente seu domínio de validade. A lógica do terceiro excluído é certamente válido para as situações relativamente simples. Ao contrário, a lógica do terceiro excluído é nociva, nos casos complexos, como, por exemplo, o domínio social e político ².

Nós temos, desta maneira, na luta do senhor e do escravo hegeliana, um reconhecimento das duas autoconsciências o que implica uma lógica inclusiva, assim como na luta do estancieiro e do Negrinho ocorre o mesmo movimento lógico, que se determina nos seguintes momentos que coexistem:

- a) A realidade da estância apresenta a oposição do estancieiro/Negrinho.
- b) A luta entre os dois é desigual, porque o Negrinho não tem nenhuma força técnica a opor senão a sua força ético-metafísica.

¹ . Cf. NICOLESCU, Basarab. *Aspects gödeliens de la nature et de la connaissance*. Centre International de Recherches et Études Transdisciplinaires. <http://club-internet.fr/nicol/ciret>. Colocado a disposição no dia 18 de maio de 1998.

² . Id. NICOLESCU, Basarab. *Aspects gödeliens de la nature et de la connaissance*.

- c) Assim ocorre nas três surras que o estancieiro inflige ao Negrinho. Este resiste frente àquele, sem no entanto oferecer-lhe um combate de igual para a igual.
- d) Finalmente, o Negrinho é eliminado fisicamente; a luta conduziu a eliminação de um dos pólos.
- e) No entanto, ele sobrevive na memória do povo e o estancieiro o reconhece em outro nível da realidade; as duas autoconsciências se mantêm, novamente, frente a frente, em nível metafísico, o que envolve uma nova efetivação do conceito de liberdade, ou seja, o reconhecimento recíproco das duas autoconsciências e o que implica uma nova figuração das relações sócio-econômicas da estância;
- f) A lógica inclusiva supera uma só leitura da realidade, porque a lenda amplia o sentido da mesma, de modo que as oposições se incluem numa nova realidade.

Pelo exposto acima, vimos que a carreira deu a vitória ao cavalo mouro e à derrota do estancieiro. Nas 3 surras infligidas ao Negrinho, temos a vitória do estancieiro. Nestes dois momentos o reconhecimento é unilateral e assimétrico. A lógica do terceiro incluso propõe a simetria, ou seja, o reconhecimento das autoconsciências. A superação da lógica exclusiva implica a ação que vai além da rigidez da lógica que submete um ao outro. A ação resistente do Negrinho abre o caminho para a superação do impasse exclusivista. Ele transforma-se no “escravo mártir” ou ainda, no tipo do gaúcho simoniano, sempre aberto ao reconhecimento como condição de possibilidade para a efetivação do núcleo ético-metafísico.

2.3 - O “escravo mártir” e o gaúcho simoniano

“E assim como tu, Negrinho que um dia foste espancado
 E por fim martirizado num formigueiro do pago,
 O meu peito de índio vago também sofreu igual sorte,
 E hoje vagueia, sem norte, sem fugir, por mais que ande,
 Deste formigueiro grande onde costumes malditos
 Tentam matar aos pouquitos as tradições do Rio Grande!”¹

A lenda do *Negrinho do pastoreio* nasceu no século passado, no auge da escravidão brasileira. Ela “é genuinamente rio-grandense: nascida do *estrume da escravidão* [o itálico é nosso] e refletindo o meio pastoril em que se formou, respira a mesma religiosidade que

¹ . BRAUN, Jayme Caetano. *Op. cit.* p. 38.

anda associada aos outros casos de escravos considerados “mártires”, em forma de devoção agreste, seja uma “Santa Josefa”, a escrava martirizada, tão popular em Cachoeira, Rio Grande do Sul, ou o enforcado de Mogi das Cruzes, segundo voz corrente na cidade, a propósito da capelinha de São Sebastião”¹.

A vida da estância é comandada pelo poder do estancieiro. O peão mantém uma relação de submissão servil e leal ao patrão. A lenda mostra, no caso, que a relação estancieiro-Negrinho foi marcada de crueldade mortal apenas superada pela reconciliação do sagrado através da madrinha Nossa Senhora, isto é, a partir de um outro nível de realidade - o ético-metafísico - o Negrinho consegue resistir eticamente às atrocidades, permanece de pé, “acha e reúne o rebanho”. O estancieiro reconhece-o, por seu lado, através da experiência metafísica: “Quando tal viu, o senhor caiu de joelhos diante do escravo”². Há aqui, uma experiência de reconhecimento, porque o senhor “caí de joelhos”, isto é, o ato de dobrar o joelho implica um duplo movimento: o refletir-se sobre si mesmo e o refletir-se diante do outro. Ora, este é o movimento bipolar de toda a lógica do reconhecimento da autoconsciência hegeliana. Nesta atitude ética, há a experiência da conciliação dos opostos, elevando a relação para um novo patamar de realidade: “E o Negrinho, sarado e risonho, pulando de em pêlo e sem rédeas, no baio, chupou o beijo e tocou a tropilha a galope”³. O Negrinho está sem rédeas, porque houve a superação da assimetria escravagista e assim ele alcançou a liberdade, através do reconhecimento do estancieiro.

a) O “escravo mártir”: O Negrinho, depois de morrer açoitado, foi enterrado na cova de um formigueiro e tornou-se mártir. “O estancieiro mandou atirar o corpo do Negrinho na panela de um formigueiro, que era para as formigas devorarem-lhe a carne e o sangue e os ossos”. Porém, “qual não foi o seu [do estancieiro] espanto, quando chegado perto, viu na boca do formigueiro o Negrinho de pé, com a pele lisa, perfeita, sacudindo de si as formigas que o cobriam ainda”⁴. O Negrinho mártir torna-se um santo que atende aos pedidos de todos os intercessores: “Então, muitos acenderam velas e rezaram o Padre-Nosso pela alma do judiado. Daí por diante, quando qualquer cristão perdia uma cousa, o

¹ . MEYER, Augusto. *Nota sobre Lendas do Sul*. J. Simões Lopes Neto. *op. cit.* p. 267.

² . NETO, João Simões Lopes. *op. cit.* Edição crítica de Lígia Chiappini, p. 173, 43.

³ . Id. p. 173, 4-5.

⁴ . Id. p. 172, 36-38.

que fosse, pela noite velha o Negrinho campeava e achava, mas só entregava a quem acendesse uma vela”¹.

A fixação da lenda incorpora as várias expressões de crenças populares: a devoção à madrinha Nossa Senhora, o Negrinho afilhado de Nossa Senhora, a figura do “servo sofredor” do profeta Isaías² no paralelo do “escravo mártir”, o tríduo pascal etc. “A lenda do Negrinho do Pastoreio ‘originou-se, por piedade e como afronta e castigo, nos sofrimentos da escravidão’, observa Alcides Maia. Ela é, sublinha o mesmo autor, ‘de fundo essencialmente cristão’”³.

No entender de alguns, a religião na lenda legitima o sofrimento do Negrinho, porque “encobre a crueldade do estancieiro”. Não é este o parecer abalizado de Augusto Meyer: “Marcado a terror e piedade na lembrança dos campeiros, nasceu e cresceu aquele espanto diante da crueldade humana, que observamos na lenda, misturado a um desejo de compensação e de esforço que devia necessariamente vazar-se em vaga forma religiosa. Tornou-se mártir o Negrinho enterrado na cova de um formigueiro, depois de morrer no castigo do açoite”⁴. Não podemos negar que a religião se constituiu no último bastião de resistência do Negrinho frente ao estancieiro. A resistência torna-se um elemento fundamental que forma o *tipo* do gaúcho simoniano - cf. a figura do tarumã abaixo.

¹ . Id. p. 173, 18-21.

² . Cf. 1º cântico do Servo: *Is. 42, 1-9* - De início, provavelmente, uma pessoa, depois essa pessoa foi tomada como figura coletiva, sendo aplicada a todo o povo pobre e fiel; 2º cântico do Servo: *Is. 49, 1-9a* - Aqui o Servo recebe a missão de reunir e organizar o povo, liderando-o no movimento da libertação; 3º cântico do Servo: *Is. 50, 4-11* - A missão do Servo é, aqui, apresentada como encorajamento aos fracos e abatidos; 4º cântico do Servo: *Is. 52,13-53,12* - “Este último cântico descreve a paixão do Servo: ele é justo e inocente, mas sofre as conseqüências de uma estrutura injusta da sociedade onde vive, e por isso morre esmagado sob o peso dos erros de todos. Contudo, é através do seu aparente fracasso que o projeto de Deus vai triunfar: o Servo é glorificado e traz a salvação para todos. Ao narrar a paixão de Jesus, os Evangelhos praticamente retomam este quarto cântico em todos os detalhes: na sua vida e morte, Jesus se identificou completamente com o povo pobre que, em todos os tempos e lugares, é vítima de injustiça e exploração, da opressão e esquecimento”. Id. *Bíblia Sagrada*. Edição Pastoral. Trad., introduções e notas de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 995, nota ao pé da página correspondente ao 4º cântico do Servo.

³ . MEYER, Augusto. Nota sobre *Lendas do Sul*. J. Simões Lopes Neto. *op. cit.* p. 268. A lenda tem uma universalidade que passa pela resistência-martírio do escravo. Por isso ela não fica restrita ao local de origem, mas espalha-se em outras regiões que se identificam com o *tipo mártir*. “A lenda do Negrinho do Pastoreio não ficou nas fronteiras da querência. Registrou-a Juan B. Ambrosetti em Corrientes ou no Alto Paraná, juntamente com outra crendice de origem gaúcha, a do “Januário”, espécie de factótum resmungão mas bonzão, que na faina dos rodeios sempre agüenta o pior. Escreve Ambrosetti: ‘Em cambio de todos estos malos elementos, hay algunas almas buenas como, por ejemplo, la del ‘negrito del pastoreo’, que murió azotado por sus amos por una falta que no había cometido, en tiempos muy anteriores a la guerra [a do Paraguai]; este ayuda a encontrar las cosas o animales perdidos, com sólo ofrecerle una pulgada de vela’. Id. p. 268.

⁴ . Id. p. 267.

b) A ideologia senhorial e o gaúcho simoniano: No cenário dos *Contos gauchescos* e das *Lendas* nós temos de um lado a presença dos coronéis que não são os personagens privilegiados de Simões Lopes. A sociedade sulina formou-se sob a influência dos “estancieiros-soldados”, que, através das guerras de fronteira, receberam a posse das sesmarias. Estas deram início ao regime patrimonialista e o patriciado rural ¹.

O texto simoniano mostra, de outro lado, a estrutura de dominação e a ideologia senhorial que constrói a figura do gaúcho como “centauro dos pampas”, “monarca das coxilhas” e dissimula a relação de dominadores (senhores) e dominados (peões, agregados), a partir da “idealização da estância como território de igualdade social, ‘escola de democracia’” ².

A leitura institucional da história rio-grandense feita na ótica dos estancieiros-soldados - por exemplo, o duelo dos chefes Farrroupilhas, a batalha do Passo do Rosário - é subvertida e desmascarada pela imagem do verdadeiro gaúcho narrada por Simões Lopes Neto. Este realça o protótipo do gaúcho como o “Blau Nunes em *Trezentas Onças*, o Juca Guerra que protagoniza o ato heróico relatado no conto homônimo, o velho Lessa de *Deve um Queijo!* ou o Jango Jorge de *Contrabandista*, isto é, peões, agregados, posteiros, soldados anônimos e o escravo” ³. Estes são os rostos dos personagens que constituem a identidade do gaúcho na ficção simoniana.

Mesmo quando os fatos envolvem os ricos estancieiros, Simões Lopes desloca a narrativa para ressaltar a personalidade do posteiro humilde, tirando-o de seu anonimato, para atribuir-lhe as qualidades de lealdade e confiança. “A imagem do *gaúcho*, oferecida por Simões Lopes Neto, define um *tipo social*, mas não corresponde, em nenhuma hipótese, àquela outra, cunhada pela ideologia senhorial, justamente porque ocorre uma curiosa inversão. Nos *Contos Gauchescos*, aquelas personagens que detêm o poder e a propriedade

¹. “A sociedade sulina devia plasmar-se sob a égide, o controle de uma classe de estancieiros-soldados. Eles eram originários das tropas do exército colonial e seus serviços lhes valeram o privilégio de ocupar sem embaraços os campos lentamente ganhos ao inimigo. Tinham a consciência de ganhar aquilo por que lutavam e arriscavam a vida. Seu prestígio crescente e inevitável inquietava, naturalmente, o governo colonial, mas o limite para uma reação se estreitava tanto mais quanto permanecia indefinida a secular pendenga com os castelhanos. Não se podia pensar em acabar com a nova classe, senão a guerra seria perdida”. Cf. RÜDIGER, Sebalt. *Colonização e propriedade de terras no Rio Grande do Sul (século XVIII)*. Porto Alegre: Cadernos do Rio Grande, n. 13, Instituto Estadual do Livro, 1965, p. 70. In: Flávio L. Chaves. *op. cit.* p. 155.

². CHAVES, Flávio L. *op. cit.* p. 161.

³. Id. p. 161. Augusto Meyer confirma dizendo: “Blau Nunes, o herói de Simões Lopes, é o gaúcho pobre, o tropeiro, o peão de estância, o agregado, o índio humilde”. Cf. J. Simões Lopes Neto. *op. cit.*, Prefácio de Augusto Meyer, p. 12.

só importam secundariamente para o deslinde da ação; e, ao contrário, aquelas que estão sob a tutela e mando dos poderosos, tornam-se indispensáveis, protagonizam o mundo revelado e encarnam os valores contemplados no universo imaginário ora verbalizado pelo narrador”¹.

Ao *tipo social* gaúcho corresponde uma escala de valores² que Simões Lopes assim descreve plasticamente, quando Blau Nunes afirma: “O cachorrinho tão fiel lembrou-me a amizade da minha gente; o meu cavalo lembrou-me a liberdade, o trabalho, e aquele grilo cantador trouxe a esperança...”³. Ou ainda, a apresentação de Blau Nunes, o vaqueano: “Fazia-me ele a impressão de um perene tarumã verdejante, rijo para o machado e para o raio, e abrigando dentro do tronco cernoso enxames de abelhas, nos galhos ninhos de pombas...”. E Simões acrescenta: “Genuíno tipo - crioulo - riograndese (hoje tão modificado), era Blau o guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável”⁴.

A figura do tarumã representa o *tipo* do gaúcho:

- a) Ele é “um perene tarumã” que resiste ao machado e às intempéries e permanece de pé - cf. abaixo o item 3.2 - A resistência: “Estar de pé”; o gaúcho resiste, mantendo a lealdade perspicaz, a sadia sobriedade.
- b) O gaúcho é um tronco que tem dentro de si um enxame de abelhas, porque tem no seu interior a doçura do mel e a infatigável energia operosa da abelha;
- c) Enfim, ele é o ramo que abriga o ninho de pomba. Como esta, ele é de uma ingenuidade cândida, ao mesmo tempo, perspicaz e pacífica.

O perfil do gaúcho, traçado a partir do tarumã, mostra que ele “vem a ser o homem dimensionado na fidelidade, na ação primordial que lhe assegura um lugar no espaço da natureza, na expectativa da liberdade. Mas tudo isto está relacionado a Blau Nunes e à “sua gente”, ao Reduzo e ao Juca Guerra, aos posteiros humildes, peões e agregados, nunca aos estancieiros-soldados, que tudo mandam e tudo podem”⁵.

¹ . Id. p. 163.

² . Lucien Goldmann lembra que “por valores autênticos devemos compreender, bem entendido, não os valores que a crítica ou o leitor julgam autênticos, mas aqueles que, sem estarem manifestamente presentes no romance, organizam, de modo implícito, o conjunto de seu universo”. *Sociologia do Romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967, p. 8. In: Flávio L. Chaves. *op. cit.* p. 163.

³ . *Contos Gauchescos*. Trezentas Onças. Edição crítica por Lígia Chiappini. p.38, 9-11.

⁴ . Id. *Contos Gauchescos*. p.33, 41-43.

⁵ . CHAVES, Flávio L.. *op. cit.* p. 163.

Flávio L. Chaves adverte, no entanto, que não é possível encontrar no discurso do vaqueano Blau Nunes “uma leitura sociológica, completa e acabada, que integre a denúncia da realidade oferecida”, porque o autor “não pretendeu um ensaio de sociologia regional, nem um manual de pedagogia, mas uma obra de ficção cujo fio condutor é a existência de Blau Nunes”. No entanto, podemos constatar um “contexto social - o sistema de dominação vigente na estrutura patrimonialista e, particularmente, na estância - que se revela à medida em que examinamos mais detidamente o mundo oferecido nos *Contos Gauchescos*”.

Não há um confronto direto e aberto entre os senhores e seus subalternos. Isso seria exigir de Blau Nunes plena consciência da dominação a que estava submetido. Seria querer que o autor violasse a verdade de seus personagens. “A miséria da dominação é precisamente isto: negar-se ao dominado a consciência da própria miséria. Por intuir com lucidez extrema as leis do sistema de poder, Simões Lopes Neto, narrador, sabia que estas estavam situadas fora do alcance de suas personagens eleitas, os peões e vaqueanos que sobem ao primeiro plano dos *Contos Gauchescos*”¹.

Os personagens simonianos não têm consciência clara da situação em que se encontram, isto é, eles revelam a impotência do dominado. Blau Nunes diz em os *Cabelos da China*: “são cousas que os chefes é que sabem e mandam que se as agüente, porque é serviço....”. Essa dimensão trágica e contraditória se torna transparente no texto, e o conjunto da narrativa evidencia, claramente, o apogeu da dominação senhorial dos estancieiros, em que o companheirismo de patrão e peão desaparece e o patrão passa a ter um mundo de destino à parte².

O Negrinho transforma-se no “escravo mártir”, um personagem plural e compósito que tem uma amplitude coletiva e universal, semelhante à figura do Servo sofredor do profeta Isaías. Ora, este escravo é identificado por Simões Lopes Neto com o *tipo* do gaúcho. A obra simoniana coloca em oposição a ideologia senhorial e o “gaúcho-Negrinho”; ao mesmo tempo, toma posição por este último, porque nele vê a única saída para uma nova lógica que inclua a todos. É o “gaúcho-Negrinho” que supera o impasse da luta de vida e morte, através de sua atitude ética de serviço-resistente e da sua fé na

¹ . Id. p. 164.

² . Id. p. 165. Cf. também Fernando Henrique Cardoso. *op. cit.* e Raymundo Faoro. *op. cit.*

madrinha Virgem Maria. Ora, isto constitui o núcleo ético-metafísico da lenda do *Negrinho do Pastoreio*, que demonstraremos logo a seguir.

3 - O NÚCLEO ÉTICO-METAFÍSICO DO NEGRINHO OU DO GAÚCHO

“Presenciaste o velho drama do gaúcho em formação,
quando este imenso rincão era um selvagem deserto,
tudo céu e campo aberto e onde Deus Nosso Senhor
pôs o guasca peleador, de lança e de boleadeira
e mandou fazer fronteira onde quisesse, a lo largo,
dando o pingo, o mate-amargo e a china pra companheira!”¹

O núcleo ético-metafísico da lenda do *Negrinho do Pastoreio* compõe-se das categorias existenciais que determinam a transcendência da luta do senhor-escravo e efetiva o modo de ser gaúcho. Apresentamos o horizonte metafísico que fundamenta a atitude ética de resistência - “estar de pé” - que leva ao movimento de buscar o que está perdido, pois para o Negrinho nada está perdido, tudo pode ser achado e resituado de novo. O novo espaço de construção pampeano aponta do “foi por aí” ao “é por aí”. No “aí”, abre-se o horizonte de uma história nunca concluída, porque para o paradigma gauchesco falar de fim da história, de fim das utopias, isto é do fim do “é por aí”, equivaleria a perda do sentido do núcleo ético-metafísico, que se mantém em permanente movimento de negação do “foi por aí” e a afirmação do “é por aí”, sem limites no absoluto transcender.

A apresentação dos *Contos Gauchescos* e das *Lendas* define uma atitude ética de Simões Lopes Neto perante o contexto social da estância, porque ele observa e radiografa no desenvolvimento da narrativa, um *tipo* de gaúcho, ou seja, ele privilegia e escolhe os personagens como Blau Nunes ou o Negrinho. Essa opção de Simões Lopes, por si só, já constitui um pressuposto ético que determinará a eticidade que tecerá toda a sua obra, isto é, o modo de ser e agir de seus personagens. Cabe distinguir dois níveis de análise: “a relativa inconsciência da personagem que não pode dimensionar a realidade numa totalização crítica, conduzindo-a apenas até o limite da dúvida, da indagação, intuindo por vezes o seu aspecto absurdo ou injusto, e a perfeita consciência do autor em relação ao sistema de poder observado, o qual, justamente por possuí-la de maneira clara e profunda, recusa violentar a verdade das suas criaturas de ficção”².

A obra simoniana e, em particular, a lenda do *Negrinho do Pastoreio* é constituída por um núcleo ético-metafísico que se determina pelos seguintes momentos: a madrinha, a

¹ . BRAUN, Jayme Caetano. *Op. cit.* p. 37.

² . CHAVES, Flávio L. *op. cit.* p. 167.

resistência do estar de pé, o movimento de descer e subir e enfim do “foi por aí” ao “é por aí”.

3.1 - “A madrinha de quem não a tem” ou o horizonte metafísico de um povo

A consciência pampeana forma-se pelo contato com o campo aberto, sem fronteiras na imensidão do horizonte. A sociedade da estância diverte-se com as carreiras, pois estas são o momento de lazer e de socialização da peonada. Nas carreiras, reflete-se o conflito interno que marca o inconsciente das relações entre o estancieiro e os seus subordinados: o peão, os vizinhos. Na verdade, tudo pertence ao estancieiro, o horizonte sem fronteiras dá-lhe a sensação da onipotência e um certo direito de mando sobre a natureza e as pessoas.

No entanto, do coração de sua comunidade nasce a oposição de quem não poderia fazer-lhe nenhuma resistência, pois se trata de um escravo: o Negrinho. Este é sem nome, sem origem: é o anônimo, o símbolo da total impotência, pois ele é “pequeno”, porém esteticamente “muito bonitinho e preto como carvão”. Ele é, portanto, o oposto do estancieiro, totalmente desprovido de propriedade, sem identidade e sem família.

O Negrinho é o jóquei a serviço do estancieiro. Na disputa com o outro cavalo, perde a carreira, visto que não representou corretamente a força e a onipotência do estancieiro, por isso será punido. O estancieiro tenta burlar a lei, porém a resistência do juiz que se inspira na justiça indígena, não se deixa dominar e grita qual Sepé Tiarajú: “Foi na lei”! “Foi na lei”! ecoando o grito do índio guerreiro: “Alto lá esta terra tem dono”! A consequência da derrota é o castigo do Negrinho.

Deflagra-se a luta, pois o estancieiro está “com o coração corcoveando”. Sua ira materializa-se contra o Negrinho. Os meios para o castigo são atá-lo ao palanque e surrá-lo com o relho por três vezes consecutivas e, na última vez, após estar morto é jogado ao formigueiro. O Negrinho sobrevive às três investidas pela mediação de Nossa senhora “que é a madrinha de quem não a tem”.

Esta expressão aparece três vezes na lenda:

- a) “A este não deram padrinhos nem nome; por isso o Negrinho se dizia afilhado da Virgem, Senhora Nossa, *que é a madrinha de quem não a tem*” [o itálico é nosso] ¹. O elemento metafísico dá-lhe identidade, pois ele passa a ter mãe.
- b) “O estancieiro viu *a madrinha dos que não a têm*” ². Ele reconhece a resistência ético-metafísica do Negrinho, que se fundamenta na madrinha.
- c) “O Negrinho anda sempre à procura dos objetos perdidos, pondo-os de jeito a serem achados pelos seus donos, quando estes acendem um coto de vela, cuja luz ele leva para o altar da Virgem Senhora Nossa, *madrinha dos que não a têm*” ³. A madrinha torna-se símbolo metafísico de socorro para todo o povo.

Nós percebemos uma ampliação do horizonte metafísico da madrinha: a identidade do Negrinho, o reconhecimento e a reconciliação na luta entre duas autoconsciências, enfim, o símbolo metafísico de um povo que muitos autores ou poetas insistem em ignorar ou simplesmente negar ⁴. Simões Lopes Neto, no entanto, “a estilizou com aquele grande sopro de poesia que é só dele, não foi infiel em detalhe, senão para acentuar ainda mais o seu cunho crioulo e o seu profundo sentido religioso. Introduzindo, em comentário ao tema dominante, o motivo de Nossa Senhora, madrinha do Negrinho, “madrinha dos que não a

¹ . Id. p.169, 22-23.

² . Id. p. 172, 40-41.

³ . Id. p. 173, 35-38.

⁴ . Transcrevemos uma interpretação da lenda do *Negrinho do Pastoreio* feita por Antônio Augusto Fagundes. O autor omite por completo o tema da “madrinha Virgem Maria” que no original de Simões Lopes Neto ocupa um lugar central.

“No tempo dos escravos, havia um estancieiro muito ruim, que levava tudo por diante, a grito e a relho. Naqueles fins de mundo, fazia o que bem entendia, sem dar satisfação a ninguém. Entre os escravos da estância, havia um negrinho, encarregado do pastoreio de alguns animais, coisa muito comum nos tempos em que os campos de estância não conheciam cerca de arame; quando muito alguma cerca de pedra erguida pelos próprios escravos, que não podiam ficar parados, para não pensar bobagem... No mais, os limites dos campos eram aqueles colocados por Deus Nosso Senhor: rios, cerros, lagoas.

Pois de uma feita o pobre negrinho, que já vivia as maiores judiarias às mãos do patrão, perdeu um animal no pastoreio. Prá quê! Apanhou uma barbaridade atado a um palanque e depois, cai-caindo, ainda foi mandado procurar o animal extraviado. Como a noite vinha chegando, ele agarrou um toquinho de vela e uns avios de fogo, com fumo e tudo e saiu campeando. Mas nada! O toquinho acabou, o dia veio chegando e ele teve que voltar para a estância.

Então foi outra vez atado ao palanque e desta vez apanhou tanto que morreu, ou pareceu morrer. Vai daí, o patrão mandou abrir a "panela" de um formigueiro e atirar lá dentro, de qualquer jeito, o pequeno corpo do negrinho, todo lanhado de laço e banhando em sangue.

No outro dia, o patrão foi com a peonada e os escravos ver o formigueiro. Qual não é a sua surpresa ao ver o negrinho do pastoreio vivo e contente, ao lado do animal perdido. Desde aí o Negrinho do Pastoreio ficou sendo o achador das coisas extraviadas. E não cobra muito: basta acender um toquinho de vela ou atirar num cano qualquer naco de fumo”. Cf. Internet, página da UFRGS.

têm”, deu-lhe uma graça perfeita, uma luz mais viva, completando-lhe a harmonia de forma e de fundo”¹.

O que nos interessa analisar é a madrinha Nossa Senhora e sua relação com o Negrinho. É importante salientar, no entanto, como aparece na lenda o nome de *madrinha e Nossa Senhora*:

- três vezes: “Virgem, Senhora Nossa, que é a madrinha de quem não a tem” (cf. acima);
- uma vez: “valha-me a Virgem, madrinha, Nossa Senhora” (p. 170, 7);
- duas vezes: “pensou na sua madrinha Nossa Senhora (p. 171, 12-13 e 29-30)”;
- uma vez: “sonhando com a Virgem, sua madrinha” (p. 172, 2-3);
- uma vez: “chamou pela Virgem, sua madrinha e Senhora Nossa” (p. 172, 14);
- uma vez: levar a vela a “sua madrinha, a Virgem, Nossa Senhora (p. 172, 22);

O nome de madrinha é associado sempre ao de Senhora Nossa, cujo compromisso é de orientar e proteger o afilhado. Por isso, o Negrinho busca identidade nela, intercede, pensa, sonha e chama pela mesma em todos os momentos de sua vida. A madrinha intervém no conflito com o estancieiro durante toda a lenda, e a identidade que ela confere, inicialmente, ao Negrinho, torna-se, depois, fonte de proteção e resistência frente aos animais ferozes, à noite escura, ao filho do estancieiro e ao próprio estancieiro.

1) A primeira surra de relho ocorreu após a derrota da carreira. O Negrinho é amarrado pelos pulsos, atado no palanque, surrado e, após, abandonado no meio do campo. “O Negrinho tremia, de medo, porém de repente pensou na sua madrinha Nossa Senhora e sossegou e dormiu”². A madrinha, conforme já observamos, ajuda o Negrinho a resistir contra as forças hostis às quais o estancieiro o havia submetido.

2) A primeira perda do pastoreio: a surra de relho e a proteção contra o filho do estancieiro: Quando já era noite fechada, o Negrinho foi enviado a campear os cavalos que se haviam dispersado. Dirigiu-se ao oratório da casa que era consagrado à madrinha Nossa Senhora, pega uma vela e sai campo afora. Graças àquela bruxuleante luz conseguiu recolher a tropa. A madrinha é luz que alumia o campo e faz o afilhado sonhar, para que descanse tranqüilo.

¹. MEYER, Augusto. Nota sobre *Lendas do Sul*. J. Simões Lopes Neto. *op. cit.* p. 268.

². NETO, J. Simões Lopes. *op.cit.* Edição crítica de Lígia Chiappini. p. 171,12-13.

3) A segunda perda do pastoreio: a surra, o formigueiro e a proteção contra as formigas. Logo ao amanhecer, no entanto, o filho do estancieiro dispersa a tropa. Então, o seu pai castiga pela última vez o Negrinho. Além de todas as torturas habituais, este é jogado ao formigueiro. Eis que o estancieiro, ao retornar, encontra-o de pé com a Nossa Senhora ao seu lado. Ela o protege contra as atrocidades do estancieiro. Este cai de joelhos diante do escravo. É o reconhecimento da força que nasce da resistência ético-metafísica.

Segundo a teoria sociológica vista acima - cf. 2.1 - a passagem da comunidade para a sociedade é, ao mesmo tempo, a passagem do mito para a religião. Neste processo ocorre uma perigosa mudança que é a repressão da figura da madrinha - a mãe - e a dominação da figura paterna - o estancieiro-soldado e patrimonialista. Esta oposição entre a comunidade e a sociedade continua viva, e os valores da comunidade não são completamente eliminados, tal é a prova que a lenda nos mostra no tema da “madrinha Nossa Senhora”. Ora, este é o fundamento permanentemente instigante, que mantém o Negrinho de pé, no coração da sociedade estamentária.

3.2 - A resistência: “estar de pé”

A terceira surra do Negrinho foi a mais violenta. “Então o senhor foi ao formigueiro, para ver o que restava do corpo do escravo”. No entanto, uma surpresa: ele viu o “Negrinho de pé, com a pele lisa, perfeita, sacudindo de si a formigas que o cobriam ainda”. É interessante destacar que o texto afirma duas vezes a expressão: o *Negrinho de pé*, enquanto o estancieiro, por sua vez, *caiu de joelhos*. O Negrinho está numa posição de quem resistiu na luta. Ele não tombou frente às torturas e aos maus tratos do senhor. Pelo contrário, ele está intacto: pele lisa, sarado e risonho.

O estancieiro reconhece o Negrinho pela mediação da madrinha Nossa Senhora. A luta entre os dois não termina na eliminação de um dos pólos ou na inversão de papéis entre os dois, mas pela reconciliação dos opostos, porque o estancieiro “caiu de joelhos diante do escravo”¹. O ato de cair de joelhos é, em si, humilhante, no entanto, é a única possibilidade para haver o reconhecimento, pois o senhor reconhece o outro, isto é, ele abre-se à alteridade negra, o sem origem, o sem identidade, o sem nome. A tentativa de eliminar o outro - o Negrinho - termina pelo seu reconhecimento.

A madrinha Nossa Senhora toma posição na luta. Ela está ao lado do mais fraco e torturado. A luta finda com o encontro de todos os personagens: “O Negrinho, de pé, e ali ao lado, o cavalo baio e ali junto, a tropilha dos trinta tordilhos, e fazendo-lhe frente, de guarda ao mesquinho, o estancieiro viu a madrinha dos que não a têm”².

A atitude ética do “estar de pé” é a altivez do gaúcho que se mantém rebelde a toda dominação. Por isso, é capaz de re-instaurar o movimento de descer ao formigueiro e subir livre para achar o caminho do pampa sempre novo.

¹ . Id. p. 173, 42-43.

² . Id. p. 172, 38-40.

3.3 - O movimento da efetivação da memória popular: “descer e subir”, “achar e reunir sempre de novo”

“Tu conheces os segredos de ranchos e cemitérios
onde paisanos gaudérios assinalaram passagem,
revives cada paragem numa evocação singela,
por entre tocos de vela de humildes promessas pagas
onde o S das adagas fazia o papel de cruz,
e onde num raio de luz, brilhava sempre a velinha,
invocando tu’a madrinha a Santa Mãe de Jesus!”¹

A lenda acaba com o movimento permanente do Negrinho que morre e ressuscita na tradição oral de seu povo. “Correu no vizindário a nova do fadário e da triste morte do Negrinho, devorado na panela do formigueiro”. O Negrinho morreu, porém a memória popular o retém como vivo, porque “de perto e de longe, de todos os rumos do vento, começaram a vir notícias de um caso que pareceria um milagre novo”². A tradição oral - posteiros, andantes, tropeiros, carreteiros - conta que viu “uma tropilha de tordilhos, tocada por um Negrinho, gineteando de em pêlo, em um cavalo baio”.

A lenda repete-se anualmente, como se fosse um rito e obedece ao seguinte movimento:

- a) O Negrinho durante três dias desaparece num formigueiro grande. Ele desce ao formigueiro, para visitar as formigas, porque elas agora são “amigas”³. Elas não são mais “raivosas e nem lhe trincam a corpo” para devorá-lo.
- b) A tropilha esparrama-se novamente pelo pampa.
- c) Porém, “ao nascer do sol do terceiro dia, o baio relincha perto do seu ginete” e então o Negrinho recolhe a tropa.

O Negrinho é, portanto, aquele que realiza o duplo movimento de descer e subir do formigueiro. Ele reúne também a tropa que se esparramou pelo pampa. Este rito é na verdade uma ação ética que efetiva a memória do Negrinho “sempre de novo” na vida do povo. A oralidade da lenda mantém vivo o movimento ético do gaúcho que mostra que o caminho “é por aí”.

¹ . BRAUN, Jayme Caetano. *Op. cit.* p. 37.

² . NETO, J. Simões Lopes. *op. cit.* Edição crítica de Lígia Chiappini, 173, 11-12.

³ . Id. p. 173, 25.

3.4 - Do “foi por aí” ao “é por aí”

“Dizem que trazes por diante dos fletos que pastorejas,
assombrações malfazejas das campanhas do Jarau,
reontas o fogo mau, do andarengo Boitatá,
e vagando, ao Deus dará, nessa ronda de amargura,
vives na eterna procura, pelas canchas e rodeios,
de prendas, trastes e arreios extraviados na planura!”¹

Termina a lenda com a nova função do Negrinho: aquele que procura e acha os objetos perdidos para os seus donos. “Quem perder suas prendas no campo, guarde esperança: junto de algum moirão ou sob os ramos das árvores, acenda uma vela para o Negrinho do pastoreio e vá lhe dizendo - Foi por aí que eu perdi”¹.

Esta expressão “foi por aí que eu perdi” repete-se três vezes consecutivas, concluindo a lenda. Nela encontramos o advérbio “aí” que nos aponta para um espaço aberto no pampa. As coisas estão aí espelhadas no pampa e elas podem perder-se ou estão perdidas. Há o desafio de encontrá-las e ressituá-las no espaço de quem a perdeu. Os objetos estão aí e o Negrinho tem a função de reuní-los novamente. E a lenda adverte como frase final: “Se ele não achar ninguém mais”. O Negrinho torna-se a mediação para encontrar o que está perdido no pampa.

No “aí”, encontramos a síntese da atitude ético-metafísica do Negrinho:

- a) O Negrinho está aí para a luta contra todo o relho e o formigueiro que está organizado e estratificado no campo.
- b) O Negrinho é o símbolo da resistência de quem “está aí de pé”. É aquele que não curva o dorso frente ao relho e nem se deixa dominar pelo senhor.
- c) O Negrinho está aí, em permanente movimento de descer e ascender, e achar os caminhos da liberdade sempre de novo.

Esta atitude ética fundamental de “estar aí” constitui a transcendência do Negrinho, como aquele que é sempre capaz de superar as contradições e “achar aí”, onde está o caminho da “esperança junto de algum moirão ou sob os ramos das árvores”, para isso basta acender “uma vela para o Negrinho do pastoreio e dizer para ele “foi por aí”.

É importante perceber que, no final da lenda, se opera uma passagem ou uma transcendência fundamental. Durante toda a lenda, a vela era acesa para a madrinha Nossa

¹ . BRAUN, Jayme Caetano. *op. cit.* p. 36.

Senhora. Agora, não é mais para ela que se acende a vela, mas para o Negrinho. Ele passa a ser o mediador. Nele, encontra-se uma nova síntese transcendental a partir de seu “estar aí” ético.

No penúltimo parágrafo, afirma-se que ele procura os objetos perdidos. Para isto, basta acender um “coto de vela”, o qual o Negrinho vai levar diante do altar da madrinha Nossa Senhora, sua intercessora. Porém, no último parágrafo, é dito que basta acender a vela para o Negrinho e dizer-lhe: “foi por aí”. Ele é agora o mediador que está aí junto daqueles que procuram o objeto perdido, ou seja, inserir-se novamente no pampa. É o símbolo intercessor que instiga, eticamente, a transcendência de estar aí de pé no pampa, para construir a identidade, achar a liberdade e acender a vela da memória perigosa do “Negrinho” e gritar “é por aí”, “é por aí”, “é por aí”.

Os versos do poema abaixo fazem uma releitura do *Negrinho*, a partir da categoria “foi por aí” como combate, força da rebeldia e exigência de liberdade.

“Foi por aí... por aí...”

“Sentado num tronco de curtiçeira/ Forrado de couro curtido
Já de pontas mascadas/ do tronco era abrigo/ adorno de meu rancho
Herança de Santa fé/ pensava na vida de como foi/ na vida de como é.

Algo comum há/ entre o Negrinho e o povo: a esperança que o novo
Se possa viver/ gente livre que luta/ pra que nova conduta/ venha acontecer

Sim, Negrinho!/ Pela Virgem ganhaste salvação
Inspira encontrar por estas canhadas/ a liberdade tão sonhada/
Perdida por esta nação

Triste é tua história Negrinho/ fruto de muitas ideologias
Massacra do teu povo a vida/ a torna difícil e sofrida
Do combate-profeta algo nos resta: a força da rebeldia
Foi... foi por aí que perdi...

Foi...foi por aí que perdemos...

O menear dos cascos que questiona o estabelecido...

O trompaço que desafia o dominante...

A lenda que perpetua sonhos de igualdade e justiça...

O galopar do Negrinho: exigência de liberdade!

Foi por aí... por aí...

Se não buscarmos... ninguém mais”!²

¹. NETO, J. Simões Lopes. *op. cit.* Edição crítica de Lígia Chiappini, p. 174, 3-6.

². Excertos do poema de Fabrício do Prado Nunes. Pelotas: 1999.

As categorias que compõem o núcleo ético-metafísico da lenda do *Negrinho do Pastoreio*, mostram que há uma ética da transcendência em nível existencial e/ou religioso ¹ que determina um modo de ser e agir dos personagens simonianos. Assim, o “horizonte metafísico da madrinha” efetiva as categorias éticas do “estar de pé”, do “movimento da efetivação da memória popular” e do “é por aí”, como verificamos, acima, na análise do texto simoniano. As categorias éticas - princípios éticos - implicam, cabe destacar, ao mesmo tempo, uma efetivação sócio-político-econômica. Esta análise não foi objeto de nosso estudo, porém permanece como desafio para uma futura pesquisa.

¹ . Cf. RUSS, Jacqueline. *Pensamento ético contemporâneo (La pensée éthique contemporaine)*. Trad. Constança M. Cesar. São Paulo: Paulus, 1999, p. 75 s.

CONCLUSÃO

Através da lenda do *Negrinho do Pastoreio*, apresentamos o núcleo ético-metafísico da obra simoniana. Verificamos a constituição do modo de ser do gaúcho do Rio Grande do Sul, analisando os traços que fundamentam uma filosofia identitária gaúcha. A obra de Simões Lopes Neto teve uma importância impar na formação da identidade não só do Rio Grande do Sul, como também latino-americana, porque ele ajudou a criar a figura do gaúcho que é própria igualmente também de outros países platinos.

Existe a urgência de elaborarmos uma filosofia que garanta a identidade regional num contexto de globalização. Ora, isto implica a criação de uma *filosofia da identidade* que resgate as raízes ético-metafísicas não só do gaúcho, mas da América Latina.

Só uma filosofia capaz de pensar a produção literária, artística e a história latino-americana abrirá o corredor de um pensar autônomo e estabelecerá as condições do diálogo com o pensar filosófico mundial.

Existem “fortunas filosóficas” na literatura, poesia, mitos, lendas, arte e história latino-americanas a serem reveladas pelo pensar criador daqueles filósofos que têm a ousadia de dialogar hermeneuticamente para além da repetição das *mesmas* grandes narrações do centro, e tomar o caminho humilde de “cuidar” do *outro* - o pampa, o vale e a montanha - enquanto horizonte provocador de liberdade.

Nós entendemos por *filosofia da identidade*, aquela que é capaz de refletir sobre as três formas e origens de construção de identidades, segundo Manuel Castells ¹: a) a identidade *legitimadora*; b) a identidade de *resistência* e c) a identidade de *projeto*.

A *identidade legitimadora* constrói-se a partir das instituições dominantes da sociedade com a finalidade de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais. Enquanto que a *identidade de resistência* é criada pelos atores que se encontram em posição ou condição desvalorizada ou/e de exclusão em relação à lógica de dominação. Este tipo de identidade se caracteriza pela resistência, face a instituições com projetos opostos aos seus. Enfim, na *identidade de projeto*, os atores sociais elaboram uma nova identidade que seja capaz de fazer uma inserção alternativa na estrutura social.

¹ . *O poder da identidade*. v. 2. São Paulo: 1999, p. 24.

Tendo presente esse pressuposto tipológico na construção identitária dos atores sociais, cabe à filosofia a tarefa de refletir a questão da identidade ou das identidades face à nova *sociedade em rede*,¹ que constitui o cenário fundamental e determinante do mundo atual.

Considerando que a identidade pode ser de 3 tipos, conforme vimos acima, concluímos que:

a) Na *identidade legitimadora* conforme é descrita na lenda do *Negrinho*, constata-se que o poder do estancieiro dá origem a uma sociedade civil, em que se internaliza a dominação e se busca a legitimação de uma identidade imposta e padronizada, ou seja, uma identidade homogênea (cf. acima o item 1.2). Ora, no início deste novo milênio, de um lado, vemos que “o rei e a rainha, o Estado e a sociedade civil estão todos nus, e seus filhos-cidadãos estão vagando em busca de proteção por vários lares adotivos”. Por outro lado, testemunhamos o “surgimento de um mundo exclusivamente constituído de mercados, redes, indivíduos e organizações estratégicas”, em que pareceria não serem mais necessárias as identidades e só imperariam “os instintos básicos, lutas pelo poder, cálculos estratégicos centrados em si próprios e em nível macrossocial”². Face a isso, como criar uma identidade legitimadora, que garanta um poder democrático e cidadão? Ou seja, como recriar o Estado e não, simplesmente, cair na retórica imediatista da volta ao nacionalismo tribal?

b) Na *identidade de resistência*, Simões Lopes Neto descreve o *Negrinho* como um personagem compósito que encarna uma identidade plural (cf. acima o item 1.2). O *Negrinho* é o modelo de uma *identidade de resistência*, na medida em que ele se opõe à opressão do estancieiro (cf. acima o item 2.3), a partir de um núcleo ético-metafísico (cf. acima o item 3) que não se restringe aos valores tradicionais - Deus, nação, família, etnia e território -, mas os inclui e os amplia dentro de novas referências identitárias, a começar pelas categorias analisadas na lenda estudada por nós.

¹. A definição de *sociedade em rede* compreende três elementos fundamentais, segundo M. Castells: a *globalização da atividade econômica* através das redes, a flexibilidade e a instabilidade do emprego; a *cultura da virtualidade* construída a partir de um sistema de mídia onipresente; e a *transformação das bases materiais da vida* que são o tempo e o espaço através da criação de um espaço de fluxos e de um tempo intemporal. Id. p. 17.

². Id. p. 418.

Porém, o que se constata, hoje, é que as *identidades de resistência* estão diluídas na *sociedade em rede* como resultado da dissolução de identidades legitimadoras que constituíam a sociedade civil da era industrial ¹. Como elaborar uma lógica inclusiva que garanta a coexistência pacífica e autônoma entre os atores sociais, o Estado, as redes globais, os indivíduos centrados em si próprios e as comunidades formadas, partindo da *identidade de resistência*? Ou seja, quais categorias podem afirmar a comunidade, ou o poder local, como espaço plural, alternativo e aberto aos outros espaços comunitários e à esfera mundial?

c) Na *identidade de projeto*, a figura do *Negrinho* constitui-se na criação de um sujeito capaz de criar uma história pessoal, de atribuir significado ao conjunto de experiências da vida. No entanto, a passagem da comunidade para a sociedade estamentária manifesta a oposição entre “dominadores e dominados”, através da introdução do criador de gado, do cavaleiro e da militarização da fronteira. A *identidade de projeto* do *Negrinho* é, na verdade, a afirmação da *comunidade* que foi eliminada com a passagem da estância para estrutura da sociedade estamentária.

No entender de M. Castells, as novas *identidades de projeto* parecem não mais surgir de “identidades anteriores presentes na sociedade civil da era industrial, mas sim, de um desenvolvimento das atuais *identidades de resistência*”. A hipótese do autor é a reconstrução de identidade com base na resistência comunal, em sujeitos transformacionais na era da informação ².

O que nos interessa aqui é destacar a *identidade de resistência*, enquanto um elemento identitário fundamental na lenda do *Negrinho do Pastoreio*, o qual se constitui no ponto de apoio para a construção da *identidade de projeto*. “São nesses recônditos da sociedade, seja em redes eletrônicas alternativas, seja em *redes populares de resistência comunitária* (o grifo é nosso), que tenho notado a presença dos embriões de uma nova sociedade, germinados nos campos da história pelo poder da identidade” ³. A *identidade de projeto* tem, na *identidade de resistência* comunal, a sua base de construção de um *poder local* capaz de fazer uma inserção autônoma na esfera mundial. Isso evita a diluição dos

¹ . Id. p. 419.

² . Id. p. 28.

³ . Id. p. 427.

agentes sociais, garante a intervenção descentralizada e, ao mesmo tempo, integrada na *sociedade em rede*.

Nossa pesquisa coloca o desafio de uma *filosofia da identidade*, ou seja, a urgência de reconstruir a *identidade legitimadora*, nascendo da *identidade de resistência* descrita na figura do Negrinho, enquanto este permite pensar a construção de um espaço comunitário local de resistência, base para o lançamento da *identidade de projeto*, que os atores sociais produzirão, iniciando pelos elementos culturais, redefinindo deste modo sua posição e ação na *sociedade em rede*.

BIBLIOGRAFIA

a) *Obras de J. Simões Lopes Neto:*

NETO, João Simões Lopes. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Edição crítica com introdução, variantes, notas e glossário por Aurélio Buarque de Hollanda. Prefácio e nota de Augusto Meyer. Posfácio de Carlos Reverbél. Col. Província, v. 1, 5ª ed., Porto Alegre: Ed. Globo, 1957.

NETO, João Simões Lopes. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Fixação do texto e glossário de Aurélio Buarque de Hollanda. Porto Alegre: Ed. Globo, 1973.

NETO, João Simões Lopes. *Contos gauchescos. Lendas do Sul. Casos do Romualdo*. Edição crítica por Lígia Chiappini. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

NETO, João Simões Lopes. *Cancioneiro Guasca*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1999.

b) *Comentários sobre a obra de J. Simões Lopes Neto:*

BERND, Zilá e LOPES, Cícero Galeno (organizadores). *Identidades e estéticas compósitas*. Porto Alegre: La Salle e UFRGS, 1999.

BRAUN, Jayme Caetano. *50 anos de poesia*. Payador. Antologia poética. 3ª ed., Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões Lopes Neto: Regionalismo & Literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

MATTOS, Mário. *Simões Lopes Neto: tempo de resgate*. Súmula biográfica. Fortuna crítica. Pelotas: Ed. E.P.P., 1999.

REVERBEL, Carlos. *Um capitão do guarda nacional*. Caxias do Sul: Martins Livreiro e UCS, 1981.

_____. *O gaúcho. Aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

TARGA, Luiz Roberto Pecoits (organizador). *Breve inventário de temas do sul*. Porto Alegre: UNIVATES, UFRGS, FEE, 1988.

TOLEDO, Dionísio. *Simões Lopes Neto*. Seleção dos melhores contos. São Paulo: Global Editora, 1998.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura gaúcha. Temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

_____. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 1992.

IIª - PARTE

HISTÓRIA DA PESQUISA SIMONIANA E ATUALIZAÇÃO
BIBLIOGRÁFICA SOBRE SIMÕES LOPES NETO

LUÍS BORGES

1. SIMÕES LOPES NETO REDIVIVO

A importância e a influência da obra do escritor pelotense João Simões Lopes Neto (1865-1916) vem crescendo dia-a-dia¹, a qual não só porque sua qualidade literária se afirma e se divulga pelo País afora, mas também pelas descobertas de textos inéditos e novas interpretações, o que proporciona um vasto leque de novos horizontes, em que a obra simoniana se torna ainda mais múltipla, mais rica.

Quando poderia imaginar o *tio Joca*², “de boa estatura, enxuto de carnes, birolho, de bigodes encardidos pela fumaça de seu palheiro, curiosamente retovado de papel de cigarro Duc, (...) gravata de piquê, branca, trajado sem esmero”³, que sua obra freqüentaria os exames vestibulares, ao lado de autores consagrados como Machado de Assis e Lima Barreto, que seria objeto de inúmeros trabalhos acadêmicos e diversas reedições? Foi incluído na *Antologia dos cem melhores contos do século*, publicada pela editora Objetiva, coletânea organizada por Ítalo Mariconi.⁴ Além disso, estão assinaladas as datas de nascimento e morte de João Simões Lopes Neto na *Agenda permanente da literatura brasileira*, editada pela Biblioteca Nacional, tendo como consultores Antônio Carlos Secchin, Josué Montelo e Wilson Martins.⁵

¹ Vide a matéria *Obra de Simões Lopes Neto é difundida cada vez mais*, in **Diário Popular**, 29-2-2000. Notícia-se aí, a gravação em vídeo da montagem teatral de *O mate do João Cardoso*, cuja produção é do Grupo de Teatro Regionalista, coordenado pelo ator e diretor Chico Meirelles. Anuncia-se ainda o lançamento do curta-metragem *Cobra de Fogo*, baseado na obra do escritor, com direção de Antônio Carlos Textor (cf. *Obra de Simões Lopes é tema de filme*, in **Diário Popular**, 9-7-1999). Vide ainda sobre as comemorações dos 135 anos do autor: *Simões Lopes receberá homenagens*, in **Diário Popular**, 2-3-2000; *Simões Lopes Neto, Bernardo participa das comemorações*, in **Diário da Manhã**, 9-3-2000, (obs: o deputado por motivos extraordinários não pode comparecer); *Instituto Simões Lopes homenageia autor local*, in **Diário da Manhã**, 9-3-2000; BORGES, Luís. *Os 135 anos de nascimento de João Simões Lopes Neto*, in **Diário Popular**, 9-3-2000. A popularidade da obra de João Simões Lopes Neto se afirma de tal maneira, que seus textos, entre os de outros escritores, tais como Lya Luft e Luís Fernando Veríssimo, serão gravados em fita a ser utilizada por deficientes visuais. (Cf. *Autores gaúchos em audiolivros*. In **Zero Hora**, Segundo Caderno, 10- 5-2000. A incorporação popular da obra de João Simões Lopes Neto se demonstra também pelo aparecimento do conto *Jogo do osso* em quadrinhos. In **Revista Paralelo**, n. 2, outubro, 1976. Quadrinização: Santiago.

² Cf. REVERBEL, ob. cit., p. 278. Vide meu artigo *O aniversário do tio Joca*,. In **Diário da manhã**, 9-3-2000. Walter Spalding refere-se em sua obra **Construtores do Rio Grande** .II volume. Porto Alegre: Sulina, 1969, p. 131, que Simões Lopes Neto era conhecido entre parentes e amigos mais íntimos pelo apelido de Juca.

³ HOHLFELDT, Antônio. **Simões Lopes Neto**. Coleção Esses Gaúchos. Porto Alegre: RBS, 1985, p. 13, apud Sílvio da Cunha Echenique, in *Recrutando sinuelo para a tropa das nossas tradições*. In: **Correio do Povo Rural**, 12-3-1965.

⁴ GUTKOSKI, Cris. *Contos brasileiros a mancheias*. Segundo Caderno. In **Zero Hora**, 8-5-2000.

⁵ Cf. *Agenda permanente da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1993.

Os 135 anos de nascimento do escritor¹ coroaram a disseminação dos estudos em novas vertentes hermenêuticas e também em ações meritórias, que visavam à valorização de sua obra em âmbito acadêmico e não acadêmico, sem falar na ação de políticos (geralmente, o segmento mais tardio em preocupar-se com a cultura) conscientes e responsáveis, de cidadãos, de intelectuais e de instituições, que tomaram a si a tarefa de preservar o patrimônio do autor de *Cancioneiro guasca* (1910), como se fosse de todos nós. Um belo exemplo dessa luta foi a preservação da casa de João Simões Lopes Neto², situada na rua D. Pedro II, nº 810, na qual ele habitou, entre julho de 1897 e junho de 1907. Aí ele escreveu as peças teatrais *O palhaço* (drama, 1900), *Fifina* (comédia, 1900), *Jojo e Jajá e não Ioiô e Iaiá* (comédia, 1901), *Amores e facadas* (comédia, 1901) e *Por causa das bichas* (comédia, 1903)³, e também *O Negrinho do Pastoreio* (lenda, 1906) e o estudo histórico *A cidade de Pelotas, apontamentos para alguma monografia sobre o seu centenário* (Anais da Biblioteca Pública Pelotense, 2º volume, 1905).⁴ Esse levantamento foi realizado a pedido do deputado Bernardo de Souza, a fim de fundamentar o seu projeto de lei para o tombamento da casa, a ser apresentado na Assembléia Legislativa.⁵

¹ Vide a matéria *Instituto Simões Lopes promove eventos hoje*. In **Diário da Manhã**, 9-3-2000.

² BORGES, Luís. *A saga da preservação da casa de João Simões Lopes Neto* (2000, ensaio inédito.)

³ Segundo o pesquisador Adão Monquelat, “ele fazia o chamado teatro de circunstância, abordando fatos pitorescos e políticos da urbe”. (Cf. **Diário Popular**, 14-10-1999). A dramaturgia de Simões Lopes Neto foi compilada em 1990 pelo Instituto Estadual do Livro, com apreciação crítica de Cláudio Heemann (falecido em dezembro de 1999). Algumas referências sobre o teatro de Simões: HOHLFELDT, Antônio. *Procedimentos dramáticos nas comédias de João Simões* e SOBREIRO JÚNIOR, Valter. *Contos gauchescos: uma experiência cênica*. Ambos os textos in: CRUZ, Cláudio (Org.). **Simões Lopes Neto**. Porto Alegre: UE/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Cadernos da Porto & Vírgula, n. 17, 1999, pp. 63-77 e 84-87, respectivamente. BENDER, Ivo. *Comédia e riso: uma poética do teatro cômico*. Porto Alegre: EDIPUCRS/EDUFRGS, 1996. Obs: Lígia Chiappini comenta a peça *O boato* e outras peças em **No entretanto dos tempos: literatura e história em João Simões Lopes Neto**. São Paulo: Martins Fontes, 1988, pp. 36-39.

⁴ Esse levantamento foi realizado pelo pesquisador Adão Monquelat, a pedido do deputado Bernardo de Souza, a fim de fundamentar o seu projeto de lei para a preservação da casa de João Simões Lopes Neto. A lista saiu publicada numa entrevista feita com Monquelat por Roberto Ribeiro (Cf. *Sete peças foram escritas no local*, in **Diário Popular**, 14-10-1999). Sobre a ação do referido deputado vide algumas matérias: *Lideranças reúnem-se para elaborar nova legislação para preservação de patrimônio histórico*, in **Folha da Cidade**, 25-4-1995 e *Tombamento discutido na Assembléia Legislativa*, reportagem da jornalista Ana Cláudia, in **Diário Popular**, 23-4-1995; *Instituto compra casa que pertenceu a Simões Lopes Neto*, in **Diário Popular**, 14-1-2000. Vide também a carta de Joaquim Salvador Pinho (presidente da Biblioteca Pública Pelotense), datada de 24-4-1995, na qual, entre outras coisas, ele diz: “Sirvo-me do presente para apresentar a V.Exa., em nome da Biblioteca Pública Pelotense, os mais sinceros e calorosos cumprimentos pela iniciativa de liderar o tombamento da Casa de João Simões Lopes Neto, em Pelotas.” Vide detalhes em BORGES, Luís. *A saga da preservação da casa de João Simões Lopes Neto* (2000, ensaio inédito).

⁵ Vide as matérias: *Lideranças reúnem-se para elaborar nova legislação para preservação de patrimônio histórico*, in **Folha da Cidade**, 25-4-1995 e *Tombamento discutido na Assembléia Legislativa*, in **Diário Popular**, em 23-4-1995.

A obra ficcional de Simões Lopes Neto é pequena, não ultrapassando cerca de duzentas e cinquenta e quatro páginas¹, porém a lenta e constante valorização de sua obra, encontrou uma linha de continuidade, somente uma década após sua morte, vindo a consagração em circuito nacional nos anos de 1949-50. Mas desde 1926, quando os modernistas gaúchos reeditaram os *Contos gauchescos* (1912) e *Lendas do Sul* (1913), já se estavam forjando as condições de ultrapassar o “sucesso de estima”, para utilizar a expressão de Cláudio Cruz.² O reconhecimento acadêmico, todavia, só viria em torno de 1970. Ainda segundo Cruz, sinal de um “Simões canônico” seria sua inclusão na prestigiosa Coleção Lazuli, “dedicada às melhores obras da literatura internacional”, da editora carioca Imago.³ Cláudio Cruz enumera as diversas editoras que publicaram obras desse autor, tanto em âmbito rio-grandense, quanto nacional.⁴ Nesse sentido, fato marcante foi a inclusão dos *Contos gauchescos* na Coleção Bom Livro, da editora paulista Ática, que “tem como meta fundamental a distribuição maciça e a custos populares dos principais clássicos da língua portuguesa, visando primordialmente ao público escolar de 1º e 2º graus”.⁵

Simões Lopes Neto aparece como verbete em diversas obras de referência. Em dicionários bibliográficos que tratam de autores rio-grandenses podemos citar como principais os seguintes:

- 1) MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS/ IEL, 1978.
- 2) VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: EDIGAL; Caxias: EST, 1991.
- 3) ASSIS BRASIL, Luiz Antônio de; MOREIRA, Maria Eunice; ZILBERMAN, Regina. (orgs). *Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: editora Novo Século, 1999.⁶

¹ MATOS, Mário. *Simões Lopes Neto: tempo de resgate (súmula biográfica – fortuna crítica)* Pelotas: EPP, 1999, p. 31.

² CRUZ, Cláudio. *Simões Lopes Neto a mancheias*. In: **Simões Lopes Neto**. Cadernos Porto & Vírgula, n.17, Porto Alegre: UE/Prefeitura Municipal de Porto Alegre. 1999, pp. 11-14

³ CRUZ, Cláudio. Ob. cit., p. 13. Vide também o comentário de Flávio Loureiro Chaves à bibliografia sobre os *Contos gauchescos*. In: **Simões Lopes Neto**, vol. 7. Porto Alegre: IEL, Coleção Letras Riograndenses, 1987, p. 25.

⁴ Vide detalhes em CRUZ, Cláudio. Ob. cit., pp. 13-14. Vide também DINIZ, Francisco Sica In **Simões Lopes Neto**, Cadernos Porto & Vírgula, n. 17, p. 90.

⁵ CRUZ, Cláudio. Ob. cit., p. 14.

⁶ Obs: Encontramos no verbete sobre João Simões Lopes Neto (pp. 171-173), redigido por Luiz Antônio de Assis Brasil, a informação equivocada de que o escritor teria sido estudante de medicina. Tal suposição foi

Eis algumas obras que se ocupam de autores nacionais e estrangeiros e trazem João Simões Lopes Neto, em seu arrolamento:

- 1) AGUIAR, Thereza da Silva; MOREIRA, Celuta. *Bibliografia do conto brasileiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1918.
- 2) ASSIS BRASIL. *Dicionário prático de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1979.
- 3) CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. 3. ed., revista e comentada. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.
- 4) COUTINHO, Afrânio; SOUZA, José Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2. edição. 2 vol. Rio de Janeiro: FAE, 1990.
- 5) LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1967.
- 6) MENEZES, Raimundo. *Dicionário literário brasileiro*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1979.
- 7) PAES, José Paulo. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1967.
- 8) SPALDING, Walter. *Construtores do Rio Grande*. II vol. Porto Alegre, Sulina, 1969.¹
- 9) OLIVEIRA, Carolina Rennó Ribeiro de. *Biografias de personalidades célebres*. 22 ed. São Paulo: editora LISA, 1990.
- 10) ALZUGARAY, Domingo; ALZUGARAY, Cátia (editores). *Dicionário biográfico universal*. Vol. 4. São Paulo: editora Três Livros e Fascículos, 1983.
- 11) CIVITA, Victor (editor). *Dicionário biográfico dos grandes brasileiros*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- 12) CIVITA, Victor (editor- fundador). Vol. 15 *Grande enciclopédia Larrousse*. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 3653.
- 13) Enciclopédia BARSA. Vol. 14. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 1990, p. 286.

desmentida por Carlos Reverbel, em sua obra **Um capitão da Guarda Nacional**, pp. 34-39. Vide ainda sobre esse assunto: MOREIRA, Ângelo Pires. In **Diário Popular**, 6-1-1980.

¹ Obs: Mítizi de Miranda Gomes em sua *Bibliografia* (Cf. **Simões Lopes Neto**. Cadernos Porto & Vírgula, n. 17, p. 103) ao citar esta obra de Walter Spalding registra equivocadamente, talvez por erro tipográfico, do seguinte modo: *Construção do Rio Grande*.

Várias vertentes de pesquisa procuraram revelar novas facetas da obra de Simões Lopes Neto. Depois do resgate feito por Ângelo Pires Moreira¹, vieram as descobertas de Adão Monquelat e Mário Osório Magalhães, que mostraram aspectos até então desconhecidos do escritor, como o contista urbano e o poeta romântico.² Este último pesquisador, em 1994, pela editora Armazém Literário, editou *História de Pelotas*. Na apresentação, Mário Magalhães esclarece: *Este livro que o leitor tem nas mãos é uma seleção dos artigos que Simões Lopes Neto divulgou na 'Revista do 1º Centenário de Pelotas', entre 1911 e 1912. Trata-se de uma revista exclusivamente redigida por ele. Dela saíram sete números (os dois últimos aglutinados em um só); pretendiam preparar a comunidade para as celebrações dos cem anos de fundação da Freguesia de São Francisco de Paula (1812), origem da cidade de Pelotas, elevada a esta condição político-administrativa e assim denominada, oficialmente, por lei provincial do ano de 1835. Nos artigos o autor recompõe parte do início e da trajetória deste e de outros municípios sul-rio-grandenses, por sinal, os mais ligados à história de Pelotas.*

.....

Esta publicação poderia constituir-se de uns 18, ou mais, capítulos, se desconsiderássemos os motivos acima (reduzir custos editoriais e viabilizar o surgimento da editora). Conta com 11, na nossa opinião os mais significativos de toda produção historiográfica simoniana. Limitam-se à 'Revista do 1º Centenário', em virtude da unidade do estilo que estes seis fascículos (eis aí mais uma antecipação do velho João Simões!) mantém, talvez por terem sido escritos todos num mesmo fôlego, e aliás concluídos no mesmo ano em que saíram os 'Contos Gauchescos'.

É, sem nenhuma dúvida, uma primeira edição, pois nunca se corporificou antes em livro. O título é nosso, embora inspirado em passagens do próprio texto; pareceria inadequado, pela natureza do plano gráfico, conservar-lhe o título de Revista.³ Essa não

¹ MOREIRA, Ângelo Pires. *A outra face de João Simões Lopes Neto*. Vol. 1. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

² Vide *Novos textos simonianos*. Pelotas: Confraria Cultural e Científica Prometheu – Livraria Lobo da Costa, 1991.

³ MAGALHÃES, Mário Osório (apresentação e seleção). **História de Pelotas** (João Simões Lopes Neto). Pelotas: Armazém Literário, 1994, p. 7. Obs: A fotografia que ilustra a capa foi tirada 35 dias antes de sua morte e apareceu somente em edição jornalística da época. Diz Carlos Reverbel sobre essa fotografia: “ Poucos dias antes de sua morte , a 4 de maio de 1916, foi batida sua última fotografia , num pequeno grupo entre os companheiros do *Opinião Pública* . Dessa fotografia não ficou negativo, nem cópia, a não ser o clichê reproduzido no jornal, bastante desmerecido pelo tempo, mas nem por isto menos expressivo. Veio

foi a única elaboração histórica de Simões, entre outras, a mais conhecida, publicada postumamente foi *Terra Gaúcha* (1955).¹

Sica Diniz afirma que, desde 1991, vem acontecendo um verdadeiro surto editorial da obra simoniana.² Esclarece que esse fato, em parte, se deve à obra simoniana ter caído em domínio público. Destaca nessa revalorização, ocorrida nos anos 90, além do *Teatro de Simões Lopes Neto* (1990), com apreciação crítica de Cláudio Heeman, as publicações, em separado, de *Contos gauchescos*, *Lendas do Sul* e *Casos do Romualdo*, pela Martins Livreiro, com prefácios de Carlos Reverbel e a tradução para o espanhol da *Salamanca do Jarau*, feita pelo escritor Aldyr Garcia Schlee.³ Ainda no campo das traduções, devemos acrescentar outra, quase nunca mencionada, feita para o alemão, constante numa antologia organizada por Fritz Ackermann para a editora Langenscheidt, de Berlim, feita na década de 60.

No processo de inclusão de Simões Lopes Neto no cânone literário brasileiro, a preocupação com as fontes e a fortuna crítica tem operado como fatores importantes. Utiliza-se, contudo, indiscriminadamente os termos “bibliografia” e “fortuna crítica” quase como sinônimos. Conforme já evidenciou o pesquisador Mário Matos, em se tratando de recolher referências a esse autor, nada se compara ao arquivo de Carlos Reverbel.⁴ De outro

valorizar a sua reduzida iconografia. Dele se conhecem apenas duas fotografias, ambas apanhadas na idade adulta e já agora clássicas. O retrato em grupo publicado a 5 de maio de 1916 no *Opinião Pública* permanece ignorado, pois dele nunca foi feita reprodução.”(Ob. cit., pp. 276-277). Sobre a iconografia de Simões Lopes Neto temos ainda: fotografia de seus 5 anos (existente na Biblioteca Pública Pelotense, reproduzida no livro de Hohlfeldt, ob. cit., p.11); o retrato de casamento (do Álbum da Estância da Graça, descoberta por Adão Monquelat e divulgada pelo jornal *Diário popular*, em 10 de junho de 1995, em seu artigo *Tributo a Simões Lopes Neto*, posteriormente em *Zero Hora*, 26 de maio de 1996, na matéria *Baús revelam poemas de Simões Lopes Neto*, escrita pelo jornalista Klécio dos Santos. Obs: o pintor Ismailovitch, pintou de Simões Lopes um retrato, em que aparece de cavanhaque e basta cabeleira grisalha, a pedido de Augusto Meyer. Desenhos e caricaturas: Canini, Fetter, Guazzeli, Gonzaga e Haroldo Ferreira. Há ainda um busto, em metal, na Biblioteca Pública Pelotense.

¹ A primeira edição de *Terra Gaúcha* saiu pela editora Sulina (1º volume, o 2º foi extraviado), em 1955, com introdução e notas de Walter Spalding e apresentação de Manoelito de Ornellas. A 2ª edição, pela mesma editora, apareceu em 1998. Para saber detalhes sobre *Terra Gaúcha*: REVERBEL, Carlos. **Um capitão da Guarda Nacional**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1981, pp. 231-237 e pp. 268-271.

² DINIZ, Carlos Sica. *Os inéditos e as novas edições*. In: **Simões Lopes Neto**. Cadernos Porto & Virgula, n. 17, 1999, p. 90. Lembramos ainda que, em 1991, é publicado o livro *Novos textos simoniamos*, no qual participa o próprio Sica Diniz.

³ DINIZ, Carlos Sica. Ob. cit., p. 90. Há uma tradução para o italiano sob o título de *Storie di Gauchos* (título original dell’opera: *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*), tradução dal portoghese di Giuseppe Tavani. Firenze (Itália): Fratelli Bocca-Milano, 1956. Vide detalhes in: REVERBEL, Carlos. **Um capitão da Guarda Nacional**, p. 272-275 e também em LIMA, Alcides de Mendonça. *Simões Lopes Neto em italiano*. In: **Correio do Povo**, 17-05-1968.

⁴ MATOS, Mário. Ob. cit., p. 31.

lado, com o aparecimento de muitos artigos, ensaios e livros, os quais nos apresentam suas fontes críticas, quer primárias, quer secundárias, onde abeberaram suas informações, fica evidenciada a falta de sistematização dessas mesmas fontes. Refiro-me a uma sistematização de ordem estatística, temática, tipológica, de gênero literário, crítico-conceitual ou cronológica. Apesar das abundantes listas bibliográficas, sobre o que se tem escrito a respeito de Simões Lopes Neto, falta um trabalho de maior fôlego que venha a suprir essa lacuna, facilitando a tarefa dos estudiosos.¹ Desse modo, é que se pode distinguir entre as bibliografias gerais e parciais, dividindo-se cada um desses tipos em seletivas ou especiais. Como exemplo de bibliografia geral poder-se-ia tomar a lista apresentada no final do volume de Lígia Chiappini² e, de parcial, a de Sica Diniz³. Podemos exemplificar como bibliografias especiais a de Flávio Loureiro Chaves⁴ sobre os *Contos gauchescos* e aquela elaborei sobre o *Negrinho do Pastoreio*.⁵ Tudo isso deve ser diferenciado das chamadas fortunas críticas, do contrário essas nada mais seriam que bibliografias anotadas. Entendendo as últimas no sentido de uma investigação mais acurada do destino dos juízos sobre um determinado autor.

As bibliografias gerais mais completas sobre Simões Lopes Neto estão em Lígia Chiappini e Flávio Loureiro Chaves.⁶ Uma das primeiras tentativas significativas, constituída ainda na espontaneidade do labor da construção do texto crítico, é a de Augusto Meyer⁷, excetuadas, é claro, as pesquisas de Carlos Reverbel⁸. Para fundamentar melhor a necessidade do aprimoramento metodológico das listas bibliográficas tomemos

¹ Flávio Loureiro Chaves em **Simões Lopes Neto**, (Vol. 7, Letras Riograndenses. Porto Alegre: IEL, 1987, p. 25.) já anunciava que Reverbel estava prestes a publicar uma bibliografia completa sobre o escritor. Passados 13 anos essa obra ainda não apareceu. Atentemos para o fato de que, lamentavelmente, Reverbel faleceu em 1997. Em termos de fortuna crítica (especial-temática), o que melhor se produziu foi *A história das edições e das leituras*, CHIAPPINI, Lígia. In: **No entretanto dos tempos** : literatura e história em João Simões Lopes Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1988, pp. 53-95.

² CHIAPPINI, Lígia. Ob. cit., pp. 411-416 e também sua edição crítica dos *Contos Gauchescos/Lendas do Sul/Casos do Romualdo*. Brasília: IEL, 1988, pp. 367-371.

³ DINIZ, Carlos Sica. *Bibliografia*. In: **Novos textos simonianos**, pp. 69-86.

⁴ CHAVES, Flávio Loureiro. **Simões Lopes Neto**. Vol. 7. Letras Riograndenses. Porto Alegre: IEL, 1987, p. 25. O critério adotado aí é o de coligar as introduções críticas ao *Contos gauchescos*. À lista elaborada por F. L. Chaves, em 1987, acrescente-se: FISCHER, Luis Augusto. In: **Contos gauchescos. Introdução**. Porto Alegre: Ed. Artes e Ofícios, 1998.

⁵ BORGES, Luís. *A lenda do Negrinho do Pastoreio*: origens, fontes e versões (1998, inédito).

⁶ **No entretanto dos tempos**: literatura e história em João Simões Lopes Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1988, pp. 411-416; **Simões Lopes Neto**: regionalismo e literatura. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, pp. 237-239. Hohlfeldt reconhece esse mérito (ob. cit., p. 59).

⁷ MEYER, Augusto. *Prosa dos pagos*. São Paulo: editora Martins, 1943.

⁸ MATOS, Mário. Ob. cit., p. 31.

aleatoriamente esses dois casos citados. A bibliografia constante em Loureiro Chaves foi elaborada em 1980. Depois de oito anos, as fontes registradas haviam crescido vinte e quatro por cento. Apesar disso, qualquer um deles sequer chega perto de um quinto do material anunciado por Reverbel. Fica, pois, evidente que urge, em função das necessidades de pesquisa, distinguir entre bibliografias gerais, parciais, especiais e fortuna crítica. A fortuna crítica tal como a entendo, cujo melhor modelo aplicado é a de Chiappini¹, que desenvolve o encadeamento da recepção crítica. Isto quase só é possível na medida que se organiza e sistematiza as fontes a serem analisadas, tal produto é que possibilita também a socialização dessas fontes, por sua vez fornecendo o caldo necessário ao debate científico. Tal medida ampliaria de modo considerável as perspectivas de pesquisa, eis que passariam a ser debatidos não só os arrolamentos de várias naturezas, que servem de fonte, mas também os diversos procedimentos metodológicos e hermenêuticos. Nisso reside, afinal de contas, o grande valor das bibliografias tanto gerais, quanto seletivas. Assim é que se deve louvar o trabalho de Sica Diniz, porque ele apresenta inclusive, não apenas um roteiro de obras para consultas de mais fácil acesso², mas também por adotar critérios claros e objetivos de organização³. Outro trabalho importante é o de Mário Matos, *Simões Lopes Neto: tempo de resgate* (1999), que a despeito de apresentar deficiências consideráveis, tais como a imprecisão no registro de algumas informações (datas e nomes, cronologia de obras), constitui-se em realização meritória e pioneira.⁴

O pequeno livro de Antônio Hohlfeldt escrito para a Coleção Esses Gaúchos, da RBS, levando-se em consideração seu caráter de vulgarização, esboça, do ponto de vista do conteúdo, um certo exercício daquilo que aqui definimos como fortuna crítica. Aliás, sua maior contribuição consiste em compilar, de maneira, mais ou menos, ordenada, o fio da meada para uma leitura, dando através de frestas algum panorama do que se tem dito sobre Simões Lopes Neto.⁵ Adiante, seguindo o modelo sintético adotado por Hohlfeldt¹, tentei

¹ Vide nota 22.

² DINIZ, Sica. **Novos textos simonianos**, p. 71.

³ Idem, *ibidem*, p. 71.

⁴ MATOS, Mário. *Prólogo do Autor*. In: **Simões Lopes Neto: tempo de resgate**. Pelotas: EPP, 1999. A fortuna crítica de Mário Matos foi publicada originalmente no **Diário Popular**, em 11-7-1995.

⁵ HOHLFELDT, Antônio. **Simões Lopes Neto**, pp. 80-85. Lígia Chiappini (Ob. cit., pp. 92-94) reconhece o mérito do autor ao levantar a tese, que mereceria atenção, de que Simões teria um projeto global para sua obra. Essa hipótese foi exposta por Hohlfeldt em *A história gaúcha em três lendas de Simões Lopes Neto*. In: **Correio do Povo**, 5-5-1979, republicado em **Literatura e vida social**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996, pp. 35-50.

expor alguns pontos que considero fundamentais na trajetória do resgate e da valorização da obra lopesnetina, não apenas livros, artigos ou teses universitárias, mas também eventos e polêmicas.

De resto, julguei ser de utilidade, ainda que de modo preliminar e provisório, apresentar o movimento e a evolução da recepção crítica de João Simões Lopes Neto. Organizei um critério cronológico-estatístico, selecionado em décadas, acompanhado pela referência, conforme já se havia dito, de eventos, polêmicas ou descobertas significativas. No final deste ensaio, encontra-se uma lista bibliográfica sobre Simões Lopes Neto, organizada nos moldes da de Sica Diniz, porém, apenas em sua pretensão metodológica, uma vez que sua intenção é, de fato, apresentar-se como uma bibliografia geral, ao contrário daquela citada. Essas bibliografias nos permitem verificar o enorme campo que a obra simoniana suscita.

Na linha da transtextualidade, ocorre, por exemplo, o romance *Fronteiras*, de Juremir Machado da Silva, onde a tradição gauchesca representada em Simões Lopes Neto é retomada na figura de Don Benito. A história é ambientada numa vila chamada Palomas, na qual se cruzam as vidas de Janguinho (o menino-narrador) e do caudilho Benito Rivera.²

Na área da literatura comparada existem trabalhos de grande qualidade como os de Tânia Franco Carvalhal, dos quais podemos citar como exemplo *João Simões Lopes Neto e Jorge Luís Borges: dois leitores da gauchesca* e *Simões Lopes Neto e a Literatura Gaúcha: o particular e o geral*.³ Há também a redação um modesto trabalho intitulado *A gauchesca platina e simoniana*, que apresentei à cadeira de Teoria da Literatura no pós-graduação em Literatura Brasileira Contemporânea, do Instituto de Letras e Artes da UFPEL.⁴

¹ HOHLFELDT, ob. cit., pp. 80-84.

² SILVA, Juremir Machado da. *Fronteiras*. Porto Alegre: Sulina, 1999. Para detalhes críticos, vide: HOHLFELDT, Antônio. *Entre a memória e a crítica*. In **Blau**, Porto Alegre, n. 29, ano IV, 1999, p. 22. Outras notícias: **Diário Popular**, em 25-9-1999 e **Correio do Povo**, em 14 -9-1999.

³ O primeiro título refere-se a uma conferência da Dra. Tânia Carvalhal, proferida aos 10 de junho de 1996, durante o I Seminário de Estudos Simonianos, ocorrido em Pelotas, nas dependências do auditório do Centro de Integração do Mercosul. O segundo consta in CRUZ, Cláudio (Org.). **Simões Lopes Neto**. Porto Alegre: UE/Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Cadernos Porto & Vírgula, n. 17, 1999, pp. 36-43.

⁴ BORGES, Luís. *A gauchesca platina e simoniana* (1999, inédito). Nesse trabalho, sobre esse assunto, oponho-me à posição de Moysés Vellinho em *A carreira póstuma de Simões Lopes Neto*. Será interessante verificar a observação de Lígia Chiappini, ob. cit., p. 92.

Nos estudos de Estilística, Lingüística e Filologia existe a obra marcante de Aurélio Buarque de Hollanda¹. Dentro desse âmbito, encontra-se ainda os livros de Chamie² e Dino Preti.³ Este último busca aprofundar o entendimento do estilo simoniano, especialmente os recursos que o autor empregou, para resolver a assimetria fundamental do projeto regionalista, isto é, a linguagem do escritor letrado da cidade e a fala do personagem popular, pertencente ao mundo rural.⁴

Na interpretação sociológica são emblemáticos os trabalhos de Raimundo Faoro, tais como *Introdução ao estudo de Simões Lopes Neto* e *Antônio Chimango, algoz de Blau Nunes*.⁵ Para ele, os *Contos gauchescos* apanham o gaúcho no início da história do Rio

¹ *Linguagem e estilo de Simões Lopes Neto*. Introdução. In **Contos gauchescos e Lendas do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1949. Há várias análises do trabalho de Aurélio Buarque de Hollanda: (...)“ a análise de Aurélio Buarque é criticada por Victor Mozart Russomano (...). Também Sílvio Júlio o critica, mas acentuando sobretudo o fato de não reconhecer certos americanismos, amerigenismos ou castelhanismos, tidos por Aurélio Buarque como arcaísmos, o que é visto como concessão à leitura nacionalista de certos estudiosos gaúchos, entre eles, especialmente, Walter Spalding.” (Cf. Chiappini, ob., cit., p.72, nota 34). Há um longo comentário sobre o estudo de Buarque de Hollanda em *Motivos e critérios de uma segunda edição crítica dos Contos gauchescos e das Lendas do Sul*. In **Simões Lopes Neto**. Cadernos Porto & Vírgula. Porto Alegre: UE/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, n. 17, pp.18-20. É interessante a observação do Dr. Sica Diniz em seu artigo *Simões Lopes Neto: os inéditos e as novas edições*, onde afirma que: “Se a edição crítica da Globo não foi a definitiva dos melhores textos de Simões, foi a que mais se aproximou dessa qualificação.” Anteriormente a essa assertiva, Diniz reporta-se a um reparo que Luís Augusto Fischer faz a essa edição, uma vez que ele aponta um erro de revisão no conto *Os cabelos da china*. Continua Diniz: “ Convém lembrar a história da edição crítica de *Contos gauchescos e Lendas do Sul*, que veio a lume em 1949, inaugurando a Coleção Província. Da primeira edição a Globo extraiu várias tiragens, ao que se sabe com certeza em 1950, 1951, 1953, 1957 e 1961. Contando com dois excelentes estudos de Augusto Meyer, um para os *Contos* e outro para as *Lendas*, mais introdução de Aurélio Buarque de Hollanda, essa insuperável edição crítica da Globo, ainda trazia completíssimo glossário e fechava com um estudo biográfico, à guisa de posfácio, de autoria de Carlos Reverbel.” (Cf. **Simões Lopes Neto**, Cadernos Porto & Vírgula, p. 90).

Ricardo Carle no texto *Um diálogo Simões e Aurélio* (in: **Zero Hora**, 8-6-1999) ao entrevistar José Otávio Bertaso, 69 anos, neto do fundador da editora Globo, tenta buscar as respostas para que Aurélio Buarque de Hollanda tenha-se interessado pela obra de João Simões Lopes Neto: “Naquela época ele [Aurélio] já colaborava com a Globo, fazia traduções e outros trabalhos. Estávamos reconstituindo as obras do Simões. O Reverbel, por exemplo, estava trabalhando com *Casos do Romualdo*. O Aurélio freqüentava o Maurício Rosenblatt, que era nosso gerente no Rio. Ele teve muita ajuda do Reverbel. Também veio ao Rio Grande do Sul pesquisar. Foi a Pelotas algumas vezes. A gente tinha um bom intercâmbio, apesar da precariedade da telefonia. Viajava-se muito.”

Além de Reverbel, Meyer e Rosenblatt, Aurélio se socorreu de outros amigos. Na advertência anteposta aos verbetes finais, ele esclarece: “Para organização deste glossário foi importantíssima a contribuição – que aqui se agradece – de Carlos Reverbel, Sara de Souza Meyer, Augusto Meyer, Luísa Rosenblatt.” O certo é que Meyer era muito amigo de Aurélio. Carle conclui seu artigo dizendo que Regina Zilberman acredita ter sido este a aproximá-lo dos editores gaúchos e da obra simoniana.

² CHAMIE, Mário. *Linguagem virtual*. São Paulo: ed. Quiron - Secretaria de Ciência e Tecnologia, 1976.

³ PRETI, Dino. *Sociolingüística: os níveis de fala*. 2. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1975. [1ª edição, 1972].

⁴ Vide comentário de Chiappini, ob. cit., p. 86.

⁵ FAORO, Raimundo. *Introdução ao estudo de Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: **Revista Quixote**, n. 4, 1949; *Antônio Chimango, algoz de Blau Nunes*. Porto Alegre: **Revista Quixote**, n. 5, 1952. Republicado em

Grande e o acompanham na passagem da *vida comunitária para a sociedade patrimonialista estamentária*, situando-se, portanto, “na flutuação evolutiva”, na transição da magia à religião.¹

Nessa vasta paisagem de variegados pontos de vista sobre a obra de João Simões Lopes Neto, que sucintamente tentou-se exemplificar acima, havia, entretanto, um território ainda virgem, que era o da análise filosófica, lacuna que o ensaio *O núcleo ético-metafísico da lenda do Negrinho do Pastoreio, de Simões Lopes Neto*, de autoria do Dr. Agemir Bavaresco, veio preencher.² Ressalte-se que esse trabalho pioneiro vem trazer não só um novo campo de investigação, mas também um novo horizonte hermenêutico, exercido com rigor, ousadia e competência. É bastante significativo que a escolha do Dr. Bavaresco tenha recaído, entre tantos motivos pertinentes que perpassam a obra simoniana, sobre a lenda do Negrinho do Pastoreio, para discutir a questão ético-metafísica. Sobre essa página tão querida, tão encravada na alma rio-grandense, muito já se escreveu, embora não sob esse ângulo. As versões mais correntes da lenda são a de Apolinário Porto Alegre (1844-1904), sob o título de *O crioulo do pastoreio*³, a do uruguaio Javier Freyre⁴ e do pelotense João Simões Lopes Neto⁵, sem dúvida, a mais notável, tanto pelos elementos tradicionais que aí

TARGA, Luiz Roberto Pecoits. (org). In: **Breve inventário de temas do sul**. Porto Alegre: URGs: FEE; Lajeado: UNIVATES, 1998, respectivamente pp. 22-38 e 39-46.

¹ Cf. Chiappini, ob. cit., p. 75.

² Vide meu breve comentário sobre o texto do Dr. Bavaresco, num escrito intitulado *Novo olhar sobre Simões Lopes Neto*, publicado no jornal **Diário Popular**, em 9-3-2000, como artigo, sob o título de *Os 135 anos de nascimento de João Simões Lopes Neto*.

³ PORTO ALEGRE, Apolinário. *O crioulo do pastoreio*. Porto Alegre: Biblioteca Rio-grandense, 1875.

⁴ Publicada no almanaque “El Pasatiempo”, de Montevidéu, em 1890. Freyre explica o surgimento da lenda a partir de um fato, ocorrido em 1784, na propriedade de um rico estancieiro português, na Banda Oriental, no departamento de Paysandú.

⁵ A lenda do Negrinho do Pastoreio foi publicada no jornal *Correio Mercantil* (Pelotas) em data de 26-12-1906. Essa lenda João Simões Lopes Neto afirma tê-la recolhido de uma velha escrava na região de Pelotas. “No dia 24 de dezembro de 1906, Coelho Neto deixou a capital do estado, tomando o vapor Mercedes e rumando diretamente para Pelotas, segunda etapa de sua excursão ao rio Grande do Sul. Em lá chegando, no dia de Natal, foi surpreendido com a homenagem que lhe reservara desconhecido escritor local, ao dedicar-lhe (...) a obra-prima batizada com o nome de Negrinho do Pastoreio.” (Cf. **Um capitão da Guarda Nacional**, p. 63). Mais tarde, Simões incluiu esse texto nas *Lendas do Sul* (1913). Esse texto teve edição recente, em 1999, com formato “livro de bolso”, como parte dos festejos dos 109 anos do jornal *Diário Popular*, sob o título de *O Negrinho do Pastoreio e outras histórias*, com seleção e notas de Mário Osório Magalhães. A capa foi ilustrada com uma fotografia de Carlos Queiroz, que reproduz escultura em bronze [representando o Negrinho] do artista Antônio Carangi. Confirmando a importância da influência dessa produção, podemos citar um conto contemporâneo que procura seguir o espírito da lenda do Negrinho, e, portanto, da escritura simoniana, é *A assombração da ponte*, de Zênia de León, constante em *Fronteiras da Imaginação* (contos), Pelotas, 1986, pp. 103-109. Vide o meu texto *Fronteiras da imaginação: opinião de leitor* (1999, inédito).

ficaram sedimentados, e que foram inclusive enriquecidos, quanto pela insuperável feição artística com que ele a revestiu.

Fez-se um levantamento, para identificar os registros e versões da lenda do Negrinho do Pastoreio¹ :

- 1) Apolinário José Gomes Porto-Alegre (1844-1904): *O crioulo do pastoreio*. Porto Alegre: Biblioteca Rio-grandense [1875]
- 2) Javier Freyre: relato da lenda publicado no almanaque “El Pasatiempo” [1890]
- 3) Daniel Granada: *Reseña historico-descriptiva de antigas y modernas supersticiones de Rio de la Plata* [1896]
- 4) Alfredo Augusto Varela (1864-1943): *Rio Grande do Sul – descrição geográfica, histórica e econômica* . Porto Alegre: Livraria Universal-Echenique [1897]
- 5) Carlos Teschauer (1851-1930): *Mythen und Alte Volkssagen aus Brasilien* . In: Revista Antropos, Salzburg [1906]
- 6) João Simões Lopes Neto (1865-1916): *O Negrinho do Pastoreio*. [1906], 2. edição, 1913.
- 7) João Cezimbra Jacques (1849-1922): relato da lenda em *Assuntos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: editora da Escola de Engenharia [1912]
- 8) Roque Callage (1886-1931): *Terra Gaúcha*. Porto Alegre: editora da Escola de Engenharia [1914]; 2. edição: Livraria Universal-Echenique, 1921.
- 9) Juan Ambrosetti: *Superticiones y Leyendas*. Buenos Aires: La Cultura Argentina [1917]
- 10) Darcy Pereira Azambuja (1901-1970): *Contos Rio-grandenses* (contos escolares). Porto Alegre: Globo [1928]

Vale dizer que o registro mais antigo da lenda do Negrinho do Pastoreio não está consignado nessa lista, vem juntar-se ao privilégio de outro pelotense, o de tê-la enfeitado na mais bela forma em que apareceu, é do historiador Alberto Coelho da Cunha (1853-1928)², em 1872. Entre a versão mais antiga e mais tardia , isto é, a de 1872 e a de 1928, há elementos essenciais na lenda que encontraram variantes significativas: a sinhá-moça, filha do estancieiro, é “meiga criatura” (cf. Apolinário Porto Alegre), o filho, “ raivoso e mau”,

¹ BORGES, Luís. *A lenda do Negrinho do Pastoreio: origens, fontes e versões* (1998, inédito).

² CUNHA, Alberto Coelho da. *Contos Rio-grandenses*. In **Revista do Parthenon Literário**: Introdução (5), p. 41 e seg. e Final (6), p. 26 e seg. , ambos os números são de 1872. Para saber o índice geral da referida

que enxota a tropilha e faz desabar sobre o Negrinho o terrível castigo (cf. as versões seguintes), a Madrinha, Nossa Senhora (cf. Simões Lopes Neto), elemento que está praticamente ausente nas outras versões.¹

As origens da lenda são controversas. Entre os diversos folcloristas que se ocuparam da discussão sobre as origens da lenda do Negrinho do Pastoreio, Carlos Teschauer em seu *Avifauna e flora nos costumes, superstições e lendas brasileiras e americanas*², apresenta o Negrinho como uma variante do Currupira, transmutado por sua vez em Saci: *No Rio Grande do Sul só conhecem os vaqueiros e gaúchos com o nome de Negrinho do Pastoreio, oferecendo-lhe algumas velas, que acendem para acharem um animal perdido*.³

Em *O folclore no Brasil* (1928), sustenta Basílio de Magalhães a mesma tese de Teschauer, complicada ainda pela opinião de Barbosa Rodrigues, o qual afirma que a lenda teve origem paulista, migrando depois para o Rio Grande do Sul.⁴ Contra essa tese levanta-se Alcides Maya, investindo contra Teschauer, em artigo publicado no Diário de Notícias, em 24 de setembro de 1925.⁵ Mais tarde, em sua obra *Fogão Gaúcho* (1929), é ele o primeiro a criticar Basílio de Magalhães, que insistia em considerar alienígena e derivada do Saci a lenda do Negrinho do Pastoreio.⁶ É Maya ainda quem aponta a possível fonte do engano: ao Negrinho e ao Saci, manda a superstição que se ofereçam um naco de fumo, conquanto que em se tratando do Negrinho do Pastoreio recomenda-se também acender uma vela.⁷ Na versão de Alfredo Varela, de 1897, agregam-se esses elementos, sendo o voto, promessa ou pedido feitos com um naco de fumo e o acendimento de um toco de

revista: VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. In **O Parthenon Literário e sua obra**. Porto Alegre: Flama / IEL, 1976, pp. 87-109. Para complementar as informações, na mesma obra, pp. 113-163.

¹ Vide quadro comparativo em CHIAPPINI, ob. cit., p. 260. Forneço detalhes em meu texto *A lenda do Negrinho do Pastoreio: origens, fontes e versões* (1999, inédito). O Dr. Bavaresco considera o tema da Madrinha como o elemento que confere à horizontalidade naturista o sentido metafísico do arquétipo cristão, restaurando em plenitude a redenção, a dignidade e a liberdade dos injustiçados e dos excluídos. Diz Barbosa Rodrigues: “Na terra gaúcha, mais do que alhures, ninhou-se o mito, assim africanizado, com uma auréola de singular religiosidade.” (Cf. Augusto Meyer, ob. cit., p. 46). Segundo Raimundo Faoro, o Negrinho é colocado como uma espécie de “rito de iniciação”, é visualizado, igualmente como “mediador”, paralelo à figura de Cristo. (Cf. HOHLFELDT, ob. cit., p. 70). Vide também: REVERBEL, Carlos. *O Negrinho do Pastoreio na umbanda*. In **Letras e Livros**, em 23-12-1982.

² TESCHAUER, Carlos. *Avifauna e flora nos costumes, superstições e lendas brasileiras e americanas*. Porto Alegre: Globo, 1925, pp. 111-112.

³ MEYER, Augusto, ob. cit., p.45, apud. Teschauer.

⁴ Idem, ibidem, p. 45. Além da tese da lenda ser de origem paulista, há a hipótese, defendida por Euclides da Cunha (1886-1909) nos *Sertões* (1902) de ela ter tido berço no nordeste brasileiro.

⁵ Idem, ibidem, p. 46.

⁶ Idem, ibidem, pp. 46-47.

⁷ Idem, ibidem, pp. 46-47.

vela.¹ Mais tarde, Darcy Azambuja tendo apresentado o registro comentado da lenda, descreve a promessa com os mesmos elementos, em seu *Contos Rio-Grandenses* (leituras escolares), do ano de 1928.

Concordando com Augusto Meyer, a lenda do Negrinho do Pastoreio originou-se no Rio Grande do Sul, por piedade e como desafronta e castigo moral pelos sofrimentos havidos durante a escravidão.² Sublinha Alcides Maya que a lenda é de fundo essencialmente cristão. Todos os intérpretes e folcloristas são unânimes em assinalar essa característica fundamental.

Por estas breves considerações pode-se intuir a enorme repercussão cultural e literária da lenda do Negrinho do Pastoreio na fixação da identidade rio-grandense e latino-americana. Daí depreende-se também a importância do olhar filosófico que Bavaresco inaugura com seu ensaio *O núcleo ético-metafísico do Negrinho do Pastoreio, de Simões Lopes Neto*.

¹ VARELA, Alfredo. *Rio Grande do Sul: descrição geográfica, histórica e econômica*. Porto Alegre: Livraria Universal, 1897.

² MEYER, Augusto. *Prosa dos pagos*. São Paulo: Livraria Martins editora, 1943, pp. 43-45. Obs: Meyer, para além das fronteiras do Rio Grande do Sul, cita como autores que registram a lenda do Negrinho do Pastoreio, o argentino Juan Ambróseti, não se referindo, porém, ao uruguaio Javier Freyre, tampouco a Daniel Granada.

2. BREVE TRAJETÓRIA DO RESGATE

Segundo Carlos Reverbel¹ há diversas obras de João Simões Lopes Neto que, tendo sido anunciadas pelo autor, nunca chegaram a ser publicados ou o foram de modo incompleto. A respeito disso, umas perguntas inquietam o espírito: algumas dessas obras teriam mesmo sido escritas? Os originais se teriam extraviado? Pois é. Talvez muitos elementos para responder essas e outras perquirições tenham-se irremediavelmente perdido, devido à demora em resgatar o seu espólio². Tendo o escritor deixado a viúva, Francisca de Paula Meireles Leite, conhecida desde moça por Dona Velha³ e uma filha adotiva (Firmina) em penosas condições financeiras⁴, isso fez com que, a fim de suprir as premências, o espólio de João Simões Lopes Neto fosse posto à venda⁵, não recebendo,

¹ REVERBEL, Carlos. *Um capitão da guarda nacional*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1981, p. 295. Trata-se de *Jango Jorge*, *Peona e dona* (romances), *Artinha de leitura* e *Eu no colégio* (leituras para crianças), *Palavras viajantes* (conferências), *Prata do Taió* (notas de uma comitiva de exploração), *Contos gauchescos* (2ª série). Destes últimos, Lígia Chiappini encontrou *Sinhá Jana* e *Sinhá Jana II*. Estes textos são fragmentos de um conto maior, do qual ela não encontrou seqüência. Foram publicados originalmente em 15-7-1901 e 22-7-1901 no jornal pelotense *O Pensamento*, números 3 e 4, vindo assinados por Serafim Bemol.

² Para saber detalhes recomendamos a leitura de I e IV da 8ª Parte do livro de Reverbel (ob. cit.). Vide referência a esse episódio em meu artigo *O aniversário do tio Joca*. In: **Diário da Manhã**, 9-3-2000.

³ REVERBEL, ob. cit., p.249.

⁴ Anibal Mato Grosso no necrológio que redige para o *Opinião Pública*, de 13 de junho de 1916, abre uma campanha pública de auxílio à família do desvalido escritor. Reverbel (ob. cit., p. 249) conta que nos primeiros dias de sua viuvez, Dona Velha recebeu auxílio de uns poucos parentes e amigos, entre os quais o fiel cunhado e amigo de Simões Lopes Neto, José Mendes Gomes (o Mouta Rara). Vide referências no meu artigo supracitado.

⁵ Os jornais *Opinião Pública* e *Diário Popular* começaram a divulgar o anúncio da venda do arquivo quase diariamente, entre 19 e 25 de abril de 1918. Ivete Massot em seu livro **Simões Lopes Neto na intimidade** (Porto Alegre: Bels-IEL, 1974, p. 181) afirma que: “a formidável obra de João Simões Lopes Neto, ‘Contos gauchescos’ e ‘Lendas do sul’, foram vendidos pela viúva à Livraria do Globo, por 1 conto e quinhentos mil réis, sem direito, nem ela, nem a família ao retorno dos direitos autorais.” Essa informação é falsa. Segundo Reverbel (ob. cit., p. 254), os direitos autorais das obras acima citadas pertenciam à Livraria Universal (fundada em Pelotas, em 1887), de propriedade de Guilherme Echenique, vendidos a este pelo próprio autor. Mozart Victor Russomano nos informa que “o pagamento, para a época, foi apreciável e demonstra o tino crítico dos livreiros, que desempenharam, aliás, um papel saliente na formação cultural da zona sul do estado” (Cf. *Correio do Povo*, de 16-6-1916). Os direitos autorais de *Contos gauchescos* e *Lendas do sul* foram adquiridos, em 1925, da Livraria Universal-Echenique pela Livraria do Globo por intermédio da iniciativa de Mansueto Bernardi, então diretor da secção de livros da Casa de José Bertaso. De posse dos direitos autorais, a editora, em 1926, lançou a reedição dos dois livros, reunidos num único volume. A tiragem foi de 2 mil exemplares, mas tornou-se histórica, pois marca o ressurgimento editorial de João Simões Lopes Neto. Em carta datada de 20 de agosto de 1945, dirigida por Dona Velha a Henrique Bertaso, diretor da Livraria do Globo, ela assim se manifestava: “Reconhecendo esse nobre gesto que VV.SS, como mais uma expressiva homenagem à memória de meu falecido marido, valho-me da oportunidade para lhes agradecer, sinceramente, a generosidade que tiveram para comigo.” (Cf. REVERBEL, ob. cit., p. 263). O mesmo sentimento de gratidão manteve Dona Velha até o fim da vida pela Livraria do Globo, que por ocasião da publicação de *Casos do Romualdo* passou a pagar 10% a Dona Velha sobre o preço de venda do livro (cf. carta de 8 de

contudo, o interesse de ninguém¹. De qualquer forma, desde o ressurgimento editorial de João Simões Lopes Neto, no início da segunda metade da década de 20, muitos esforços foram feitos para a preservação de sua memória e a valorização de sua literatura. Nesse sentido, o ordenamento de esferas de pesquisa e o estabelecimento de fortunas críticas, constituem-se num ponto essencial, além da manutenção de acervos, para um roteiro de aprofundamento dos estudos sobre o autor. Dentro desses esforços, nos últimos tempos, dois trabalhos podem ser destacados: as bibliografias organizadas por Sica Diniz² e, posteriormente, por Mitizi de Miranda Gomes³, cuja maior vantagem é atualização. Além destes, o terceiro trabalho merecedor de nota, é a fortuna crítica elaborada por Mário Matos⁴.

Apesar de encontrarem-se extensas bibliografias nas obras de Flávio Loureiro Chaves e Lígia Chiappini e uma coletânea de juízos críticos também em Moysés Vellinho e Chiappini⁵, são ainda poucos os trabalhos que se preocupam em sistematizar a bibliografia

agosto de 1952, de Henrique Bertaso, citada em REVERBEL, ob. cit., p. 265-266). Tudo isso desmente a atitude rapace da Livraria do Globo fornecida por Ivete Massot. Vide: BORGES, Luís. *O aniversário do tio Joca*. In **Diário da Manhã**, 9-3-2000.

¹ Em face das dificuldades financeiras da viúva, ela teve muitos problemas em conservar o arquivo do marido. A partir daí, começam perdas e deteriorizações, tendo ela inclusive perdido de vista partes valiosas do acervo, no famoso caso do “sumiço da mala” (vide detalhes em REVERBEL, ob. cit., p. 252). A tal mala, contendo partes do arquivo de João Simões Lopes Neto, esteve desaparecida durante 20 anos, sendo restabelecida a Dona Velha somente em 1943. Por volta de 1955, os salvados desse arquivo foram doados a Mozart Victor Russomano, que, ao recebê-los, disse: “O arquivo de J. Simões Lopes Neto foi espoliado através dos anos. Hoje está entregue às minhas mãos, pela viúva do saudoso escritor. Reduz-se a um amontoado de documentos desorganizados – muitos dos quais de vital importância para a história do Rio Grande do Sul- que reclamam classificação e detalhada pesquisa. O observador, no entanto, ao primeiro exame daquele repositório de peças históricas, descobre alguns pequenos livros – elementares, por sinal- e diversas notas, do próprio punho do escritor, sobre a industrialização do tabaco (tipos, métodos de aproveitamento, qualidades medicinais e outros detalhes).” (Cf. *Alguns aspectos de Simões Lopes Neto*. In: **Fundamentos da cultura riograndense**. Vol. 3. Porto Alegre: UFRGS, 1958, p. 209 ss.)

² DINIZ, Carlos Sica. *Bibliografia*. In **Novos textos simonianos**. Pelotas: Confraria Cultural e Científica Prometheu - Livraria Lobo da Costa, 1991, pp. 69-85. Diniz afirma que uma bibliografia mais organizada não havia sido tentada. De fato, a sua seleção encontra-se entre o que de melhor já se fez.

³ GOMES, Mitizi de Miranda. *Bibliografia*. In: CRUZ, Cláudio (org.). **Simões Lopes Neto**. Porto Alegre: União Editorial- Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Cadernos Porto & Vírgula, n.17, 1999. P. 98-103.

⁴ A fortuna crítica de Mário Matos foi redigida para inauguração da Casa de Cultura João Simões Lopes Neto, tendo sido publicada no jornal **Diário Popular** (Pelotas), em 11-7-1995, e, posteriormente, incluída no livro de Matos, **Simões Lopes Neto**: tempo de resgate. Pelotas: EPP, 1996), pp. 29-36. Aí o pesquisador seleciona 14 autores.

⁵ Vide: CHAVES, Flávio Loureiro. **Simões Lopes Neto**. Porto Alegre: IEL, 1987, pp. 27-28. Sob o título de “Depoimentos” desfilam trechos opiniões críticas de Moysés Vellinho, José Lins do Rego, Aurélio Buarque de Hollanda, Augusto Meyer, Raimundo Faoro, Lúcia Miguel Pereira, Antônio Cândido e Alfredo Bosi. CHIAPPINI, Lígia. *Contos gauchescos/ Lendas do sul/ Casos do Romualdo*. Edição crítica. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1988, pp. 363-364. Aí Chiappini nos traz a “Fortuna crítica – primeiros textos”, onde transcreve os artigos de Antônio de Mariz, João Pinto da Silva, Augusto Meyer e Darcy Azambuja.

e as edições da obra de João Simões Lopes Neto e sua respectiva fortuna crítica. É nessa direção que se deve louvar a iniciativa de Mitizi Miranda Gomes, Lígia Chiappini e Sica Diniz. Estes últimos, especialmente, em *Motivos e critérios de uma segunda edição crítica dos 'Contos gauchescos' e das 'Lendas do sul'* e *Simões Lopes Neto: os inéditos e as novas edições*.¹ Mais difícil ainda é o mapeamento da evolução dos registros críticos. Poder-se-ia começar fazendo uma revisão das obras de bibliografia e dos dicionários bibliográficos.² Nesse campo, foi-nos possível apurar, numa busca preliminar, que o primeiro registro em verbete sobre João Simões Lopes Neto consta na *Bibliografia do conto brasileiro*, de 1918.³ Adiante tem-se os dicionários de Carpeaux, Assis Brasil, Raimundo de Menezes, Celso Pedro Luft e Afrânio Coutinho/Galante de Souza, entre outros.⁴

Um panorama interessante de como o escritor pelotense foi impondo-se à crítica nacional nos é fornecido por Moysés Vellinho, em *A carreira póstuma de Simões Lopes Neto*.⁵ Nesse texto, ele afirma que desde João Pinto da Silva e Augusto Meyer não houve dúvida quanto ao apreço à obra simoniana, mas que foi somente em 1950, pela mão de Lúcia Miguel Pereira, que seu nome finalmente abriu espaço na história geral da literatura brasileira.

O pesquisador Mário Matos declara: *O escritor Carlos Reverbel desde longa data dedica-se à empresa de coligir trabalhos sobre Simões Lopes Neto, remontando a pesquisa ao ano de 1940. O inventário acha-se dilatado e Reverbel ainda não o terminou. Pôde,*

VELLINHO, Moysés. In: **Contos e Lendas** (Ob. cit.). Enfeixando sob o título de “Julgamento crítico”, aparecem trechos de João Pinto da Silva, José Lins do Rego, Manoelito de Ornellas, Augusto Meyer, José Osório de Oliveira, Aurélio Buarque de Hollanda, João de Castro Osório, Herman Lima e Guilhermino César.

¹ In: **Simões Lopes Neto**. Porto Alegre: União Editorial/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1999, respectivamente pp. 15-24 e 88-91.

² Tratamos aqui apenas das bibliografias e dicionários de literatura que se ocupam de autores de todo o País, os trabalhos destinados a relacionar os escritores rio-grandenses foram abordados na primeira parte deste ensaio.

³ AGUIAR, Thereza da Silva; GOMES, Celuta Moreira. *Bibliografia do conto brasileiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1918, pp. 242-243.

⁴ CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. 3. ed. Revista e comentada. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964 (pp. 249-250); LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1967 (p. 194); ASSIS BRASIL. *Dicionário prático de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1979 (p. 292); MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979, (p. 383); COUTINHO, Afrânio e SOUZA, José Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Vol. 2. Rio de Janeiro: FAE, 1990 [1. ed. 1985] (p. 823) e vários outros.

⁵ VELLINHO, Moysés. *Letras da província*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1960 [1. ed. 1944]. Segundo Lígia Chiappini esse texto foi publicado pela primeira vez como apresentação ao livro *Contos e lendas*, da Agir, em 1957.

contudo, informar-nos que até 26 de agosto de 1987, seus registros montavam em 1054 referências de 518 escritores e jornalistas com verificação direta em de fontes originais em sua biblioteca. Desse montante, nada menos de 145 trabalhos são do próprio Reverbel.¹

Antes da década de 20 só me foi possível localizar três referências a João Simões Lopes Neto². A primeira está plasmada no artigo sobre os *Contos gauchescos*, de autoria de Antônio de Mariz³, publicado no jornal *Correio do Povo* (Porto Alegre), em 7 de novembro de 1913. Esse artigo foi posteriormente transcrito no *Opinião Pública*, de Pelotas, em 17 de novembro de 1913. Depois, vem a conferência *O Negrinho do Pastoreio*⁴, de Olavo Bilac, em 1916, e por fim a já citada obra de Thereza da Silva Aguiar e Celuta Moreira Gomes, editada no Rio de Janeiro, em 1918.

Todos sabem que, doente, amargurado e pobre, João Simões Lopes Neto acabou seus dias, sem conhecer a glória literária⁵. Mesmo assim, até a publicação da 2ª edição dos *Contos gauchescos e Lendas do Sul*, em volume único, pela Livraria do Globo, no ano de 1926, seu trabalho já fôra alvo de vários críticos renomados, tais como Victor Russomano e Moysés Vellinho⁶. A partir dessa reedição é que vão aparecer os famosos artigos críticos de Augusto Meyer e Darcy Azambuja.¹

¹ MATOS, Mário. *Simões Lopes Neto: tempo de resgate*. Pelotas: EPP, 1999, p. 31.

² Até agora tinha-se pensado só haver duas referências, posto levar em consideração apenas a 2. edição da conferência de Bilac, que é de 1927. A primeira edição de *Últimos discursos e conferências*, publicado pela Francisco Alves, é de 1924, porém, a conferência foi proferida em 1916. Vide nota 80.

³ Antônio de Mariz era o pseudônimo de José Paulo Ribeiro. Nasceu em Camaquã, em 1855, segundo Pedro Villas-Bôas assinala, com dúvidas, no seu *Dicionário bibliográfico gaúcho* (p. 205). Porém, Reverbel (ob. cit., p. 283-284) dá-lhe por nascido 10 anos antes. Morreu em 1929. Foi advogado e promotor público, dedicando-se também aos estudos históricos. Militou no jornalismo, publicando, a partir de 1904, no jornal *Correio do Povo*, uma série considerável de artigos (mais de 60 trabalhos) com comentários sobre livros, autores e assuntos diversos. Foi filiado ao Partido Federalista, colaborando inicialmente em *A Reforma*, órgão de Gaspar Silveira Martins. Mais tarde, passou a colaborar n' *A Gazeta do Comércio*. Pertenceu ao IHGRGS e à Academia de Letras do RS, onde foi confrade de Simões Lopes Neto. Podemos encontrar detalhes em seu necrológio publicado no *Correio do Povo*, em 3 de março de 1929. Obs: Corrija-se a informação de Mário Matos (ob. cit., p. 33) de que o nome verdadeiro de Antônio de Mariz era João Paulo Ribeiro.

⁴ A conferência de Olavo Bilac foi proferida aos 4 de outubro de 1916, na Academia de Letras do RS, na capital do estado. Para saber maiores detalhes sobre as visitas do 'Príncipe dos poetas brasileiros' a Pelotas e suas relações com Simões Lopes Neto, vide: REVERBEL, Carlos. *Bilac em Pelotas*. In **Correio do Povo** (Porto Alegre), em 13-12-1964, e *Regionalismo e brasilidade*. REVERBEL. In **Um capitão da guarda nacional**, p. 199-203; **PÁTRIA NOVA**, publicação do Tiro Brasileiro 31, Pelotas, 1916.

⁵ REVERBEL, ob. cit., p.276-281, *Um homem derrotado*. Vide referência em BORGES, Luís. *O aniversário do tio Joca*. In **Diário da Manhã**, 9-3-2000.

⁶ RUSSOMANO, Victor. In **Ilustração Pelotense**, ano II, n. 11, Pelotas, 1º de junho de 1920; VELLINHO, Moysés. In **Correio do Povo**, 7-9-1922 e 23-9-1923, sob o pseudônimo de Paulo Arinos; FREITAS, João C. de. In **Ilustração Pelotense**, n. 13, 1922; GUIMARAES, Eduardo. In **Correio do Povo**, 16-7-1925; SILVA, João Pinto da. *Fisionomia de novos*. Porto Alegre: Globo, 1922, e **História literária do RS**. Porto Alegre: Globo, 1924. Nessa última obra o crítico equipara João Simões Lopes Neto a Afonso Arinos, considerado

Ao contrário do que supõe o pesquisador Mário Matos², existem autores não rio-grandenses que teceram comentários sobre Simões Lopes Neto até o final dos anos 30. Três deles foi possível verificar com certeza: Olavo Bilac, Thereza Aguiar/C. Gomes e Agripino Grieco.³ Não resta dúvida, por tudo que se pesquisou, que a década de 30 é a mais pobre em termos de estudos simonianos. Isso de um lado, ajuda a falsear a argumentação de Wilson Martins⁴, o qual afirma que Simões foi acolhido pelos modernistas por puro modismo. Além disso, esse período da literatura brasileira comumente conhecido como “o ciclo do romance de 30”, onde a ficção regionalista se firma em vários pontos do país, gerando um movimento que perdurará por cerca de vinte anos, afasta a hipótese de acolhida momentânea da obra de Simões Lopes Neto.

O final da década de 40 se apresenta como a coroação de um período fecundo. Poder-se-ia dizer que nessa época se escreveu a base da crítica moderna sobre João Simões Lopes Neto. Num levantamento ligeiro, é possível afirmar que do ponto de vista numérico, esses dez anos, praticamente só serão superados duas décadas depois.

então, por opiniões abalizadas como as de Tristão de Ataíde (Alceu de Amoroso Lima), como um dos maiores regionalistas brasileiros. Além disso, colocava-o acima de Alcides Maya. Sobre esse assunto, vide: MASINA, Léa. **Alcides Maya**: um sátiro na terra do Currupira. Porto Alegre: IEL, 1999. Comentando o livro de Masina, afirma Maria Helena Martins: (...)” *apontando os ‘maniqueísmos’ da crítica literária modernista – que, a meu ver impregnou a grande maioria dos estudos subseqüentes e que persiste na hoje chamada “crítica ligeira”- identifica o reducionismo que impede, por exemplo, a valorização simultânea de Simões Lopes Neto e Alcides Maya;*” (...) (Cf. MARTINS, Maria Helena. *Léa Masina lê Alcides Maya: um encontro a instigar novas leituras*. In **Blau**, revista bimestral de literatura, n. 29, ano IV, Porto Alegre, 1999, p. 6. Ainda sobre a comparação entre Alcides Maya e Simões Lopes Neto, ver a referência de Alzira Freitas Tacques, in **Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros**. Antologia de escritores brasileiros e estrangeiros. Vol. 4. Porto Alegre: editora Thurmman, 1958, pp. 2879-2882, onde ela cita um trecho do comentário crítico de Floriano Maya d’Ávila.

¹ MEYER, Augusto. *O grande Simões Lopes Neto*. In: **Correio do Povo**, 26-8-1926; AZAMBUJA, Darcy. *Contos gauchescos*. In: **Correio do Povo**, 29-8-1926. Obs: Corrija-se o registro de Mário Matos (ob. cit., p. 38), que afirma ser o artigo de Darcy Azambuja do ano de 1921. Presume-se que seja erro tipográfico.

² MATOS, Mário. **Simões Lopes Neto**: tempo de resgate (súmula biográfica – fortuna crítica). Pelotas: EPP, 1999, p. 33.

³ BILAC, Olavo. *Negrinho do Pastoreio*. In **Últimos discursos e conferências**. 1. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1924. [2. ed. 1927] Obs: A conferência, conforme já nos referimos, foi proferida em Porto Alegre, aos 4 de outubro de 1916; AGUIAR & GOMES. **Bibliografia do conto brasileiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1918; GRIECO, Agripino. **Evolução da prosa brasileira**. Rio de Janeiro: Ariel, 1933. Talvez o conhecido e feroz crítico não tenha sido incluído entre os comentaristas de João Simões Lopes Neto até os anos 30, por se ter utilizado apenas como referência a 2ª edição, que é da editora José Olympio, de 1947. Sugere-se a verificação da possibilidade de um quarto autor, deveras importante: Nelson Werneck Sodré. Aventa-se essa hipótese, na medida em que a 3ª edição da **História da literatura brasileira** (1960) trata de Simões Lopes Neto, porém a 1ª edição é 1938, resta saber se Werneck Sodré já abordava Simões nessa ocasião.

⁴ MARTINS, Wilson. *Escritor representativo*. In **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 28-5-1983.

Embora Moysés Vellinho diga que foi Lúcia Miguel Pereira em sua obra *Prosa de ficção* quem deu notoriedade nacional a Simões Lopes Neto¹, ainda durante a década de 40, três trabalhos terão um papel decisivo na divulgação e na compreensão da obra lopesnetiana. Ei-los: *Brazilian Literature* (1945), de Érico Veríssimo, *Linguagem e estilo em Simões Lopes Neto*, de Aurélio Buarque de Hollanda e *Introdução ao estudo de Simões Lopes Neto*, de Raimundo Faoro, sendo que estes dois últimos trabalhos são de 1949.² No Rio grande do Sul, pela qualidade crítica dos textos, seis anos antes, dois livros muito importantes são publicados e seus ecos se fazem ouvir ainda hoje: *Prosa dos pagos*, de Augusto Meyer, e *Símbolos bárbaros*, de Manoelito de Ornellas³. Anteriormente a esses, aparecem os trabalhos de Sílvio Júlio e José Lins do Rego⁴. O autor de *Menino de Engenho* (1932) ficou perplexo com o realismo tocante e vívido da ficção simoniana. Menção especial também deve ser feita à revista *Província de São Pedro*, no que tange à divulgação de textos de Simões Lopes Neto e sua respectiva crítica. Em seu primeiro número, em julho de 1945, podemos encontrar a *Salamanca do Jarau* e um estudo crítico de Augusto Meyer.⁵ No n.º 2 da mesma revista (Setembro de 1945), publica-se um ensaio de Carlos Reverbel,⁶ mais um artigo de Darcy Azambuja sobre a lenda do Negrinho do Pastoreio, e

¹ VELLINHO, Moysés. *Letras da província*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1960, p. 255. Aí ele também afirma que José Osório de Oliveira foi o primeiro a se ocupar da obra de João Simões Lopes Neto em Portugal, vindo em seguida, João de Castro Osório.

² VERÍSSIMO, Érico. *Brazilian Literature., na Outline*. New York: Geenwood Press, 1945; HOLANDA, A. Buarque de. *Linguagem e estilo de Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: Globo, 1949; FAORO, Raimundo. *Introdução ao estudo de Simões Lopes Neto*. In: **Revista Quixote**, n. 4, fevereiro de 1949. Esse estudo foi republicado in TARGA, Luiz Roberto Pecoits (org.). *Breve inventário de temas do sul*. Porto Alegre: UGRS: FEE; Lageado: UNIVATES, 1998, pp. 22-38. Nesse mesmo livro consta outro estudo de Faoro (pp. 39-46), também já publicado na revista *Quixote*, n. 5, de agosto de 1952, intitulado *Antônio Chimango*, algoz de *Blau Nunes*.

³ MEYER, Augusto. *Prosa dos pagos*. 1. ed., São Paulo: editora Martins, 1943 [2. edição 1960, editora São José, do Rio de Janeiro]; ORNELLAS, Manoelito. *Símbolos bárbaros*. Porto Alegre: Globo, 1943. Nessa obra é que ele dá o cognome definitivo a João Simões Lopes Neto: Rapsodo bárbaro. Corrija-se a informação de Mário Matos (ob. cit., p. 35) de que tal designação teria sido dada por José Clemente Pozenato, em seu livro *O regional e o universal na literatura gaúcha*, Porto Alegre: Movimento, 1973 (2. edição: IEL, 1974).

⁴ JÚLIO, Sílvio. *Os Contos de Simões Lopes Neto*. In: **Revista das Academias de Letras**, RJ, n. 36, p. 194. REGO, José Lins do. *Gordos e Magros*. RJ: Casa do estudante, 1942, p. 198.

⁵ **Província de São Pedro** (rev. trimestral). Porto Alegre: Globo, n. 1: *Salamanca do Jarau*, p. 128 e *Simões Lopes Neto* (comentário de Meyer), p. 103.

⁶ O texto de Reverbel, *Esboço biográfico em tempo de reportagem*, foi reproduzido com cortes e adaptações no posfácio de *Contos gauchescos e Lendas do Sul*, edição crítica, 1949, de Aurélio Buarque de Holanda.

ainda *O Menininho do Presépio*¹. No mesmo período², constam também os trabalhos de Adail Morais e José Osório de Oliveira (1947).³

Em quantidade, a década de 50 apresenta, relativamente à anterior, uma redução de textos críticos e comentários. A qualidade do que se ofereceu, demonstra que, no entanto, em nada arrefeceu, ao contrário até, o interesse pela obra lopesnetiana. Como já se mencionou, os anos 50 começam bem, com o trabalho de Lúcia Miguel Pereira⁴. Além disso, esse período veio a presenciar a publicação de dois livros inéditos de Simões Lopes Neto, quais sejam *Casos do Romualdo*⁵ (1952), *Terra Gaúcha*⁶ (1955) e uma edição de luxo, em 1953, das *Lendas do Sul*, com ilustrações a cores de Nelson Boeira Faedrich⁷.

O ano de 1956 também foi bastante significativo. No início do ano aparece o artigo de Reinaldo Moura, fazendo um paralelo entre Simões Lopes Neto e Alcides Maia.⁸ Publica-se posteriormente na Coleção Província, editada pela Livraria do Globo, a *História da literatura do RS*, de Guilhermino César, onde o autor afirma que “o papel de Heráclito (João Mendes da Silva), Laf (Luís de Araújo Filho) e Simões Lopes Neto, no que concerne

¹ Esse texto foi resgatado por Reverbel e incluído na edição crítica de 1949, posteriormente apareceu na íntegra na obra de Alzira Freitas Tacques (1958), sendo incluído também na edição crítica organizada por Lúcia Chiappini (1988).

² Informação reproduzida na bibliografia organizada por Sica Diniz (in: **Novos Textos Simonianos**. Pelotas: CCCP – Livraria Lobo da Costa, 1991, p. 83). Apareceu também em HOHLFELDT, Antônio (**Simões Lopes Neto**. Coleção Esses Gaúchos. Porto Alegre: RBS, 1979; e em CHIAPPINI, Lúcia (**No entretanto dos Tempos**. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 414). Ambos, cautelosamente, não fornecem nem o número, nem o mês da revista, mas apenas o ano de 1946. Quem fornece a indicação correta é Moysés Vellinho na apresentação de **Contos e Lendas**. Rio de Janeiro Agir, 1957, p. 122. A informação de Hohlfeldt, Chiappini e Diniz está equivocada porque o n. 3 da revista Província de São Pedro é de dezembro de 45, e não de março de 1946. O artigo referido consta no n. 4 (p. 152-154). Nesse n. 4 aparece ainda a transcrição de duas cartas de Coelho Neto a João Simões Lopes (p. 168). O n. 3 saiu em dezembro de 1945 e não consta nenhum artigo de Adail Morais. Em compensação o n. 3 da Revista Província de S. Pedro traz alguns *Casos do Romualdo* (p. 63-69) e artigo *Salamanca do Jarau* (p. 92-93), de Paulo Guedes; um comentário sobre a obra musical de Luís Cosme, inspirada na versão da lenda escrita por João Simões Lopes Neto. O número da revista onde saiu *De Blau Nunes a João Guedes* (pp. 152-154), de Adail Morais, foi o n. 4, esse sim, de março de 1946. O número 4 traz ainda : *Introdução ao estudo do cancionero gaúcho* (p. 24 -27), de Augusto Meyer (quando não havia ainda publicado seu *Cancioneiro Gaúcho* [Rio Janeiro: editora Aurora, 1951], onde o autor, utilizando o *Cancioneiro Guasca*, de Simões Lopes Neto, polemiza com João Bento da Silva; *Novos Casos do Romualdo* ([*O tatu-rosqueira; A figueira; A tetéia*], pp. 135-140.

³ Quem fornece a referência é Moysés Vellinho (ob. cit., p. 122). OSÓRIO, João de Castro. *Um grande poeta épico*. In: **Atlântico** (nova série), Lisboa – Rio: ed. SNI e DNI, 1946, n. 2. Obs: citado em Hohlfeldt e Diniz como de 1947.

⁴ PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção* (de 1870-1820). 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. 215-224. [1. ed., 1950].

⁵ Vide detalhes em REVERBEL (ob. cit., pp. 238-241; 255-256 e 264-265).

⁶ Idem, ibidem, p. 268-271.

⁷ DINIZ, Carlos Sica. Ob. cit, p. 74.

⁸ Cf. **Correio do Povo** (Porto Alegre), 17- 2-1956.

à renovação da prosa gaúcha legada pela gente do “*Parthenon*”, só agora tem sido valorizado, quanto ao último em justa medida.”¹. Nesse mesmo ano aparece a tradução para o italiano da obra de João Simões Lopes Neto², descoberta por acaso por Alcides de Mendonça Lima, numa viagem a Milão.³

Na década de 60, as opiniões críticas e os registros mais importantes, contaram com a força das reedições dos trabalhos de Augusto Meyer, Nelson Werneck Sodré e Otto Maria Carpeaux.⁴ No ano da renúncia de Jânio Quadros, aparece na imprensa o interessante artigo *O Hóspede da Estância da Graça*⁵. Esse trabalho, pelos aspectos peculiares que aborda sobre a figura do escritor, assoma em curiosidade biográfica. No ano seguinte ao golpe militar, o incansável Reverbel publicou, pelo menos, seis artigos tratando de Simões no jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre. Em 1966, saem dois livros de Alfredo Bosi, que contemplam o nome de João Simões Lopes Neto entre os autores estudados,⁶ onde ele afirma ser o escritor pelotense “o patriarca das letras gaúchas” e “o exemplo mais feliz da prosa regionalista antes do modernismo.” Em 1967, em seu *Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira*, Celso Pedro Luft, acrescenta ao verbete uma série de trechos de vários autores com observações críticas.⁷

O exercício da crítica acadêmica, contudo, só viria de forma definitiva na década de 70.⁸ Em 1971, Reverbel e Luís Arthur Nunes escreveram diversos artigos para o *Correio do*

¹ CÉSAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956, pp. 330-331.

² *Storie de Gaúchos (titulo originale dell'opera: Contos Gaúchescos e Lendas do Sul)*, tradução de Giuseppe Taviani, 1. ed. 1956, Fratelli Bocca – Milano, editado em Itália. Vide detalhes em REVERBEL, ob. cit., p. 272-275.

³ Cf. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 17-5-1968.

⁴ *Prosa dos Pagos*. Rio de Janeiro. 2. edição: ed. São José, 1960. WERNECK. *História da literatura brasileira – Seus fundamentos econômicos*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960, e *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. 3. edição. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.

⁵ O artigo de Luís Simões Lopes, publicado na Revista do Globo, Porto Alegre, n. 795, não se encontra relacionado na bibliografia de Diniz, nem na fortuna crítica de Mário Matos. Lígia Chiappini, embora o tenha utilizado através de recorte cedido pelo autor, não soube localizar sua fonte (edição crítica das obras de João Simões Lopes Neto, 1988, INL, p. 369).

⁶ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 35. ed. São Paulo: Cultive, 1994, p. 212 – 214. *O Pré-modernismo*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1970, p. 62. Observar o exato comentário de Mário Matos sobre as posições de Bosi, nessa obra (ob. cit., p. 34). Ele, contudo, se engana ao pensar tratar-se de obra de 1970 (idem), do mesmo modo, como afirma que a obra de Lúcia Miguel Pereira aparece somente em 1973 (p. 35). Esta é a 3ª edição, posto que ela já havia lançado *Prosa de Ficção* há 23 anos.

⁷ LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1967, p. 194.

⁸ Mário Matos (ob. cit., p. 35), discorda dessa opinião, entendendo a década de 80 como a que marcou o exercício da crítica acadêmica. Vale lembrar que, numa olhada breve, foi possível identificar cerca de 15 trabalhos (em livro) escritos por professores universitários ou de alguma maneira ligados à academia, contra

Povo, principalmente no famoso “Caderno de Sábado.”¹ Em 1972, aparece o importante artigo do crítico Antônio Cândido. Em 1973, pela editora Movimento, é publicado o livro *O regional e o universal na literatura gaúcha*, de José Clemente Pozenato, que, segundo Mário Matos, fez uma das mais argutas observações sobre a obra de Simões.² Ainda em 1973, temos o livro *Simões Lopes Neto: a invenção, o mito e a mentira*.³ Do ano de 1974, há várias obras a destacar. Na imprensa, far-se-à menção apenas ao artigo de Guilhermino César, *Os Bons Negócios do Capitão João Simões*, publicado no Correio do Povo.⁴ Em 1974, publica-se o *Simões Lopes Neto na intimidade*, obra com muitos erros⁵, porém, de estilo cativante. Em 1974 e 1978, respectivamente, SLN aparece como verbete nas obras de Villas-Bôas e Ari Martins.⁶ Nesse último ano, surge o volume V da monumental *História da inteligência brasileira*, de Wilson Martins, crítico cujas opiniões gerariam grande polêmica.

apenas 5 da década de 80. Destaca-se ainda, em 1972, o ensaio *A literatura e a formação do homem*, do crítico Antônio Cândido, na **Revista Ciência e Cultura** (vol. 2, n. 9, mês de Setembro) e a memória apresentada por Maria Luíza de Carvalho Armando, apresentada no instituto de Hautes Etudes de L’Amerique Latine, da universidade de Paris III, 1976, e, em 1979, a dissertação de mestrado na PUC – RS, de Alda Maria do Couto Ghisolfi, intitulada *Simões Lopes Neto e Alcides Maya: a desmistificação do gaúcho*.

¹ Nesse suplemento, foi editado um número especial sobre os *Contos gauchescos e Lendas do Sul*, em 12-6-1971, e outro, em 7-10-1972, sobre os *Casos do Romualdo*.

² MATOS, Mario. Ob cit, p. 35. Esclareça-se um ponto do conteúdo de Matos: o modo como redige sugere que o cognome “rapsodo” tenha sido atribuído a Simões Lopes Neto por Pozenato, quando, em verdade, quem assim o denominou foi Manoelito de Ornelles, em sua obra *Símbolos Bárbaros* (ed. Globo), de 1943, na qual há um capítulo intitulado “*O Rapsodo Bárbaro*”. A 2ª edição do livro de Pozenato é de 1974, pelo IEL.

³ FILIPOUSKI, Ana Maria; NUNES, Luiz Arthur; BORDINI, Maria da Glória e ZILBERMAN. *Simões Lopes Neto: a invenção, o mito e a mentira*. Porto Alegre: Movimento – IEL, 1973.

⁴ Cf. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 15-6-1974. Vide detalhes em REVERBEL, ob. cit., p. 120-129.

⁵ MASSOT, Ivete. *Simões Lopes Neto na intimidade*. Porto Alegre: Bels-IEL, 1974. Um exemplo disso é a observação de Antônio Hohlfeldt em seu artigo *Procedimentos dramáticos nas comédias de João Simões*. In: **Simões Lopes Neto**. Cadernos Porto & Vírgula. Porto Alegre: UE – Prefeitura Municipal de Porto Alegre., 1999, p. 77.

⁶ VILLAS-BOAS, Pedro Leite. *Notas de Bibliografia Sul Rio-grandense*. Porto Alegre: A Nação-Sec, 1974. Idem, *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: EST/Edigal, 1991, p. 134. MARTINS, Ari. *Escritores do RS*. Porto Alegre: co-edição UFRGS/DAC-SEC-RS/IEL, 1978, pp. 552-553. Obs: na bibliografia simoniana, Martins inclui *Recordações da Infância, Jango e Jorge, Peona e Dona*. Não faz nenhuma especificação. O texto *Recordações da infância* é um manuscrito inédito pertencente ao arquivo de Carlos Reverbel. Foram fornecidas cópias a Tânia Franco Carvalhal, Flávio Loureiro Chaves, Lígia Chiappini e Eliane Zagury e Antônio Hohlfeldt. Não se sabe com exatidão o que pretendia João Simões Lopes Neto com esse texto, supondo Reverbel poder tratar-se de um livro de memórias. A pesquisadora Eliane Zacury, em carta de 3 de novembro de 1978, endereçada a Reverbel, afirmava estar convicta de que *Recordações da Infância* seria um romance perdido ou inacabado. Quanto a *Jango e Jorge* e *Peona e Dona* são romances anunciados, mas que, (talvez nem tenham sido escritos), nunca foram publicados e seus originais – se é que um dia existiram – estão desaparecidos.

Em 1979, o crítico Antônio Hohlfeldt lança, na coleção Esses Gaúchos da RBS e Tchê, o volume 5, dedicado a Simões Lopes Neto. Nesse mesmo ano, Hohlfeldt publicou no Correio do Povo, *A história gaúcha em 3 lendas de João Simões Lopes Neto*.¹

A década de 80, depois da publicação dos dois livros inéditos do autor em estudo, mais de 20 anos antes, foi a mais rica em descobertas e polêmicas. A chamada “década perdida” inicia bem, com a melhor biografia até agora sobre João Simões Lopes Neto, *Um Capitão da Guarda Nacional*, do jornalista Carlos Reverbel.² Esse inolvidável pesquisador exumou ainda dois textos inéditos em 1980 e 1981, conforme a imprensa da época noticiou.³ É de 1980, o livro *A literatura do RS*, de Regina Zilberman, onde ela, entre outros aspectos, retoma a exposição feita por Raimundo Faoro em seu ensaio *Introdução ao estudo de Simões Lopes Neto*, publicado na revista Quixote.⁴ Em 1982, publica-se o importante livro de Flávio Loureiro Chaves⁵, *Simões Lopes Neto: regionalismo e literatura*, que é uma revisão de sua tese de doutoramento, defendida na USP em 1980, cujo título foi *A Cinza e a Semente: regionalismo e ficção de Simões Lopes Neto*.

Em 1983, Ângelo Pires Moreira⁶ faz editar o livro *A outra face de João Simões Lopes Neto* (vol.1). Ele resgata os triolés das “Balas de Estalo” (poemetos cômico-satíricos), saídos no jornal “A Pátria”, de propriedade de Ismael Simões Lopes, em 1888. O trabalho de Pires Moreira havia começado um ano antes, com a “Página Simoniana” no jornal Diário da Manhã (Pelotas). Segundo Lúcia Chiappini, na mesma ocasião, alguns meses antes da referida coluna, havia coletado o mesmo material jornalístico. Tendo mostrado o que havia recolhido a Carlos Reverbel, este comentou os planos de Pires

¹ Cf. **Correio do Povo**, em 5-5-1979. Mais tarde esse foi texto incluído no livro **Literatura e Vida Social**. Porto Alegre: UFRGS, 1996, p. 35-50.

² REVERBEL, Carlos. *Um Capitão da Guarda Nacional*. Porto Alegre : Martins Livreiro, 1981.

³ Cf. **Correio do Povo**. Caderno de Sábado, em datas de 27-12-1980 e 31-01-1981. *A Mandinga* foi um folhetim em 15 capítulos (dentre os quais 7 foram escritos por João Simões Lopes Neto), em colaboração com D. Salústio e Sátiro Clemente, que saiu entre 15 de outubro e 14 de dezembro de 1893, no jornal Correio Mercantil (Pelotas). *O Rio Grande “a Vol d’Oiseau”*, apareceu no *A Pátria*, constituía-se numa série de seis crônicas sobre uma visita a R. Grande e São José do Norte, publicada a 16, 17, 22, 28 de novembro e 6,7 de dezembro de 1888.

⁴ FAORO, Raimundo. *Introdução estudo de Simões Lopes Neto*. In **Revista Quixote**, Porto Alegre, n.4, fev. 1949, p. 19-26. Obs: Moysés Vellinho e Antônio Hohlfeldt citam esse trabalho publicado no Correio do Povo, nas datas de 11,18 e 25 de fevereiro e de 8 de março de 1956. Chiappini cita a fonte da revista Quixote sem indicar as páginas e Mário Matos erra a indicação da página do referido trabalho.

⁵ CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões Lopes Neto : regionalismo e literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

⁶ MOREIRA, Ângelo Pires. *A outra face de João Simões Lopes Neto*. Vol. 1. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

Moreira, razão pela qual ela desistiu de sua idéia original, uma antologia das “Balas de Estalo”, organizada a quatro mãos. Através de correspondência de janeiro de 1985, veio a saber que a professora Maria Luíza Armando tivera a mesma idéia. Seja como for, o mérito coube a Pires Moreira. Ele fazia a revelação de que os triolés dos “Balas de Estalo” haviam estreado e 2 de julho de 1888, sob o pseudônimo de João Riforte. Mais tarde, contudo, o pesquisador Adão Monquelat localizou a data correta (12 de junho de 1888), sob outro pseudônimo: João Ripouco. Essa descoberta, que não seria a única, nem a mais importante contribuição do autor de *Maiêutica*, obteve razoável repercussão, conforme pode-se avaliar pelas matérias divulgadas na imprensa.¹ Ainda em 1983, no *Jornal do Brasil*,² aparece um polêmico artigo de Wilson Martins, intitulado *Escritor representativo*. Martins com todo o peso de ter sido professor na USP e na Universidade de New York, chama João Simões Lopes Neto de “regionalista póstumo”. Tal consideração indicava dois sentidos: (a) por haver produzido uma literatura saudosista e melancólica; (b) por não ter recebido em vida o reconhecimento de sua obra, que, segundo Martins, contou apenas com o acolhimento do movimento modernista porque este já consolidara seu interesse pelo abasileiramento do Brasil, encontrando nos diversos regionalismos a sua fonte mais pura. Wilson Martins não pára por aí. Considera João Simões Lopes Neto, discípulo de Coelho Neto³. Entende ele que a gauchesca, enquanto identidade do fenômeno regionalista não foi algo singular ao Rio Grande do Sul: “a própria afirmação da identidade do fenômeno regionalista, não foi algo singular no RS”, afirma Martins textualmente, equiparando-o “à própria afirmação da identidade nacional, confirmada pelo Modernismo no rastro da tradição iniciada por Alencar”. E continua, dizendo que os heróis simonianos são tão idealizados quanto os de *O Gaúcho* (1870).⁴ O pesquisador Mário Matos é um dos acerbos críticos de Wilson Martins. Diz Matos: *Suas críticas – que não são de um poeta, de um contista ou romancista, mas de um técnico passível de tecnocracia – ainda são o principal obstáculo ao reconhecimento pleno de Simões Lopes Neto num dos maiores centros de cultura do país.*⁵ Reforçou suas

¹ Cf. *Diário Popular*, 8-11-1991 e *Zero Hora*, 26-5-1996.

² Cf. *Jornal do Brasil*, 28-5-1983.

³ Sobre as relações de João Simões Lopes Neto e Coelho Neto, vide: REVERBEL, ob. cit., pp. 246-248. Ver também: DUVALL, Paulo. *Coelho Neto em Pelotas*. In: *Diário Popular*, 25-12-1968.

⁴ MARTINS, Wilson. *Escritor representativo*. In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28-5-1983.

⁵ MATOS, Mário. Ob. cit, p. 35-36.

críticas em *Simões Lopes no 3º Milênio* (1999)¹. Acredito, porém, que a argumentação de Wilson Martins é falha pelas relações assaz mecânicas que ele estabelece entre regionalismo e modernismo.²

Em 1984, surge o monumental trabalho em 4 volumes, de Maria Luzia de Carvalho Armando, tese apresentada a Universidade de Paris III: *Le Regionalism Littéraire et le Mythe du Gaúcho*.

O ano de 1985 guardaria grandes novidades e polêmicas. É interessante assinalar, à guisa de vulgarização, no sentido elevado do termo, a inclusão de Simões Lopes Neto na coleção *Esses Gaúchos*, da RBS. O volume ficou a cargo de Antônio Hohlfeldt. Aparece também, de autoria de Luiz Marobim, um livro geral sobre a história literária do RS, que dedica um capítulo a João Simões Lopes Neto³

Na saga das “exumações” e descobertas de textos simonianos que marcaram a década de 80, o 10 de março de 1985, finca uma data indelével. Na edição desse dia do jornal *Diário da Manhã* (Pelotas), o professor universitário e historiador Mário Osório Magalhães faz publicar o conto *Olhos de remorso*, que trazia o pseudônimo de João do Sul, trabalho até então desconhecido de João Simões Lopes Neto. A notícia da descoberta se espalhou obtendo grande atenção da imprensa.⁴ Osório Magalhães conta a história da descoberta em seu interessante artigo *No rastro de uns olhos*⁵. Aí ele habilmente expõe quais as razões que o levaram a concluir que o conto era da autoria de João Simões Lopes

¹ Em artigo ao **Diário Popular**, 9-3-1994, Mário Matos julgou, por intermédio de informações telefônicas prestadas por Fernando Lassa Freitas, que Wilson Martins teria mudado suas posições em livro chamado *Pontos de Vista* (crítica literária), de 1993. Entretanto, Matos aponta seu equívoco numa nota constante a 1ª edição de sua fortuna crítica (texto datilografado e reproduzido em cópia eletrostática) p.4, redigido em junho de 1995. Obs: A referida nota (bem como as demais) foram retiradas da 2ª edição, desta vez, em livro, no ano de 1999. Reforçou suas críticas em *Simões Lopes Neto no 3º Milênio* (cópia eletrostática, p. 5-6), somando aos argumentos anteriores os de Hilda Simões Lopes, expostos no artigo *Sonhos e Charqueadas*, in **Simões Lopes Neto**. Cadernos Porto & Vírgula, n. 17, pp. 25-27.

² Uno-me às discordâncias do pesquisador Mário Matos às interpretações reducionistas de Wilson Martins, todavia, por razões bem diferentes, colocadas em meu artigo *Modernismo e Regionalismo riograndense* (fevereiro de 1999 – inédito).

³ MAROBIM, Luiz. *A literatura no RS: aspectos temáticos e estéticos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985, pp. 81-85.

⁴ Antônio Hohlfeldt ao concluir seu livro da Coleção *Esses Gaúchos*, relata o envio de um recorte jornalístico pelo deputado Bernardo de Souza, o qual lhe dá parte do acontecimento (ob. cit., p. 84-85). Mário Osório Magalhães (in **Novos Contos Simonianos**, p. 64) refere-se a esse fato. Ver também jornal **Zero Hora**, de 9-11-1985, **Diário da Manhã**, de 7-7-1991, e **Diário Popular**, de 20-7-1991. O texto de Carlos Sica Diniz, publicado no *Diário da Manhã*, apareceu em 2ª edição no livro *Novos textos simonianos*, p. 39-46, sob o título de *Um conto bem contado*.

⁵ A 1ª edição está no jornal **Diário Popular**, em 20-7-1991, e a 2ª está em *Novos textos simonianos*, pp. 61-68.

Neto, apesar de ter sido publicado quatro anos depois de sua morte. Mário Osório Magalhães encontrou na revista *Ilustração Pelotense*, n. 4, do ano de 1920. Seus argumentos, embora plausíveis, nunca chegaram a me fazer deixar de ser céptico.¹ No referido artigo de Mário Osório Magalhães², o autor insiste para que o pesquisador Carlos Reverbel, a quem atribui autoridade para deixar tudo esclarecido³, manifeste-se a respeito. Reverbel, porém, até sua morte em 1997, manteve um cauteloso silêncio sobre o delicado assunto. Sei, contudo, de fonte fidedigna que Carlos Reverbel não endossava a autenticidade de *Olhos de remorso*.⁴ Em toda essa discussão, do ponto de vista da análise da fortuna crítica, o mais importante era que o historiador Mário Osório Magalhães no artigo citado, ao contrário do que ele pensava em 1985, demonstrara com clareza, que já na década de 20, se iniciava um movimento de divulgação e valorização da obra simoniana.⁵ Seja lá como for, *Olhos de remorso*, seja ou não autêntico – questão que talvez nunca se venha a saber com certeza – já está incorporado oficialmente ao *corpus* simoniano, uma vez que Lígia Chiappini o incluiu em sua edição crítica (1988), com fixação de texto. Esse trabalho se constitui numa das realizações mais sérias e importantes a respeito de João Simões Lopes Neto. No ano anterior, a referida pesquisadora publicara em Portugal outro estudo muito importante sobre o “rapsodo bárbaro”: *No entretanto dos tempos: literatura e história em João Simões Lopes Neto*⁶. Nesse mesmo período em que Mário Osório

¹ Vide o artigo *A gripe espanhola em Pelotas*, de Renata Brauner Ferreira, in **História em Revista**, publicação do Núcleo de documentação histórica da UFPEL, vol. 3, novembro de 1997, pp. 137-150.

² MAGALHÃES, Mário Osório. *Um conto inédito*. In: **Novos textos simonianos**, p. 27. [1ª edição no **Diário Popular**, em 6-3-1985]

³ Idem, *ibidem*.

⁴ Toda essa história está narrada com detalhes em *Paixões, jornalices e humanidades* (reminiscências e memórias das questões culturais e políticas de Pelotas, inclusive de seus bastidores, em tons dramáticos, cômicos e maliciosos – a partir de 1979). Esse e outros manuscritos, através de documento adequado, serão deixados aos cuidados da Sra. Kátia Gomes da Cruz e só poderão ser abertos e publicados 50 anos depois de minha morte.

⁵ MAGALHÃES, Mário Osório. In **Novos textos simonianos**, pp. 66-67. Hohlfeldt intui, em traços ligeiros, essa conclusão. Em meu artigo *Regionalismo e modernismo* endosso essa posição e desenvolvo-a na direção de demonstrar as relações entre a identidade cultural rio-grandense e a afirmação da brasilidade no modernismo, em geral, contrapondo-me à interpretação de Wilson Martins. Vide também: LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Regionalismo e modernismo*. São Paulo: Ática, 1978.

⁶ CHIAPPINI, Lígia. *No entretanto dos tempos*. Lisboa: Martins Fontes, 1987, [a 1ª edição brasileira, também pela Martins Fontes, S. Paulo, é de 1988]. Nesse ano, apareceu na imprensa o longo artigo da pesquisadora Zênia de León, intitulado *João Simões Lopes Neto e a Centenária*, no jornal **Diário Popular**, de 7-7-1988, onde a autora ressalta o aspecto patriótico do escritor de *Contos gauchescos* e seu proverbial amor por Pelotas. Nesse mesmo ano, escrevi o ensaio *O regionalismo em Lobo da Costa* (in MONQUELAT & FONSECA. **Alguma prosa (de e sobre) Lobo da Costa**. Pelotas: edição dos autores (cópia eletrostática), 1988. Nesse referido trabalho, de juventude - hoje em dia posso reconhecer isso - cometi grande injustiça ao

Magalhães descobre *Olhos de remorso*, até então o único conto urbano de Simões Lopes Neto, o pesquisador Adão Monquelat traz à tona o conto *Na lagoa... do Fragata*, publicado originalmente no jornal pelotense O Radical, em 22 de março de 1890, sob o pseudônimo de João Felpudo.¹ Reverbel, em carta a Fernando Grassi, assim se expressava: *Com referência à autoria do conto “Na Lagoa... do Fragata”, publicado com o pseudônimo de João Felpudo e atribuído a J. Simões Lopes Neto, subscrevo os argumentos de Adão Monquelat, um simoniano de primeiro time. Tudo leva a crer que o referido conto foi escrito pelo querido Capitão.*”²

A década de 90 trouxe o mais intenso interesse por João Simões Lopes Neto, principalmente, pelas descobertas de textos inéditos que, editados em livro, permitiram aos estudiosos abrir novas veredas na hermenêutica e no conhecimento da obra simoniana.. Em 1990, surge o primeiro volume das obras teatrais do Capitão, acompanhada de comentários, fixação de texto e apreciação crítica de Cláudio Heeman.³ Um dos grandes acontecimentos da década foi o lançamento de *Novos Textos Simonianos* (contos urbanos e poemas de J. Simões Lopes Neto), em co-edição da Confraria Cultural e Científica Prometheu e Livraria Lobo da Costa, em 1991, organizado por Monquelat, Diniz e Osório Magalhães, com excelente prefácio de Mozart Vitor Russomano, homem de notório saber jurídico e literário.

Na XIX Feira do Livro de Pelotas, a obra recebeu a consagração do público, sendo o mais vendido, depois da revista *Pelotas Memória*, de Nelson Nobre, e *Zélia, uma paixão*, de Fernando Sabino. No ano seguinte, a obra conquista o reconhecimento da crítica, sendo-lhe outorgado o Prêmio Casarin.⁴

determinar as razões de permanência da obra simoniana. Fiz o “mea culpa” numa conferência proferida na Biblioteca Pública Pelotense, em 7 de junho de 1994, durante o seminário “Pelotas: história, artes e letras”, por ocasião das comemorações da Semana de Pelotas, sob os auspícios da Biblioteca Pública Pelotense e do Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas.

¹ Monquelat narra a história da descoberta do conto urbano *Na lagoa... do Fragata*, num estilo só dele, vivaz e irônico, em *Novos textos simonianos* (1991), no artigo *Capitão João Simões... e sua Cia. de Joões*. Acrescento um detalhe: numa de minhas visitas habituais à livraria de Monquelat, certa manhã ele me disse: “tu serás o primeiro mortal nesse século, depois de mim, a ler isto”, e me entregou o texto, tendo eu saído de lá boquiaberto, registrando o fato com detalhes em *Paixões, jornalices e humanidades*.

² Trecho de carta enviada pelo jornalista Carlos Reverbel ao Dr. Fernando Grassi, datada de 30 de agosto de 1991.

³ Cf. *O Teatro de Simões Lopes Neto*. Vol. I. Porto Alegre: IEL, 1990.

⁴ Algumas referências na imprensa sobre *Novos textos simonianos*: BORGES, Luis. *Os Três Reis Magos e Uma Página de Diário*. In: **Diário da Manhã**, 22-12-1991 e a matéria da **Zero Hora**, em 26-5-1996, do

Em 1992, o pesquisador Mario Matos escreve sua súmula biográfica.¹ Posteriormente corrigida, foi publicada em *Simões Lopes Neto: tempo de resgate*, em 1999. Entretanto, o ano de 1992 desencadearia uma luta, cujo final feliz só viria oito anos depois. Nesse ano, o Dr. Sica Diniz descobre em completo abandono e prestes a ser demolida² uma casa, precisamente o último imóvel de foi proprietário e morador João Simões Lopes Neto.³, entre os anos de 1897 e 1907. O Dr. Diniz apoiado pelo Dr. Mozart Vitor Russomano, logo desencadearam o movimento pela sua preservação,⁴ ao qual não faltou lances dramáticos envolvendo personalidades importantes, políticos, historiadores, professores, técnicos, etc. Movimentos como o MTG e entidades tais como a Biblioteca Pública Pelotense e Instituto Histórico e Geográfico também se mobilizaram.

A casa pertencia à Igreja Episcopal Brasileira.⁵ O promotor de defesa comunitária, Paulo Charqueiro, moveu uma ação para impedir que a demolição da casa continuasse,⁶ pois a Igreja Episcopal estava em negociações com a empresa Construtora Théo Bonow,⁷ que, pressionada, pela ação informativa e tica da imprensa junto à opinião pública, rompeu as tratativas. Houve uma tumultuada reunião na Assembléia Legislativa, na Comissão de Constituição e Justiça, em 25 de abril de 1995, na qual estiveram presentes dezoito pessoas, que incluíam intelectuais, professores historiadores, técnicos, políticos e representantes de diversas entidades, tais como IPHAE, UFRGS, Conselho Estadual de Cultura, Ministério

jornalista Klécio dos Santos e **Diário Popular**, em 8-11-1991, matéria *A tentação do bispo*, do jornalista Carlos Gogoy, in **Diário da Manhã**, em 11-7-1995.

¹ Conforme esclarece o autor no prólogo a *Simões Lopes Neto: tempo de resgate*, sua súmula biográfica foi trabalho elaborado para a inauguração da casa de cultura João Simões Lopes Neto, acontecida em 21-3-1992. A referida Instituição foi criada por iniciativa do Prefeito Anselmo Rodrigues, albergando várias entidades culturais, tais como ASBL, CLIPE, IHGPEL, MTG e Fundação Museu do Charque. Funciona no prédio do Castelo Simões Lopes, que foi propriedade de Augusto Simões Lopes, filho do Visconde da Graça e tio do escritor. A obra começada em 1920 foi concluída em 1923.

² Narro em detalhes os bastidores da luta pela preservação da casa em que morou Simões Lopes Neto em *Paixões, jornalices e humanidades*. Elaborei um trabalho intitulado *A saga pela preservação da casa de João Simões Lopes Neto* (inédito, fevereiro de 2000).

³ Vide a matéria do jornalista Klécio do Santos, in **Diário Popular**, em 18-9-1992 e **Zero Hora**, em 20-9-1992. Nessa reportagem divulga-se o interessante documento de escritura de campo da referida casa, sendo que os transmitentes são o casal Carlos Ferreira Ramos, pais do poeta pelotense Alberto Ferreira Ramos (1871-1941), autor de, entre outras obras, *Versos proibidos* (1898). Vide matéria também do **Correio do Povo** em 28-3-1995.

⁴ Vide **Diário Popular**, 18-9-1992 e **Zero Hora**, 20-09-1992.

⁵ Cf. **Diário da Manhã**, em 25-5-1995

⁶ Cf. **Zero Hora**, em 23-9-1992

⁷ parecer do IPHAE n 26/92 de 9-11-1992. Sobre a casa, ver o ilustrativo artigo de Monquelat, *Tributo a Simões Lopes Neto*. In: **Diário Popular**, em 19-6-1995.

Público, IHGPEL, Biblioteca Pública Pelotense¹ e os representantes da Igreja Episcopal, capitaneados pelo reverendo Cleni Vergara, pessoa que, intransigentemente, se opôs à preservação da casa de Simões Lopes Neto, eis que escondido sob argumentos humanitários atuava em favor da especulação imobiliária imediatista². O referido senhor não cedeu sequer às ponderadas considerações do famoso técnico em patrimônio histórico, Günter Weimer, de que a casa, uma vez preservada, poderia servir de renda à própria Igreja. O historiador Ângelo Pires Moreira, pesquisador sério e dedicado, entretanto movido pela cegueira religiosa, opôs-se ferozmente ao tombamento.³

O Deputado Bernardo de Souza elaborou um projeto de lei para transformação do imóvel em patrimônio cultural do RS.⁴ Depois de muitas peripécias e discussões acaloradas, o Governador Olivio Dutra sancionou a lei em 4 de outubro de 1999.⁵

Retorne-se para o ano de 1996. O evento realizado nesse ano, no período compreendido entre 10 e 14 de junho, no auditório do Centro de Integração do Mercosul, denominado I Seminário de Estudos Simonianos, contou com mais de 100 inscritos, conseguindo reunir intelectuais do porte de Tânia Franco Carvalhal, Barbosa Lessa, Flávio Loureiro Chaves, Sica Diniz, Luís Antônio de Assis Brasil, Aldyr Garcia Schlee, Mário Matos, Ivone Amaral, entre outros.⁶

¹ Cf livro de presença da reunião na Assembléia Legislativa.

² O argumento é que a venda da casa sustentaria o orfanato Vereador Severo da Silva, no Capão do Leão, que abrigava 40 meninas.

³ Vide **Diário da Manhã**, em 25-4-1995.

⁴ Cf. a matéria do jornalista Klécio dos Santos *Projeto protege casa*. In: **Zero Hora**, em 8-6-1999.

⁵ Cf. **Diário Popular**, em 5-10-1999. Vide também : **Diário Popular**, 3-10-1999 e **Diário Popular**, 10-9-1999.

⁶ Vide **Diário da Manhã**, em 21- 6- 1996. O programa do seminário foi o seguinte:

10 de junho:

- Simões Lopes Neto: 80 anos depois (Ir. Elvo Clemente); J. Simões Lopes e Jorge Luis Borges: dois leitores da gauchesca (Tânia Franco Carvalhal). Coordenação: Hilda Simões Lopes

11 de junho:

- O universo literário de J. Simões Lopes Neto (Carlos Sica Diniz); O mistério de Jarau (Barbosa Lessa). Coordenação: Mário Barbosa de Matos

12 de junho:

- No Manantial (Luiz Antônio de Assis Brasil); J. Simões Lopes Neto: a história e a literatura (Flávio Loureiro Chaves). Coordenação: Aldyr Garcia Schlee

13 de junho:

- A fortuna crítica de J. Simões Lopes Neto (Mário Matos); Pelotas à época de J. Simões Lopes Neto (Mário Osório Magalhães); A invenção da Salamanca do Jarau (Aldyr Schlee). Obs: No programa original estava prevista a palestra “Sobre a vida de J. Simões Lopes Neto”, a ser feita por Hilda Simões Lopes. Coordenação: Ivone Leda do Amaral.

14 de junho:

Em 1998, apresentei um trabalho intitulado *A gauchesca platina e simoniana* ao ILA – UFPEL. Em 1999, o Diário Popular lança *O Negrinho do Pastoreio e outras histórias*, em formato de bolso. O livro possui organização e seleção do Prof. Mário Osório Magalhães. Na capa vem uma fotografia de Carlos Queiroz, reproduzindo a estátua em bronze do Negrinho do Pastoreio, feita por Antônio Caringi. No mês de agosto, inaugura-se o Instituto João Simões Lopes Neto. No mês de novembro, Mário Matos lança seu *Simões Lopes Neto: tempo de resgate*, com sessão de autógrafos na XXVIII Feira do Livro.¹ Ainda nesse ano, aparecem duas outras obras: *Cadernos Porto & Vírgula* (conjunto de artigos), n. 17, dedicado a Simões Lopes Neto² e *O civismo e o espírito militar de João Simões Lopes Neto*³, ricamente ilustrado em cores.

Resumindo:

Até a década de 20 temos apenas três referências a Simões Lopes Neto, quais sejam, a de Antônio de Mariz (1913), a de Olavo Bilac (1916) e o registro do verbete na *Bibliografia do Conto Brasileiro* (1918).

Década de 20: Foram localizados aproximadamente vinte textos falando de Simões. Não computamos as reedições de seus textos. O grande divisor de águas foi a 2ª edição de *Contos gauchescos e Lendas do Sul* e, na crítica, o artigo *O grande Simões Lopes*, de Augusto Meyer.¹

Década de 30: Com certeza é o período mais pobre numericamente. Em compensação, críticos do porte de Agripino Grieco (1933) ocupam-se do escritor gaúcho, dizendo: *Simões Lopes Neto fixou, em páginas indestrutíveis, o que havia de móbil e flutuante nas tradições do seu rincão. Mesclou aos fatos contemporâneos as antigas*

- Performance do Teatro Escola de Pelotas, sob a orientação de Válder Sobreiro Jr. Encerramento: Ivone Leda do Amaral.

¹ Cf. **Diário Popular**, 10-11-1999

² Essa publicação traz artigos de Cláudio Cruz, Lígia Chiappini, Hilda Simões Lopes, João Ernesto Weber, Tânia Franco Carvalhal, Jerônimo Teixeira, Antônio Hohlfeldt, Luís Augusto Fischer, Valter Sobreiro Júnior, Carlos Francisco Sica diniz, Aldyr Garcia Schlee, Mitizi de Miranda Gomes, mais as descobertas feitas pelo pesquisador Adão Monquelat: *Réve, Duvida* (poemas urbanos de Simões Lopes Neto) e “Na lagoa ... do Fragata” (folhetim), sendo esta a única parte do livro que é ilustrada. Obs: foi cedido o poema, “Réve”, gentilmente, por Monquelat, em 1988, para que eu o publicasse no meu artigo *O regionalismo em Lobo da Costa*, in: MONQUELAT & FONSECA. **Antologia poética (e alguma prosa de e sobre) Lobo da Costa**. Pelotas: edição dos autores, 1988, p. 712. e “Na lagoa... do Fragata” (folhetim).

³ MOREIRA, Ângelo Pires. *O civismo e o espírito militar em João Simões Lopes Neto*. Pelotas: editora Universitária da UFPEL, 1999.

*histórias contadas junto ao fogo dos acampamentos, enquanto se ferve a água do chimarrão, os animais pastam lá fora e sombras ondulantes – sombras de sonho, sonhos de lembrança – vagueiam pelo arredor. Toda a classe guasca está nesses contos, que valem por uma epopéia (...).*²

Década de 40: Período de grande fecundidade, é a época que o Brasil descobre João Simões Lopes Neto. O básico, que fundamentará a crítica moderna, está aí. Dominam os estudos de Meyer (1943) e Sérgio Buarque de Hollanda (1949). Iniciam-se as pesquisas do jornalista Carlos Reverbel.

Década de 50: Publicam-se os livros inéditos *Casos do Romualdo* (1952) e *Terra Gaúcha* (1955), além da edição de luxo de *Contos gauchescos* e *Lendas do Sul* (1953). Destaque para os estudos críticos de Lúcia Miguel Pereira. Tradução para o italiano.

Década de 60: localiza-se cerca de 16 trabalhos. Inclusão definitiva de João Simões Lopes Neto no cânone literário brasileiro.

Década de 70: Com praticamente o dobro dos trabalhos da década anterior (32), foi o momento de revisão e aprofundamento dos estudos, passando a obra simoniana a ser objeto de investigação acadêmica.

Década de 80: Pode-se designá-la como a época de ouro da discussão e valorização da figura humana e literária de João Simões Lopes Neto. Poder-se-ia dizer a “era Reverbel”. Há destaque para *Um Capitão da Guarda Nacional* (1981) e para os trabalhos de Flávio Loureiro Chaves, Lígia Chiappini e Maria Luiza Armando, Alda Maria C. Chisolfi, Adão Monquelat e Mário Osório Magalhães.

Década de 90: É marcada pelo impacto das descobertas e polêmicas. Tempo de revitalização do interesse por João Simões Lopes Neto. Destacam-se Adão Monquelat, Ângelo Pires Moreira e Mário Osório Magalhães. Menção especial a Sicca Diniz e Mozart Victor Russomano, entre outros, pela vitoriosa luta da preservação da casa do escritor. Dentro dessa década, numa rápida rastreada, pude localizar uns 70 textos, bem mais que dobro da década de 80 (dentre os quais, alguns dos mais importantes, estão em *Novos Textos Simonianos*, de 1991.)

¹ Cf. **Correio do Povo**, 26-8-1926.

² GRIECO, Agripino. *Evolução da prosa brasileira*. Rio de Janeiro: Ariel, 1933, pp. 170-171. Citado também no **Correio Povo**, 9-3-1965

Em 1993, os *Contos gauchescos* foram incluídos na Coleção Lazuli, da editora carioca Imago. Em 1996, pela editora paulista Moderna, em seleção de Douglas Tufano, aparece o conto Trezentas Onças na *Antologia dos melhores contos brasileiros do romantismo ao modernismo*, (pp. 37-42). Em 1998, *Contos gauchescos* foi reeditado pela Artes e Ofícios, com introdução de Luís Augusto Fischer, tendo saído também pela Martins Livreiro. No mesmo ano, pela Sulina, saiu a 2ª edição de *Terra gaúcha*.

Pelo menos, trinta e seis textos da década de 90 versam sobre as controvérsias relacionadas com preservação da casa de Simões Lopes Neto. Houve o lançamento do caderno especial “Porto & Vírgula”, da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre e do livro *O civismo e o espírito militar de João Simões Lopes Neto*, de Ângelo Pires Moreira. Reeditou-se os *Contos gauchescos*, pela Unidade Editorial, de Porto Alegre. Todos estes foram trabalhos de 1999. Em 14 de outubro desse ano, o Instituto lançou edital anunciando o concurso de fotografias que tinha por objeto a casa do escritor.¹ O concurso visava “envolver a população na escolha da fotografia que poderá compor o logotipo da Casa do escritor pelotense”² O referido concurso teve grande repercussão, tendo setenta e duas fotografias inscritas³, as quais foram expostas na Biblioteca Pública Pelotense. A comissão julgadora concedeu o prêmio de quatrocentos reais, valor patrocinado pela Construtora Ricardo Ramos, à artista plástica Márcia de Pauli, autora da fotografia intitulada “Gárgula”.⁴

Ano 2000: Bavaresco escreve o ensaio *O núcleo ético-metafísico da lenda do Negrinho do Pastoreio*, de Simões Lopes Neto e aparece a *Antologia dos cem melhores contos brasileiros do século*, pela editora carioca Objetiva, coletânea organizada por Ítalo Mariconi, que selecionou o conto Contrabandista (pp. 72-77). Simões Lopes Neto aparece entre os oito escritores gaúchos constantes na antologia. Vem a lume a anunciada edição de *Contos gauchescos*, da editora Novo Século, comentada pelo escritor Aldyr Garcia Schlee.⁵

¹ Cf. **Diário Popular**, Pelotas, em 14 – 10-1999.

² Idem, vide matéria *Concurso de foto para a casa*.

³ Cf. **Diário Popular**, Pelotas, em 4-12-1999.

⁴ Cf. **Diário Popular**, Pelotas, 24 –11-1999. Vide também: **Diário Popular**, em 28-11-1999.

⁵ CRUZ, Cláudio. *Simões Lopes Neto a mancheias*. In: **Simões Lopes Neto**. Porto Alegre: Cadernos Porto & Vírgula. UE/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1999, p. 14.

3. NOVO OLHAR SOBRE SIMÕES LOPES NETO

Conforme foi apurado, no aspecto dos diversos ramos de análise da obra simoniana, um território que até agora se encontrava virgem era o da investigação filosófica – área inaugurada brilhantemente pelo ensaio de Bavaresco.

O objetivo básico do ensaio *O núcleo ético-metafísico do Negrinho do Pastoreio, de Simões Lopes Neto* é fundamentar uma filosofia identitária gaúcha e latino-americana, visando contrapor-se à dissolução cultural, imposta pela massificação globalizada. Com isso, na definição de um novo estatuto ético, que permita a reconstrução de projetos históricos coletivos, ser capaz de agir/pensar/sentir/transcender às estruturas de dominação e exclusão que impedem o processo de libertação antropológica nos níveis político, econômico-social e, sobretudo, ético e espiritual.

Bavaresco utiliza-se do método hermenêutico para analisar a lenda do Negrinho do Pastoreio, articulado com diversas categorias hegelianas, principalmente a dialética do senhor x escravo.¹ As três categorias estruturais usadas por Bavaresco são: (a) “O estar em pé”, (b) achar e reunir sempre de novo e (c) “do foi por aí” ao “é por aí”.

É interessante observar que Bavaresco, a exemplo do que estabeleceu Eduardo Guimarães², se vale do fio do *Dichtung* épico, buscando a voz de Jayme Caetano Braum para construir sua chave de leitura. No exame da estrutura da lenda, Bavaresco orienta-se pela organização sugerida por Flávio Loureiro Chaves em *Simões Lopes Neto: regionalismo e literatura*¹, de 1982. A partir daí, ele estabelece três grandes momentos, onde avalia o contexto e seus personagens, a diegese e, por fim, o núcleo ético-metafísico. Na análise desses tópicos, Bavaresco referencia-se em Manuel Castells, autor de *O poder da identidade*.

O autor quer fundamentar a identidade gaúcha e latino-americana na mediação entre a orfandade dos excluídos, onde a presença da Madrinha é essencial, bem como a remissão/liberdade/alteridade. Duas outras questões assomam em relevância. Bavaresco destaca aspectos de cunho étnico-cultural-antropológico, nos quais se delineiam pontos como a miscigenação brasileira, assunto que dominou a intelectualidade brasileira,

¹ HEGEL, F. *La Phénoménologie de L'Esprit*. Paris: Aubier, Editions Montaigne, 1941, p. 162.

² GUIMARÃES, Eduardo. *Um poeta dos pampas*. In: **Correio do Povo** (Porto Alegre), 21-6-1925.

principalmente, até os anos iniciais da Segunda República. Nesse ponto, aparece o conflito entre as posições de Jorge Salis Goulart², Alcides Lima³, Augusto Meyer⁴ e Gilberto Freyre⁵. Agemir Bavaresco, superando ideologizações, preconceitos e impasses teóricos, adere à teoria das identidades compósitas de Garcia Canclini, Zilá Bern e Cícero Galeno Lopes.⁶

Ao investigar o núcleo ético-metafísico da lenda do Negrinho do Pastoreio, Bavaresco soma-se às contribuições de Reverbel⁷, Augusto Meyer⁸, Leonida Ambrósio⁹, Flávio Loureiro Chaves¹⁰, Luiz Marobin¹¹ e, dentre todos, o estudo mais minucioso sobre o tema, de Lúcia Chiappini¹².

Fazendo um paralelismo com motivos cristãos, ele expõe um *ontós* enraizado na epopéia da memória popular, essencialidade antropológica que é capaz de reinaugurar o “milagre novo”, ultrapassando a limitada interpretação de Luiz Arthur Nunes, tão bem criticada por Flávio Loureiro Chaves¹³, em que se estribam tantas visões reducionistas da obra simoniana e também do regionalismo. Sob o olhar filosófico de Bavaresco, surge o gaúcho, não apenas plasmado na idealização geográfico-folclórica, mas como tipologia axiológica, capaz de implementar um novo horizonte utópico. Na perspectiva desse horizonte transontológico da dialética identidade - alteridade que, a partir da reinterpretção do núcleo ético-metafísico da memória popular, é que se pode instaurar a Justiça, sob um prisma democrático, solidário e multicultural.

¹ CHAVES, Flávio Loureiro. Ob. cit., p. 171.

² GOULART, Jorge Salis. *A formação do RS*. Porto Alegre: Globo, 1927.

³ LIMA, Alcides. *História popular do RS*. 3. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

⁴ MEYER, Augusto. *Prosa dos pagos*. São Paulo: Martins, 1943.

⁵ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

⁶ BERND, Zilá e LOPES, Cícero Galeno. *Identidades e estéticas compósitas*. Porto Alegre: La Salle - PPG/UFRGS, 1999.

⁷ Cf. *Correio do Povo*, 17-1-1965.

⁸ MEYER, ob. cit., pp. 35-54.

⁹ Cf. *Correio do Povo*, 6-9-1980.

¹⁰ CHAVES, ob. cit., pp. 167-177.

¹¹ MAROBIN, Luiz. *A literatura no Rio Grande do Sul: aspectos temáticos e estéticos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

¹² CHIAPPINI, ob. cit., pp. 243-275.

¹³ CHAVES, ob. cit., pp. 119-120.

4. BIBLIOGRAFIA SOBRE SIMÕES LOPES NETO

A presente bibliografia visa fornecer o quadro mais amplo possível, seguindo a excelente metodologia de organização utilizada por Carlos Sica Diniz, conforme foi apresentada em *Novos textos simonianos* (Pelotas: Confraria Cultural e Científica Prometheu – Livraria Lobo da Costa, 1991, pp. 69-86). Sua finalidade é oferecer um arrolamento mais completo e atualizado, juntando informações constantes na recente bibliografia levantada por Mitizi de Miranda Gomes (in *Simões Lopes Neto*. Cadernos Porto & Vírgula, n. 17. Porto Alegre: União Editorial-Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1999, pp. 98-103), e outras ainda mais, que ali estão ausentes. Tratei também de arrolar alguns trabalhos inéditos, tanto os que já figuravam em outras bibliografias, quanto aqueles que se pôde apurar.

4.1 - Capítulos de Livro

1. CÉSAR, Guilhermino. *Para o estudo do conto gauchesco IV: o conto gauchesco*, de Simões Lopes Neto aos autores de hoje. In: CARVALHAL, Tânia (org.). *Notícia do Rio Grande*. Porto Alegre: IEL- UFRGS, 1994, pp. 51-54. Publicado anteriormente no Caderno de Sábado, Correio do Povo, Porto Alegre, 24 -2-1973.
2. CHAMIE, Mário. *Citrodia, Blau e Riobaldo*. In: *A Linguagem Virtual*. São Paulo: Quiron, 1976, pp. 68-74.
3. CHAVES, Flávio Loureiro. *A história observada pelo avesso*. In: *RS: Cultura e ideologia. Série Documenta 3*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, pp. 133-149.
4. LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *João Simeão Lopes Blau ou a arte de ser Zaoris*. In: SCHWARZ, Roberto (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
5. LINS, Álvaro; HOLLANDA, Aurélio Buarque. Vol. 2. *Roteiro literário de Portugal e do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956, pp. 644 - 647.
6. MAROBIN, Luiz. *A literatura no Rio Grande do Sul- aspectos temáticos e estéticos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985, pp. 81-87.
7. MEYER, Augusto. *Prosa dos Pagos*. 2. Ed. Rio de Janeiro: São José, 1960, pp. 93-203.
8. ORNELLAS, Manoelitto de. *Símbolos Bárbaros*. Porto Alegre: Globo, 1943, pp. 13-44.
9. PIANTA, Dante. *Personalidades Rio-Grandenses*. Vol. I. Porto Alegre, 1962, p. 83. [s/ed.]
10. TACQUES, Alzira Freitas. *Perfis de musas, prosadores e escritores*

brasileiros. vol 4. Porto Alegre: Thurmman, 1958.

11. ZILBERMAN, Regina, *A literatura no Rio Grande do Sul*. 2. ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, pp. 38-46.

4.2 - Ensaaios

12. CÂNDIDO, Antônio. *A literatura e a formação do homem*. In: *Ciência e cultura*, 24 (9), set. 1972, pp. 803-809.
13. CARVALHAL, Tânia Franco. *Simões Lopes Neto e a Literatura gaúcha: o particular e o geral*. In: *Simões Lopes Neto. Cadernos Porto e Vírgula*, n. 17. Porto Alegre: UE- Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1999, pp. 36-43.
14. CHIAPPINI, Lígia. *Motivos e critérios de uma segunda edição crítica dos "Contos Gauchescos" e das "Lendas do Sul"*. In: *Simões Lopes Neto. Cadernos Porto e Vírgula*, n. 17. Porto Alegre: UE-Prefeitura Municipal de Porto Alegre, pp. 15-24.
15. COSTA, Lígia Militz da. *O regionalismo em Simões Lopes Neto*. In: *Literatura*, n. 3. Santa Maria: UFSM, dez. 1976.
16. CRUZ, Cláudio. *Simões Lopes a mancheias*. In: *Simões Lopes Neto. Cadernos Porto e Vírgula*, n. 17. Porto Alegre: UE/ Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1999, pp. 11-14.
17. DINIZ, Carlos Sica. *Simões Lopes Neto: os inéditos e as novas edições*. In: *Simões Lopes Neto. Cadernos Porto e Vírgula*, n. 17. Porto Alegre: EU- Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1999, pp. 88-91.
18. FAORO, Raimundo. *Antônio Chimango, Algoz de Blau Nunes*. In *Revista Quixote*, n. 5. Porto Alegre: agosto, 1952.
19. FAORO, Raimundo. *Introdução ao estudo de João Simões Lopes Neto*. In: *revista Quixote* n. 4. Porto Alegre, 1949, pp. 19-26.
20. FISCHER, Luís Augusto. *A revolução de Simões Lopes Neto*. In: *Simões Lopes Neto. Cadernos Porto e Vírgula*, n. 17. In: *Simões Lopes Neto. Porto Alegre: UE- Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1999, pp. 78-83*.
21. HOHLFELDT, Antônio. *Procedimentos dramáticos nas comédias de João Simões*. In: *Simões Lopes Neto. Cadernos Porto e Vírgula*, n. 17. Porto Alegre: UE- Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1999, pp. 63-67.
22. HOLLANDA, Aurélio Buarque de. *Linguagem e estilo de Simões Lopes Neto*. In: *Lopes Neto, João Simões, Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. (Ed. crítica). Porto Alegre: Globo, 1949, pp. 27-113.
23. *João Simões Lopes Neto*. In: *Revista do Ensino*. Porto Alegre: Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, n. 95, ano XII, agosto de 1963, p. 5.
24. LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Amarrando o pingó nos ii*. In: *Almanaque*, n. 2, 1976.
25. LIMA, Herman. *Variações sobre o conto*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967.
26. LOPES, Hilda Simões. *Entre sonhos e charqueadas*. In: *Simões Lopes Neto. Cadernos Porto e Vírgula*, n. 17. Porto Alegre: UE- Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1999, pp. 25-27.

27. LOPES, Luiz Simões. *O hóspede da Estância da Graça*. In: Revista do Globo, n. 795, Porto Alegre, 1961.
28. MARIANTE, Hélio. *A vida humana e animal nos Contos Gauchescos*. In: Organon, n. 13, 1968, pp. 95-114.
29. MEYER, Augusto. Prefácio. In: Lopes Neto, João Simões, *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, (edição crítica). Porto Alegre: Globo, 1949. Prefácio a Casos do Romualdo: Porto Alegre: Globo, 1952, pp. 9-23.
30. MORAIS, Adail. *De Blau Nunes a João Guedes*. In: Província de São Pedro. Porto Alegre: Globo, n. 4, março de 1946, pp. 152-154.
31. ORNELLAS, Manoelito de. Apresentação. In: LOPES NETO, João Simões. *Terra Gaúcha*. Porto Alegre: Sulina, 1955.
32. ORNELLAS, Manoelito de. Apresentação. In: LOPES NETO, João Simões. *Terra Gaúcha*. Porto Alegre: Sulina, 1955.
33. REVERBEL, Carlos. *Esboço biográfico em tempo de reportagem*. In: Revista Província de São Pedro, Porto Alegre, n. 2, 1945, pp. 78-102.
34. RITZEL, Leila Agne e REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. *A identificação homen-natureza em Trezentas Onças, conto de Simões Lopes Neto*. In: literatura, n. 3, UFSM, dez., 1976.
35. RUSSOMANO, Mozart Victor. *Alguns aspectos de Simões Lopes*. In: Fundamentos da Cultura Rio-Grandense. Porto Alegre: UFRGS, Vol. III, 1958.
36. RUSSOMANO, Mozart Victor. *Simões Lopes Neto e Darcy Azambuja, uma visão do neo-regionalismo Gaúcho*. Porto Alegre: Instituto histórico e geográfico do Rio Grande do Sul, 1975, pp. 211-226.
37. SCHLEE, Aldyr Garcia. *Cronologia de Simões Lopes Neto*. Cadernos Porto e Vírgula, n. 17.
In: Simões Lopes Neto. Porto Alegre: UE- Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1999, pp. 92-97.
38. SILVIO, Julio. *Os contos de Simões Lopes Neto*. In: Revista das Academias de Letras. Rio de Janeiro, n. 36, ago. 1941, pp. 244-56.
39. SILVIO, Júlio. Os contos de Simões Lopes Neto. In: Revista das Academias de Letras. Rio de Janeiro, n. 36, p. 194.
40. SLONSKI, Ana Tereza. *Negrinho do Pastoreio de Simões Lopes Neto*. In: Estudos Leopoldenses. São Leopoldo: n. 1, pp. 55-77.
41. SOBREIRO JR., Valter. *Contos Gauchescos: uma experiência cênica*. In: Simões Lopes Neto. Cadernos Porto Vírgula, n. 17. Porto Alegre: EU – Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1999, pp. 84-87.
42. SPALDING, Walter. Introdução. In: LOPES NETO, João Simões. *Terra Gaúcha*. Porto Alegre: Sulina, 1955.
43. SPALDING, Walter. *Simões Lopes Neto*. In: Construtores do Rio Grande. Vol. II. Porto Alegre: Sulina, 1970, pp. 129-33.
44. TEIXEIRA, Jerônimo. *O silêncio quando a fogueira apaga*. In: Simões Lopes Neto. Cadernos Porto e Vírgula, n. 17. Porto Alegre: UE- Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1999, pp. 44-53.
45. VELINHO, Moysés. *A Carreira póstuma de Simões Lopes Neto*. In: Letras da Província. 2. Ed. Porto Alegre: Globo, 1960, pp 251-264. (Publicada pela primeira vez como “Apresentação”, in LOPES NETO, João Simões.

- Contos e Lendas. Coleção Nossos Clássicos. Rio de Janeiro: Agir, 1957.
46. WEBER, João Hernesto. *Um ancestral de Riobaldo*. In: Simões Lopes Neto. Cadernos Porto e Vírgula, n. 17. Porto Alegre: UE/ Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1999, pp. 28-37.

4.3 - Jornais

47. *A data, a página e João*. In: Correio do Povo. Porto Alegre: 9-3-1965.
48. AFONSO, Wilson. *1884: Um Caso de Capa e Espada 'nas Coxilhas'*. In: Caderno de Sábado, Correio do Povo, Porto Alegre, 29-1-1979.
49. AMBROZIO, Leonilda. *Negrinho do Pastoreio: o mediador*. In: Caderno de Sábado. Correio do Povo, Porto Alegre, 6- 9 –1980.
50. ARINOS, Paulo [Moysés Vellinho]. *Sobre um acerto*. In: Correio do povo, Porto Alegre, 7-9-1922.
51. ARINOS, Paulo. *Alma bárbara*. In: Correio do Povo, Porto Alegre: 23-9-1923.
52. ARMANDO, Maria Luiza de Carvalho. *A quase-ausente: o machismo na literatura gaúcha*. In Caderno de Sábado. Correio do Povo, Porto Alegre, 16-2-1980.
53. BORGES, Luís. *O aniversário do tio Joca* In: Diário Popular, Pelotas, 9-3-2000.
54. BORGES, Luís. *Os 135 anos de nascimento de João Simões Lopes Neto*. In: Diário da Manhã, Pelotas, 9-3-2000.
55. CARLE, Ricardo. *O eterno retorno de Simões Lopes Neto*. In: Zero Hora. Porto Alegre: 30-9-1998.
56. CARLE, Ricardo. *Um diálogo entre Simões e Aurélio*. In: Zero Hora. Porto Alegre: 8-6-1999.
57. CESAR, Guilhermino. *O exagero e o fantástico nos "Casos do Romualdo"*. In: Caderno de Sábado. Correio do Povo, Porto Alegre, 7 – 10 - 1972.
58. CÉSAR, Guilhermino. *Os bons negócios do Capitão João Simões*. In: Caderno de Sábado. Correio do Povo, Porto Alegre, 15-6-1974.
59. CHAVES, Flávio Loureiro. *A conquista da linguagem*. In: Caderno de Sábado. Correio do Povo, Porto Alegre, 1-11-1980
60. CHAVES, Flávio Loureiro. *A viagem de Blau Nunes*. In: Caderno de Sábado. Correio do Povo, Porto Alegre, 11-10-1980.
61. CHAVES, Flávio Loureiro. *Blau e vancê*. In: Caderno de Sábado. Correio do Povo, Porto Alegre, 25-10-1980
62. CHAVES, Flávio Loureiro. *O regionalismo universal de Simões Lopes Neto*. In: Revista ZH. Zero Hora Porto Alegre: 21-9-1980.
63. CHAVES, Flávio Loureiro. *Regionalismo universal de Simões Lopes Neto*. In Zero Hora, Porto Alegre, 21-9-1980.
64. CRUZ, Ronaldo. *Simões Lopes*. In: Correio do Povo. Porto Alegre: 10-8-1980.
65. CUNHA, Maria Luíza de; CARVALHO, Armando . *A quase-ausente: o machismo na literatura gaúcha*. In: Caderno de Sábado. Correio do Povo, Porto Alegre, 16-2-1980.

66. CUNHA, Maria Luiza de; CARVALHO, Armando. *Pode parecer exagero...*
In: Caderno de Sábado. Correio do Povo, Porto Alegre, 7-10-1972.
67. DEGRAZIA, José Eduardo. *Simões Lopes Neto e o regionalismo gaúcho*. In:
Zero Hora, 8-4 –1989.
68. EITELWEIN, Gilmar. *Simões Lopes Neto – nosso Camões, 70 anos depois*.
In: Zero Hora. Porto Alegre: 14- - 6- 1986.
69. FELIZARDO, Joaquim José. *Ritmo, harmonia e beleza da forma*. In:
Caderno de Sábado. Correio do Povo, Porto Alegre, 27-5-1978.
70. FELTEN, Rui Roberto. *Descobertos textos de Simões Lopes Neto*. In: Zero
Hora Porto Alegre: 27-7-1989.
71. FILIPOUSKI, Ana Mariza. *O Papel do narrador em Melância-Côco Verde*.
In: Caderno de Sábado. Correio do povo, Porto Alegre, 21-6- 1980.
72. GHISOLFI, Alda Maria do Couto. *Romualdo: o caso da fragmentação do
mito*. In: Caderno de Sábado. Correio do Povo, Porto Alegre, 21-6-1980.
73. GOES, Francisco. *Escritor nasceu na Estância*. In: Campo e Lavoura. Zero
Hora. Porto Alegre, 18-11- 1994.
74. GOULART, Antônio. *O lado bizarro de Simões Lopes Neto*. In: Almanaque
gaúcho. Zero Hora, Porto Alegre, 21-12-1999.
75. HEEMANN, Cláudio. *Fragmentos de Simões Lopes Neto*. In: Zero Hora.
Porto Alegre: 22-3-1991.
76. HOHLFELDT, Antônio. *A história gaúcha em três lendas de João Simões
Lopes Neto*. In: Caderno de Sábado. Correio do Povo. Porto Alegre, 5-5-
1979.
77. LESSA, Barbosa. *Romualdo*. In: Zero Hora. Porto Alegre: 10-7-1999.
78. LIMA, Alcides de Mendonça. *Simões Lopes Neto – uma grande pequena
vida*. In: Letras e Livros , 27-3-1982.
79. LOPES, José Antônio Dias. *A alma das salamancas*. In: Caderno de Sábado.
Correio do Povo. Porto Alegre, 30-12-1967.
80. MAGALHÃES, Mário Osório. *No rastro de uns olhos*. In: Diário popular,
Pelotas: 20-7- 1991.
81. MAGALHÃES, Mário Osório. *Um conto inédito de Simões Lopes Neto*. In:
Diário popular, Pelotas: 10-3- 1985.
82. MARIZ, Antonio de. *Contos Gauchescos*. In: Opinião Pública, Pelotas, 17-
11-1913.
83. MARTINS, Wilson. *Escritor representativo*. In: Jornal do Brasil, Rio de
Janeiro, 28-5-1983.
84. MÁSINA, Léa Silvia dos Santos. *Os contos de Simões Lopes Neto e Alcides
Maya*. In: Caderno de Sábado. Correio do Povo, Porto Alegre, 30-6-1979.
85. MELO, C. *Simões e Borges, talvez mais que vizinhança*. In: Letras e Livros.
Porto Alegre: 30-1-1982.
86. MEYER, Augusto. *O Grande Simões Lopes*. In: Correio do Povo, Porto
Alegre, 26-8-1926.
87. *Mil novecentos e sessenta e cinco, Ano de Simões Lopes*. Recorte encontrado
na biblioteca municipal de Porto Alegre, sem maiores indicações. Segundo
Haroldo Ferreira, é provável que se trate da Revista do Globo.
88. MIRANDA NETTO. *Os desgarrados dos pagos*. Correio do Povo, Porto
Alegre, 20-1-1980.

89. MIRANDA NETTO. *Poemas Farrapos*. In: Correio do povo, Porto Alegre, 28-11-1978.
90. MONQUELAT, Adão Fernando. *Capitão João Simões Lopes... e sua cia. de Joões*. In: Diário da Manhã, Pelotas: 30-6-1991.
91. MONQUELAT, Adão Fernando. *Simões Lopes Neto: a face romântica*. In: Diário da Manhã, Pelotas: 16-6-1991.
92. *Monstro sagrado do regionalismo gaúcho é fabricante dos cigarros marca Diabo*. In: Zero Hora. Porto Alegre: 3-5-1981.
93. MOURA, Reinaldo. *Simões e Alcides*. In: Correio do Povo. Porto Alegre, 24-2-1956.
94. OSTERMAN, Ruy Carlos. *A aposta e a morte no grande Simões Lopes Neto*. In: Zero Hora, 27-9 1997.
95. PILLA, Eda Heloísa Teixeira. *O Negrinho do Pastoreio segundo a análise estrutural de Vladimir Propp*. In: Caderno de Sábado. Correio do Povo. Porto Alegre: 15-2-1975.
96. SCHLEE, Aldyr Garcia. Introdução, estabelecimento de texto e comentários. *Contos Gauchescos*. Edição paradidática. Porto Alegre: Novo Século, 2000, pp. 7-14.
97. PORTO, Jussara. *O teatro de Simões Lopes Neto*. In: Zero Hora . 13-3-1991.
98. *Presença de Simões Lopes Neto na história literária do país*. In: Correio do Povo. Porto Alegre, 9-3-1965.
99. *Reverbela revela aventuras de um capitão da Guarda*. In: Zero Hora. Porto Alegre: 3-5-1981.
- 100 REVERBEL, Carlos. *O Jornalista Simões Lopes Neto*. In: Correio do Povo, Porto Alegre, 25-12-1965.
- 101 REVERBEL, Carlos. *A edição do centenário*. In: Correio do Povo, Porto Alegre, 31-1-1965.
- 102 REVERBEL, Carlos. *Bilac em Pelotas*. In Correio do Povo, Porto Alegre, 13-12-1964.
- 103 REVERBEL, Carlos. *De Simões Lopes e Alcides Maya*. In: Correio do Povo, Porto Alegre, 31-10-1965.
- 104 REVERBEL, Carlos. *De Simões Lopes e Alcides Maya*. Porto Alegre, Correio do Povo, 31-10-1965.
- 105 REVERBEL, Carlos. *Dona Velha*. In: Correio do Povo, Porto Alegre, 3-1-1965.
- 106 REVERBEL, Carlos. *João Simões Lopes Neto: em novo texto exumado (O Rio Grande à Vol D'oiseau, 1888)*. In: Correio do Povo, Porto Alegre, 27-12-1981.
- 107 REVERBEL, Carlos. *João Simões Lopes Neto: em outro texto exumado (A Mandinga, primeiro capítulo de um Folhetim)*. In: Correio do Povo, Porto Alegre, 3-1-1981.
- 108 REVERBEL, Carlos. *O Baú*. In: Correio do Povo, Porto Alegre, 22-6-1977.
- 109 REVERBEL, Carlos. *O Poeta e o Negrinho*. In: Correio do Povo, Porto Alegre, 17-1-1965
- 110 REVERBEL, Carlos. *Questão aritmética*. In: Folha da Tarde. Porto Alegre: 26-11-1979.
- 111 REVERBEL, Carlos. *Rua João Simões*. In: Correio do Povo, Porto Alegre, 7-

- 2-1965.
- 112 REVERBEL, Carlos. *Solidarismo bibliográfico*. In: Folha da Tarde, Porto Alegre: 7-11- 1979.
- 113 REVERBEL, Carlos. *Um esboço biográfico de Simões Lopes Neto*. In: Caderno de Sábado. Correio do Povo, Porto Alegre, 12-6-1971.
- 114 REVERBEL, Carlos. *Um escritor homenageia sua cidade*. In: Zero Hora. Porto Alegre: 9-8- 1994.
- 115 *Rio Grande comemora os 120 anos Simões Lopes Neto*. In: Jornal do Comércio. Porto Alegre: 8-8-1985.
- 116 SANTOS, Francisco de Araújo. *O drama do homem no cenário da cidade*. In: Letras e Livros. Porto Alegre: 5-12-1981.
- 117 SANTOS, Klécio dos. *Pelotas reunirá originais de Simões Lopes*. In: Zero Hora. Porto Alegre: 18-6-1998.
- 118 SCHLEE, Aldyr Garcia. *Blau Nunes*. In: Zero Hora. Porto Alegre: 2-10-1999.
- 119 DINIZ, Carlos Francisco Sica. *Olhos de remorso*. In: Diário da Manhã, Pelotas, 7-7-1991.
- VÁRIOS. Caderno de Sábado. Correio do Povo. Porto Alegre, 12-6-1971. (Número especial sobre Contos Gauchescos e Lendas do Sul).
- 120 SOARES, Mozart Pereira. *Sensorialismo na arte de dizer de João Simões Lopes Neto*. In: Cadernos de Sábado. Correio do Povo. Porto Alegre, 22-3-1969, 29-3-1969, 12-4-1969.
- 121 SOARES. *Por que Blau Nunes?* In: Correio do Povo. Caderno de Sábado. Porto Alegre: 20-7-1974.
- 122 VÁRIOS. Caderno de Sábado. Correio do Povo, Porto Alegre, 7-10-1972. (Número especial Sobre Casos do Romualdo).
- 123 VELINHO, Moysés (pseud. Paulo Arinos). *Sobre um acerto*. In: Correio do Povo, Porto Alegre, 7-9-1922.
- 124 VELINHO, Moysés, (pseud. Paulo Arinos). *Alma Bárbara*. In Correio do povo, Porto Alegre, 23-9-1923.
- 125 VERGARA, Pedro. *João Simões Lopes*. In: Correio do Povo, Porto Alegre: 11-7-1965.

4.4 - Livros

- 126 BARCELOS, Ivete Massot Simões Lopes. *Simões Lopes na intimidade*. Porto Alegre: Bels, 1974.
- 127 BERNARDI, Francisco. *As bases da literatura rio-grandense: história, autores e textos*. Porto Alegre: AGE editora, 1997, pp. 23-32.
- 128 BILAC, Olavo. *O Negrinho do Pastoreio*. In: Últimas Conferências e Discursos. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1927.
- 129 CHAVES, Flávio Loureiro. *História e literatura*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1994, p. 61-63.
- 130 CHAVES, Flávio Loureiro. *Matéria e invenção: ensaios de literatura*. Porto Alegre: UFRGS, 1994, p. 35-48.
- 131 CHAVES, Flávio. *Simões Lopes Neto: regionalismo e literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

- 132 FILLIPOUSKI, Ana Mariza (em colaboração com Luiz Arthur Nunes, Maria da Glória Bordini e Regina Zilberman) . *Simões Lopes Neto: a invenção, o mito e a mentira*. Porto Alegre: Movimento / IEL, 1973.
- 133 LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Modernismo no Rio Grande do Sul: materiais para o seu estudo*. São Paulo: IEB/USP, 1977.
- 134 LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Regionalismo e modernismo: o caso gaúcho*. São Paulo: Àtica, 1978.
- 135 MASSOT, Ivete Simões Lopes Barcelos. *Simões Lopes Neto na Intimidade*. Porto Alegre: Bels, 1974.
- 136 MONQUELAT, Adão Fernando; MAGALHÃES, Mário Osório; SICA DINIZ, Carlos F. *Novos textos simonianos*. Pelotas: Confraria Cultural e Científica Prometheu – Livraria Lobo da Costa , 1991.
- 137 MOREIRA, Ângelo Pires. *O civismo e o espírito militar de João Simões Lopes Neto*. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 1999.
- 138 MOREIRA, Ângelo Pires. *A outra face de J. Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor (Vol. I), 1983.
- 139 POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: Movimento/ IEL, 1974, pp. 46-54.
- 140 PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis da fala*. 2. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1975, p 176 seg.
- 141 REGO, José Lins do. *Gordos e Magros*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942, p. 198.
- 142 REVERBEL, Carlos. *Um Capitão da Guarda Nacional: vida e Obra de J. Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1981.
- 143

4.5 - Obras de Referência

- 144 ALZUGARAY, Domingos; ALZUGARAY, Cátia (editores). *Dicionário biográfico universal*. Vol. 4. São Paulo: editora Três, 1983, p. 184.
- 145 CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964, p. 249.
- 146 CIVITA, Victor (editor). *Grande Enciclopédia Larrousse*. Vol. 15. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 3527.
- 147 CIVITA, Victor. *Dicionário biográfico dos grandes brasileiros*. São Paulo: Abril Cultural, p. 393.
- 148 Enciclopédia BARSÁ. São Paulo: editora Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 1990, p. 286.
- 149 GOMES, Celuta Moreira e Aguiar, Thereza da Silva. *Bibliografia do conto brasileiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1918, pp. 242-243
- 150 LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1967, p. 194.
- 151 MURAT-LESSA. *Dicionário Bio-bibliográfico brasileiro*. Ilustrado. Vol. 4. Vultos do Brasil. São Paulo: Eliyahu Behar, s/d, p. 827.
- 152 OLIVEIRA, Carolina Ribeiro Rennó de. *Biografias de personalidades célebres*. 22. ed. São Paulo: editora LISA, 1990, p. 321.

153 PAES, José Paulo. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1967, p. 142.

4.6 - Teses

- 154 ARMANDO, Maria Luiza de Carvalho. *Le regionalism Littéraire et le "Mythe du gaúcho" dans L'extrême sud Brésilien* (Le cas de Simões Lopes), tese de 3º ciclo preparada na École de Hautes Études de L'Amérique Latine, université de Paris III, Sorbonne Nouvelle (4 vols.), 1984.
- 155 ARMANDO, Maria Luiza de Carvalho. *Littérature, Mythe, Idéologie, Societé: Le cas de l'extrême sud Brésilien*. (mimeo), memória apresentada ao instituto de Hautes Études de L'amerique Latine, Université de Paris III, 1976.
- 156 CHAVES, Flávio loureiro. *A cinza e a semente* (Regionalismo e ficção de João Simões Lopes Neto), tese de doutoramento apresentada e defendida na Universidade de São Paulo, 1980.
- 157 GHISOLFI, Alda Maria do Couto. *Simões Lopes Neto e Alcides Maya: a desmitificação do Gaúcho*. Dissertação de mestrado (mimeo). Porto Alegre: PUC, 1979.
- 158 LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Linguagem, gesto e história: uma hipótese de trabalho com a fala de Blau Nunes na escrita de João Simões Lopes Neto*. (Inédito)
- 159 LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Notas sobre Simões Lopes Neto e o nacional popular*. (Inédito)
- 160 POMBO, Glória Maria. *Contos e Lendas do Sul*. Monografia de licenciatura em Letras apresentada à Universidade Católica de Pelotas, 1973.

4.7 - Trechos de Livros

- 161 BOSI, Alfredo. *O pré-modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1966, pp. 62-65.
- 162 BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970, p. 238-240.
- 163 FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- 164 GRIECO, Agripino, *Evolução da prosa brasileira*. 2. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947, pp. 131-133 [1ª ed. 1933, pp. 170-171.]
- 165 MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. Vol. V. São Paulo: Cultrix, 1978, pp. 445 e 501-504.
- 166 MEYER, Augusto. *O grupo gaúcho*. In: *A literatura no Brasil*. Vol. 3. COUTINHO, Afrânio (org.). Rio de Janeiro: Sul Americana, 1955.
- 167 MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de Ficção – de 1870 a 1920*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, pp. 215-24.
- 168 SANTOS, Volnyr. *Apontamentos de literatura gaúcha*. Porto Alegre: Sagra, 1990, pp. 26-28.
- 169 SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio grande do Sul*. 2. ed., Porto Alegre: Livraria do Globo, 1930, pp. 155-162.

- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira. 4. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, pp. 409-410*
- 170 VERÍSSIMO, Érico. *Brazilian Literature, na Outline*. Nova Iorque: Greenwood Press, 1945, p. 94.
- 171 ZILBERMAN, Regina. *Do mito ao romance* (Tipologia da ficção brasileira contemporânea). Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul/ Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. Porto Alegre, 1977, pp. 153-170.